

Maria do Socorro de Souza Vieira

ENCANTOS E DESENCANTOS
DO USO DE DROGAS
NA ATUALIDADE



EDITORA DO
CCTA

CCTA Open Access

ENCANTOS E DESENCANTOS DO USO DE DROGAS NA ATUALIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES REITORA
Margareth de Fátima Formiga Diniz VICE-REITORA
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira



DIRETOR DO CCTA
José David Campos Fernandes
VICE-DIRETOR
Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL
Carlos José Cartaxo
Gabriel Bechara Filho
José Francisco de Melo Neto
José David Campos Fernandes
Marcílio Fagner Onofre
EDITOR
José David Campos Fernandes
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL
Paulo Vieira
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO COORDENADOR
Pedro Nunes Filho

MARIA DO SOCORRO DE SOUZA VIEIRA

ENCANTOS E DESENCANTOS DO USO
DE DROGAS NA ATUALIDADE

EDITORA DO CCTA
JOÃO PESSOA
2017

Capa: David Fernandes

Projeto gráfico: Luiz Alberto

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

V658e	Vieira, Maria do Socorro de Souza. Encantos e desencantos do uso de drogas na atualidade / Maria do Socorro de Souza Vieira. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. 305 p. : il. ISBN: 978-85-9559-056-4 1. Drogas. 2. Dependência Química. 3. Drogas – Consumo. 4. Drogas – Aspectos Sociais. I. Título. UFPB/BS-CCTA CDU: 615.32
-------	--

Foi feito depósito legal

Todos os textos são de responsabilidade do autor.

EDITORA DO CCTA/UFPB

Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

A Kaylle e Kalyne, filhas e companheiras que a vida me presenteou. Com elas também pude compartilhar todos os desafios da aventura deste trabalho.

À professora Dra. Márcia Regina da Costa, em memória, coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Antropologia Urbana da PUC/SP, até 2007 e orientadora do estudo de doutorado que originou este livro.

AGRADECIMENTOS

Devo profundo agradecimento e respeito aos dependentes de droga, personagens deste estudo, que me confiaram seus relatos e histórias. Neste trabalho de reconstrução de vidas, criamos vínculos de amizade que ultrapassaram o período da pesquisa.

Entre muitas pessoas que participaram da construção deste estudo, com leituras críticas e revisões, agradeço aos professores: Dr. Rinaldo Arruda e Dra. Caterina Koltai da PUC/SP; Dra. Márcia Aparecida de Oliveira da USP/SP; Dra. Eliana Moreira, Dra. Tereza Queiroz, Dra. Simone Maldonado, Me. Nilza Cirne e Me. Francelino Soares da UFPB.

Aos financiadores desta obra: à CAPES pela bolsa de apoio à pesquisa e à UFPB pelo financiamento da publicação.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
PREFÁCIO.....	11
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1 – O AJUSTE DO FOCO E OS ITINERÁRIOS DA PESQUISA.....	49
CAPÍTULO 2 – A DROGA E O SAGRADO EM DIFERENTES UNIVERSOS CULTURAIS.....	127
CAPÍTULO 3 – DROGA, RISCO E ENCANTAMENTO: A INCURSAÇÃO DO JOVEM NO MUNDO ESPETACULAR.....	177
CAPÍTULO 4 – DROGA, DIVERSÃO E RISCO: ESTRATÉGIA DE DEFESA OU CONFORMAÇÃO À LÓGICA NO MUNDO DO TRABALHO.....	229
CONCLUSÕES.....	283
REFERÊNCIAS	297

PREFÁCIO

O livro de Socorro Vieira, que é resultado de sua tese de doutorado defendida na PUC-São Paulo, vem contribuir, em tempo oportuno, para a compreensão desse fenômeno tão complexo e presente na atualidade, que é a dependência das drogas. Vivemos atualmente em um cenário em que os danos humanos e materiais resultantes do tráfico e do consumo exacerbado de drogas parecem ter chegado ao limite. Há um debate intenso acerca da descriminalização ou não das drogas em nossa sociedade, em que se confrontam de forma apaixonada defensores e opositores da medida. Nesse cenário confuso, os resultados de uma pesquisa que escutou a experiência de vida e trajetórias de consumo de ex-dependentes ou dependentes em tratamento de drogas podem esclarecer aspectos importantes da questão e colaborar na busca mais serena de saídas para os atuais impasses.

O consumo e a dependência de drogas são um tema cercado de preconceitos e moralismos, e sofrem a intervenção de variadas ciências como a medicina, a psicologia, a sociologia, a antropologia, além da ação de religiosos, professores, e outros especialistas. O interesse dessa pesquisa ora publicada é a abordagem adotada, que transita entre a sociologia e a

antropologia, com incursões na psicanálise, para desvendar os dilemas dos sujeitos na contemporaneidade, sua fragilidade e desamparo numa sociedade que perdeu seus deuses e suas certezas, além de pressioná-los num clima competitivo pela busca incessante do prazer e do sucesso. A dependência da droga é vista, nesta perspectiva, não como doença, mas como um sintoma do sofrimento dos sujeitos. As falas das pessoas entrevistadas sobre suas trajetórias de consumo de drogas são elucidativas a este respeito. A pesquisa distancia-se assim de abordagens centradas em dimensões organicistas e também daquelas que focalizam apenas a problemática individual dos dependentes.

Um aspecto que se destaca no trabalho é a escuta atenta e prolongada dos relatos dos próprios sujeitos, que se tornaram dependentes de drogas e que estavam, no momento da pesquisa, em busca de superação da dependência, seja através de internamentos em clínicas especializadas, seja em grupos de apoio que trabalham com a questão da dependência. Este parece ser um momento especialmente adequado para um olhar retrospectivo sobre a vida, em busca de entendimento sobre as razões que levaram à dependência e à procura de saída. É com base nessa matéria-prima que se tece a análise da autora, ao articular as histórias individuais com o contexto social em que se desenrolaram. As trajetórias de consumo analisadas referem-se, principalmente, a dependências de álcool, maconha e cocaína.

A proximidade da pesquisadora com os sujeitos não foi obra do acaso, mas consequência de seu envolvimento anterior com grupos de apoio a dependentes, o que lhe conferiu uma sensibilidade maior aos relatos e um clima de confiança indispensável ao trabalho de rememoração de sofrimentos passados e de dificuldades presentes. Merece registro a forma como a pesquisadora encontrou os sujeitos, sua forma de abordá-los, a paciência com seus tempos e momentos, o respeito que impregnou todas as conversas e abordagens. Esse cuidado, indispensável ao pesquisador que trabalha com temas delicados e difíceis de exposição e de fala, resultou num ambiente de mútuo respeito, que se desdobrou nas falas sofridas e reflexivas dos sujeitos sobre suas experiências de vida e sobre suas relações com as drogas. Ouvir os próprios sujeitos sobre seus dilemas e dificuldades representa uma contribuição importante deste trabalho, e o distingue de outros onde a dificuldade de acesso aos dependentes impediu análises mais embasadas dos relatos autorais dos sujeitos, em suas próprias interpretações sobre suas vidas e sua relação com as drogas. Em algumas das pessoas entrevistadas, a disposição para o relato de sua história de vida foi motivada por uma inclinação generosa de poder ajudar outros sujeitos que enfrentam problemas semelhantes.

Outra contribuição relevante do trabalho é a retrospectiva que faz do uso de drogas em sociedades tradicionais, principalmente sociedades indígenas. Constata-se que em

todas as sociedades ocorre o uso de substâncias psicoativas ou alucinógenas, porém o sentido e o contexto de uso delas variam consideravelmente de uma para outra. Em sociedades tradicionais, o uso dessas substâncias tem em geral um sentido de ligação com o sagrado, e é utilizado em rituais coletivos que conferem unidade aos grupos e atribuem significados às suas existências terrenas. São bem definidos nessas sociedades os momentos adequados ao uso, sua intensidade, existindo assim normas e concepções que regulam e conferem significado ao consumo das substâncias. E esse olhar sobre outros povos, sobre outras culturas e formas de vida, ajuda na compreensão do que ocorre em nossas sociedades modernas ou de alta modernidade. Precisamos sempre dos outros para nos enxergar no espelho em que nossas imagens são refletidas e perceber nossas diferenças e especificidades, identificando assim como o uso das substâncias psicoativas relaciona-se intimamente com as diferentes visões de mundo, racionalidades e lógicas de cada universo sociocultural.

Assim, damos-nos conta de que, ao contrário do uso de drogas em sociedades tradicionais, nas quais elas têm funções terapêuticas, sociointegradoras e mitológicas, em nossas sociedades, o consumo dessas substâncias é feito principalmente de forma individualizada, em espaços de lazer e/ou privados. Neste contexto, o uso de drogas reflete a busca por euforia, por prazer, por desmedida, além da busca por um preenchimento da sensação de vazio e de falta de sentido

da vida, que dá origem a uma forma particular de uso das drogas: a dependência. Nas palavras da própria autora,

“a forma intensificada de uso de droga, reconhecida com dependência, é, portanto, específica da contemporaneidade, evidenciando uma busca insaciável por algo, em substituição ao sagrado, que atribua ou devolva sentido de existência aos atores sociais”. (p.164).

Ao se debruçar sobre os relatos dos ex-usuários ou usuários em tratamento, sobre suas trajetórias, dois momentos foram privilegiados para organizar as experiências: o momento inicial, de descoberta e encantamento com as drogas, e o momento final de uso, quando o desencanto e o desejo de rompimento com a dependência se manifestam.

Todos os relatos destacam a iniciação ao consumo de substâncias psicoativas, as motivações presentes, o encantamento com a descoberta das novas sensações experimentadas. O momento da adolescência é, para a maioria deles, quando ocorre a iniciação no processo de consumo de drogas, correlato à formação de novos grupos de referência e às dificuldades envolvidas nesta fase da vida em nossa sociedade. A adolescência, momento do curso da vida próprio das sociedades modernas, deixa à deriva os sujeitos que, embora quase adultos, não têm ainda um lugar definido na sociedade. Apesar da glamourização feita pelos meios de comunicação de massa, a adolescência não é uma fase

tranquila. É um momento em que se tornam mais nítidas as exigências e expectativas de sucesso e se toma consciência da árdua tarefa de vencer na vida, tempo de escolhas precoces para o futuro, e de percepção das dificuldades e fragilidades dos sujeitos em face dessas demandas e tarefas. “Em nossas sociedades contemporâneas, a adolescência é um momento de pausa, em que as antigas referências de segurança desaparecem enquanto as novas ainda não se formaram” (LE BRETON, 2009, p.32), demarcando, assim, muitas incertezas e angústias.

O imperativo do sucesso, da afirmação de superioridade sobre os outros, está presente nos relatos dos entrevistados, ao se referirem ao momento em que vivenciaram a adolescência. A droga aparece assim como tábua de salvação, como instrumento de mediação para obter a sensação de onipotência que os sujeitos almejam. Ela é também pensada como elemento de afirmação, de coragem por ousar confrontar os regulamentos paternos, sintoma de “autonomia” e vontade própria. Mas autonomia é exatamente o que eles perdem quando entram na condição de dependência e passam a ser comandados pela exigência do consumo de drogas, percepção que só tardiamente se torna consciente.

Além do contexto da vida contemporânea, que valoriza a competição, o sucesso a todo custo, a superioridade sobre os outros, os condicionantes familiares e de outros vínculos sociais são também evidenciados nos relatos. Em alguns, é

o desamparo e a falta de cuidado dos pais com a formação dos filhos, o sentimento de impotência com as tarefas do mundo adulto, que influenciam em suas escolhas; em outros casos, é o excesso de rigidez e de expectativas familiares que conduz ao caminho da droga. Esta passa a ser encarada então como afirmação de independência e como anestésico em face da angústia da possibilidade do fracasso, da sensação de impotência diante do que é demandado.

Identificamos assim a presença de elementos subjetivos no caminho da dependência das drogas. De início, o uso da maconha representa apenas uma prática de subversão juvenil, em geral utilizada coletivamente pelos adolescentes, em momentos de lazer. É com a progressão do consumo e a associação com as questões pessoais referentes às angústias e dificuldades no enfrentamento dos outros, e do sentimento de inadequação diante dos valores culturais da competitividade e do sucesso a todo custo, que se instala o processo de dependência.

Na vida adulta, é em torno do mundo do trabalho, suas exigências e inseguranças na sociedade de economia flexível, que se consolida a dependência da droga. A autora traz à cena um caso que é exemplar pelo que diz sobre o mundo contemporâneo e sua lógica laboral. Trata-se de uma pessoa com a profissão de cinegrafista, que atuou em emissora de televisão. Vivia, portanto, no meio do furacão, diretamente envolvida na produção do mundo espetacular e suas

fantasias. As exigências que aí se colocavam de performances extraordinárias, de tarefas arriscadas, de estar sempre a postos para as demandas, ao lado de outros fatores, levaram-na à necessidade de consumir drogas, que funcionavam como amortecedores dos medos e inseguranças, garantindo o pique, além de suas reais possibilidades físicas. Assim se apagavam os medos e temores de um sujeito concreto, transformando-o numa representação ampliada e onipotente de si mesmo, que é dominada por um sentimento de invulnerabilidade e completude, pelo menos enquanto durava o efeito das substâncias consumidas. Na perspectiva da psicanálise, ocorre aí o apagamento do sujeito, que é pensado sempre como conflito, incompletude, vulnerabilidade.

Os relatos falam também da progressiva tomada de consciência da dependência, da perda de controle sobre o uso das drogas, da percepção de que passaram a ser controlados por ela, além das lutas árduas para conseguir superar a condição de dependência, com muitas idas e vindas, recaídas e novas tentativas.

São também falas sobre a percepção da condição humana comum de fragilidade, da necessidade de enfrentar o mundo com os sucessos e os fracassos, as forças e as fragilidades que são comuns a todos nós.

Trata-se, portanto, de um livro que provoca muitas reflexões, que chama a atenção sobre a vertigem da nossa época, marcada pela excessiva competição, culto ao sucesso

e ao vencedor, ao individualismo exacerbado, ao risco e à insegurança. O entendimento sobre o uso e dependência da droga não se completa se não se levar em conta o contexto maior em que os sujeitos e suas subjetividades estão envolvidos.

E como um argumento a mais para estimular a leitura deste livro, destaco que, ao situar-se na linhagem de trabalhos que exploram dimensões culturais e psicanalíticas, ele questiona perspectivas deterministas, onde as ações dos sujeitos são pensadas sem a mediação da cultura e da subjetividade, e são interpretadas apenas como imposições da genética, deixando de lado a dimensão simbólica do comportamento humano e a relativa liberdade dos sujeitos que sempre dispõem de uma margem de escolha e decisão próprias.

João Pessoa, março de 2017.

Tereza Correia da Nóbrega Queiroz

Coordenadora do PPGSS/UFPB

INTRODUÇÃO

Este livro é resultado de uma pesquisa de doutoramento financiada pela CAPES, realizada em 2002, no Programa de Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP, sobre o consumo de drogas por usuários de dois serviços: o Programa de Atendimento a Dependentes Químicos – PAIAD/UFPB, em João Pessoa - Paraíba, e o Instituto Recife de Atenção Integral às Dependências - RAID, em Recife – Pernambuco,.

O estudo focaliza a dependência de droga na sociedade ocidental moderna como fenômeno social, cuja dinâmica, densidade e formas de expressão são específicas da atualidade. A análise procura, então, centrar-se e demarcar limites na dimensão sociocultural da questão. Toma como objetivo examinar o impacto da contemporaneidade¹ sobre a trajetória de uso de substâncias psicoativas por indivíduos que se tornaram dependentes.

Através da reconstrução da memória dos sujeitos da pesquisa, o estudo tem como proposta: identificar as alterações

1 Nesta análise, a noção de contemporaneidade é empregada no sentido de tempo social, para caracterizar o momento atual da modernidade, no qual o ritmo dos acontecimentos e das mudanças, que orienta os estilos de vida dos atores sociais, torna-se mais intenso. O movimento e o excesso, conforme Balandier (1997a, 1997b), são as principais marcas da sociedade nesses novos tempos. A análise sobre as características específicas da contemporaneidade será desenvolvida no Capítulo I deste trabalho.

na intensidade do vínculo e na relação desses sujeitos com a droga, no decorrer do percurso de uso e correlacionar essas alterações à forma como esses atores sociais agem e reagem aos riscos e às incertezas cotidianas, conforme os imperativos e os valores de busca de sucesso e de destaque predominantes nessa sociedade.

A ideia norteadora da pesquisa parte do pressuposto de que, para alguns indivíduos, a droga torna-se importante parceira no enfrentamento de crises e situações difíceis da atualidade. A racionalidade predominante na atual competição², seus códigos, seus valores que ordenam a vida social, permeiam todos os espaços de socialização, atingindo os indivíduos de forma e intensidade variadas. Obter destaque, ser o melhor, ser o mais esperto são parâmetros de destreza na nova competição de regras imprecisas e resultados imprevisíveis. Os riscos e as incertezas, que emergem na contemporaneidade, fascinam os atores sociais com a promessa de chance de vitória, desafiando-os a testar sua competência de vencer. Mas, também, provocam desatinos ao estabelecer limites inatingíveis a se perseguirem, lançando os sujeitos ao desalento das perdas, do fracasso, da autodesvalorização.

2 As expressões "atual competição", "nova competição", "atual lógica competitiva" referem-se ao modelo de racionalidade capitalista que predomina na sociedade contemporânea desde as primeiras décadas do século XX, mais evidenciada e expandida a partir dos anos cinquenta. Conforme Lasch (1983), esta racionalidade, caracteristicamente narcisista, remodela os ideais, os valores e as relações dos indivíduos nas atuais sociedades modernas. Nesta lógica, a satisfação do próprio interesse, através da busca racional de ganhos e da acumulação de riqueza predominantes nas sociedades capitalistas, ganha um novo incremento e até dá lugar à procura incessante de prazer e de sobrevivência psíquica. Estas reflexões serão detalhadas no Capítulo 1.

A droga³ eclode, pois, no atual contexto, auxiliando os sujeitos no confronto com os obstáculos do dia a dia. Torna-se importante suporte para que o indivíduo possa sozinho enfrentar suas crises, seus medos. De um lado, ela fomenta euforia, ânimo e coragem que lhe permitem permanecer na luta para alcançar a vitória; de outro, atua como anestésico, aplacando a angústia e o sofrimento psíquico causados pelos sentimentos de incompetência e de fracasso cotidiano, pelo desalento da incapacidade de vencer.

O estudo segue a linha de interpretação das ciências sociais que dialoga com a psicanálise freudiana. Compreende a dependência de droga na perspectiva da relação do sujeito com a substância, a partir de vínculos estabelecidos por imperativos sociais. Naturalmente, essa perspectiva se diferencia da visão médica, marcadamente centrada nos aspectos orgânicos do indivíduo e nas características químicas do produto, ainda bastante presente na produção teórica sobre o conceito de dependência.

Sem dúvida, ao longo de três séculos, a Medicina manteve-se à frente do debate, garantindo sua autoridade

3 O termo droga aparece com significados diversificados, por vezes ambíguos, no vocabulário corrente e científico de vários idiomas. Remédio, narcótico, anestésico, veneno, tóxico são os mais comuns. Nos dias atuais, entretanto, tem-se atribuído à palavra uma carga semântica negativa, associada à delinquência, morbidade, medo e degradação. Isto em virtude dos estereótipos de natureza moralista criados em relação ao uso dos produtos naturais ou industrializados. Nesta análise, o termo droga é utilizado para designar substâncias de efeitos psicoativos, alteradoras do estado mental, consumidas pelos sujeitos nos diferentes contextos culturais, como elemento ativador de energia e mediador de suas relações com os outros, consigo mesmo e com o mundo.

científica sobre o tema, só posteriormente abordado pela Psicologia e ainda pouco atraente aos cientistas sociais. Os séculos XVIII e XIX registram um considerável volume de pesquisas e de formulações teóricas da área médica em torno da construção do conceito da adição⁴ de álcool e de outras drogas como doença física, mental, degenerativa e hereditária (BERTOLOTE, 1997; BERRIDGE, 1994). E, não obstante o empenho dos especialistas e a validade científica de suas descobertas, as formulações médicas incrementavam a relação clássica entre ciência e política de ação. Na época, as inovações criaram estereótipos que favoreceram as ações higienistas e também reforçaram e legitimaram as práticas punitivas e moralistas das instituições de poder normalizador. “Insanidade moral”, “paralisia da vontade”, “transtorno da vontade” eram expressões usadas pelos médicos na definição da patologia. O Dr. Norman Kerr, em 1884, era o principal defensor inglês do conceito de doença física e hereditária atribuído à adição (BERRIDGE, op. cit.). Sua afirmação evidencia bem o espectro da anormalidade contido na definição:

Os danos morais, sociais, políticos, econômicos e espirituais causados pelo consumo excessivo de bebida eram o resultado da operação da lei natural, da ação fisiológica e patológica de um tóxico

4 O termo adição é normalmente usado com o mesmo significado de dependência de droga. A partir de 1960, há uma tendência na bibliografia médica em substituir a expressão pela palavra dependência, devido à conotação de doença, tradicionalmente atribuída à palavra. Desde 1977, o termo dependência, relacionado ao uso de droga, é o adotado nas definições da Organização Mundial de Saúde – OMS, mantendo-se até os dias atuais.

narcótico sobre o cérebro e os centros nervosos dos seres humanos dotados de uma suscetibilidade constitucional à ação desta classe de agentes tóxicos. (...) A embriaguez era o resultado de certas condições físicas, (...) o produto natural de uma organização nervosa depravada, debilitada ou defeituosa. (...) indiscutivelmente uma doença, assim como a gota, a epilepsia ou a insanidade (KERR, 1884 apud BERRIDGE, 1994, p. 17-18).

O confinamento dos aditos nos hospícios e os castigos eram práticas disciplinares de adestramento e de vigilância, que tinham o objetivo de banir a “desordem” do indivíduo e da sociedade. A precisão dos diagnósticos, os exames e a autoridade médica que atestavam a doença acabavam servindo àqueles propósitos. Segundo Foucault (1987),

(...) os controles da normalidade eram, por sua vez, fortemente enquadrados por uma medicina ou uma psiquiatria que lhes garantiam uma forma de cientificidade; estavam apoiados num aparelho judiciário que, de maneira direta ou indireta, lhes trazia sua caução legal. Assim, ao abrigo dessas duas consideráveis tutelas e aliás servindo-lhes de vínculo, ou de lugar de troca, desenvolveu-se continuamente até hoje uma técnica refletida do controle das normas (p. 259).

No final do século XIX, o avanço da psicologia médica e o florescimento das teorias freudianas sobre o inconsciente influenciavam psiquiatras e lançavam novas luzes sobre a

concepção da adição. Contudo, somente a partir da Primeira Guerra Mundial, com o aparecimento das neuroses de guerra, o conceito “reconhecido” de doença atribuída ao uso compulsivo de droga é, então, revisado. “À medida que jovens ‘normais’ e ‘respeitáveis’ eram reduzidos a destroços mentais pela guerra de trincheira”, diminuía a validade das teorias das doenças psíquicas degenerativas, com causas orgânicas e hereditárias (BERRIDGE, 1994).

Em 1919, o Dr. William Collins, então presidente da organização médica “Society for the Study for Inebriety”, refutava o conceito de doença física atribuído ao alcoolismo, questionava a noção de causas físicas da adição e sugeria a expressão “doença da vontade”. Em 1920, o oficial médico M. Nicoll explicava o uso compulsivo de substância química como resultante de “um estado de tensão que só pode ser aliviado com alguma droga”. Este estado de tensão, na compreensão do referido médico, é produzido por sentimentos de inferioridade em indivíduos de “tipo mais sensíveis”. A persistência dessa condição é o que caracteriza a patologia (BERRIDGE, op. cit.).

Portanto, no início do século XX, o paradigma centrado no indivíduo como organismo ou corpo somático e nas causas biológicas das doenças psíquicas mostra-se insuficiente para explicar a multiplicação dos transtornos da mente e efetuar sua “cura”. A partir de então, nas turbulências do pós-guerra, entra em cena a psicanálise freudiana, trazendo uma nova perspectiva explicativa e de atendimento às perturbações do

espírito. Conforme aponta Birman (1999, p. 90), embora Freud mantivesse o vocabulário biológico, desde 1890, ele rompeu com a leitura anatômica do corpo, substituindo-a pela do erotismo. A teoria freudiana sobre a sexualidade, os conceitos de pulsão, de corpo narcísico, bem como o ensaio posterior sobre o “Mal-estar na Civilização” inserem o psiquismo humano no campo do social. Estas análises se dedicam à abordagem da condição e dos impasses do sujeito na relação com o outro, na sociedade moderna.

Com a difusão da perspectiva freudiana, abre-se o espaço nas formulações do conceito das toxicomanias para a introdução dos fatores socioculturais⁵. Em 1926, a Organização Mundial de Saúde - OMS reconheceu e passou a difundir em seus trabalhos o conceito de adição apresentado pelo relatório dos Rolleston Committee. Neste conceito, a dimensão social é incluída, na alusão ao “motivo que leva o adito a refugiar-se da realidade” através da droga. Mas, os aspectos físicos da “doença” voltam ao seu lugar natural da abordagem médica, na forma de “tolerância orgânica” e de “síndrome da abstinência” (BERRIDGE, 1994). A partir da inovação do enfoque, criam-se também novas formas de atendimento para os aditos. Em

5 Os fatores ou aspectos socioculturais referem-se às condições de convivência, aos códigos, aos valores aparentemente elaborados pelos indivíduos em suas experiências cotidianas, mas que, na verdade, são impostos aos sujeitos pela sociedade. Tais aspectos, como expressa Bauman (1998, p. 17), estão “invisivelmente, mas tangivelmente, presentes em tudo que fazemos”. Eles atribuem “às coisas sobre as quais agimos e aos nossos atos uma solidez de realidade”. Lasch (1983, p. 76 e 77) também fala da pressão desses fatores ou condições sociais sobre os espaços de socialização, modelando a estrutura subjacente dos indivíduos.

diversos países, surgem o acompanhamento ambulatorial, os tratamentos particulares em clínicas especializadas e as psicoterapias, embora continuasse prevalecendo o modelo hospitalar tradicional.

Todavia, a tendência à abertura para a compreensão sociológica no debate logo é revertida. Os anos entre guerra marcaram a atuação política da Liga das Nações no controle internacional da droga, com medidas repressivas para reduzir-lhe o consumo e a produção. A partir da segunda metade do século XX, com os avanços científicos da psicofarmacologia, ocorre outra mudança no conceito de adição adotada pela OMS. Na redefinição de 1957, conforme Berridge (op. cit.), o aspecto físico da patologia é reforçado como “desejo físico irresistível”, agora com ênfase no “*nível bioquímico básico da adição*”. Os fatores psicológicos também são apontados, mas não há referências à motivação social.

Na revisão da Classificação Internacional de Doenças, publicada em 1977, a CID 9, os fatores sociais reaparecem como problemas relacionados ao álcool, estendendo-se também ao consumo de outras drogas. A enumeração de “problemas” (familiares, legais, econômicos, no trabalho, de saúde) associados ao consumo das substâncias e a substituição dos termos “doença” e “adição” por “síndrome da dependência” marcam um novo esforço para o registro do social.

Este outro conceito defendido pela medicina social enfatizava as pesquisas epidemiológicas, os estudos sobre

os custos sociais e econômicos do consumo das substâncias e a atuação preventiva ao uso “abusivo” ou “indevido” de droga e aos problemas decorrentes desta forma de consumo. Tal perspectiva procurava se contrapor ou dividir espaço com a medicina clínica, defensora do determinismo orgânico. Todavia, mesmo representando avanço ao contemplar a dimensão social, essa definição ainda era fortemente centrada no indivíduo. Na defesa da abstinência, os “problemas” eram apontados como malefícios trazidos pelo consumo prejudicial da droga. Com isto, desconsiderava-se ou dava-se pouca evidência às situações sociais que motivavam a ingestão. A classificação estereotipada do usuário intensivo de álcool como “bebedor problema” surge desse enfoque interpretativo (BERRIDGE, 1994).

Convém destacar que inclusão do social no conceito de dependência marca uma fase importante na história da investigação científica e da atenção à toxicomania. A partir de 1980, com a visibilidade dos problemas relacionados ao uso de droga, foram criados e divulgados, em vários países, inclusive no Brasil, os centros de estudo e atendimento à dependência. Estes “centros de referência” de caráter multidisciplinar se constituíram em importante espaço de pesquisas e de debates sobre o tema, ampliando as discussões para outras áreas de investigação: a antropologia urbana, a sociologia, a mídia e a comunicação. A partir dessa interlocução com pesquisadores da área social, surgiram diversos estudos voltados para a

contextualização da toxicomania, enfatizando-se aspectos econômicos, político-legais e socioculturais do fenômeno e as motivações sociais para o uso das substâncias⁶.

Como se ver, a história do conceito da dependência tem se caracterizado pelo movimento de visibilidade oscilante e preenchido de controvérsias e ambiguidades dos enfoques de interpretação, inclusive internamente nas diferentes áreas. A partir dos anos 90 do século XX, ocorre um novo recuo do social na abordagem médica oficial. Na última publicação da OMS da CID 10, em vigor a partir de 1993, a “síndrome da dependência” é definida da seguinte forma:

Conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após repetido consumo de uma substância psicoativa, tipicamente associado ao desejo poderoso de tomar a droga, à dificuldade de controlar o consumo, à utilização persistente, apesar de suas consequências nefastas, a uma maior prioridade dada ao uso da droga em detrimento de outras atividades e obrigações, a um aumento da tolerância pela droga e por vezes, a um estado de abstinência física (CENTRO COLABORADOR DA OMS

6 Entre esses estudos estão os trabalhos de Zaluar (1994a, 1994b) sobre questões do narcotráfico e da violência, bem como sobre as motivações de ordem social, econômica e política para o uso de droga ilícita, por jovens pobres das favelas do Rio de Janeiro. Os estudos de Velho (1994, 1998) advertem sobre a heterogeneidade do que se costumou chamar de “mundo das drogas” e sobre o relativismo cultural do consumo das substâncias. O livro organizado por Mesquita e Bastos (1994) aborda o tema da redução de danos, enfatizando os aspectos socioculturais e políticos nas pesquisas e nas estratégias de intervenção. A partir dos programas de prevenção à AIDS com usuários de droga injetáveis, vêm sendo publicados vários outros estudos sociológicos e antropológicos na linha da cultura urbana contemporânea.

PARA CLASSIFICAÇÃO DE DOENÇAS EM PORTUGUÊS, 1993).

A definição da CID 10 (em vigor até 2017) reafirma os aspectos biológicos, orgânicos e químicos da dependência, exaltados pela neurociência. O social é eliminado ou associado a fenômenos comportamentais. Na verdade, desde os anos 50 do século XX, as descobertas no campo da psicofarmacologia promoveram, segundo Birman (1999), uma transformação radical na psiquiatria. O status médico e científico da psicopatologia, perseguido desde o século XIX, é, então, consagrado no final do século XX. As pesquisas biológicas no campo da neurociência e a indústria bioquímica fornecem os instrumentos apropriados para o ataque às perturbações psíquicas: os medicamentos psicofármacos. No caso das toxicomanias, as novas armas utilizadas na “guerra” têm potencial similar ao da droga “combatida”. Mas, as substâncias prescritas estão sob o controle médico e a permissão legal.

Por este caminho, a discussão sobre o conceito de dependência desloca-se totalmente do campo social, proposto pela psicanálise. Os indivíduos não precisam mais se defrontar com seus sofrimentos psíquicos, tão pouco falar sobre eles. Os psicofármacos prometem anestesiarem as dores da depressão e acalmar os estados de ansiedade decorrentes do mal-estar da atualidade. As drogas prescritas pelos médicos, da mesma forma que as substâncias lícitas e as ilícitas em circulação no mercado, podem ser usadas para acalmar tensões, aliviar

tristezas, angústias e outras alterações naturais de humor, que afloram no cotidiano dos atores sociais. Os produtos químicos utilizados pela psicofarmacologia podem, rapidamente, atenuar o sintoma do sofrimento psíquico. Mas, ao contrário das terapias analíticas, eles impedem que o sujeito reflita sobre sua história, sua condição no mundo e implemente alterações em sua trajetória de vida. Por outro lado, assiste-se ao crescimento acelerado da dependência de medicamentos devido à forma generalizada da prescrição médica e da automedicação dos antidepressivos e dos ansiolíticos.

Portanto, nas idas e vindas desse movimento conceitual, a compreensão sociológica de base psicanalítica propõe outra via explicativa para a dependência de droga. Por esse olhar, a modalidade de uso compulsivo de droga, que caracteriza as toxicomanias, insere-se no vazio existencial, produzido pelo mal-estar da atualidade (BIRMAN, 1999). É este vazio que o usuário dependente de droga tenta preencher com a procura insistente do produto. O consumo intensivo de droga e a dependência emergem, pois, na modernidade, expandindo-se acentuadamente, no atual contexto de crises, riscos e incertezas, devido aos impasses do sujeito em atender às exigências desses novos tempos.

A análise freudiana sobre o mal-estar da civilização e o desamparo social⁷ oferece os fundamentos para a compreensão

7 A expressão “desamparo social” refere-se ao conceito formulado por Freud sobre a fragilidade existencial e “estrutural” do sujeito. Esta fragilidade do indivíduo se origina em sua relação com as ameaças da natureza, com as limitações do seu próprio corpo e com os impasses nos relacionamentos com os outros. O desamparo social é, pois, uma

da toxicomania e de sua expansão na atualidade, a partir dos aspectos sociais. Conforme assinala Freud (1996a, v. XXI, p. 83-84), a busca de prazer e de felicidade é natural aos seres humanos. O “programa do princípio de prazer” é o que decide o propósito da vida. Mas, nessa argumentação, o prazer só é intenso na instantaneidade e no seu contraste; ao se prolongar, converte-se em mero contentamento. Desse modo, as insatisfações e as infelicidades são mais frequentes. A busca do prazer converte-se na procura da fuga do desprazer.

Nesses tempos, defrontamo-nos com inúmeros sofrimentos, decepções, tarefas impossíveis e não mais contamos com o amparo dos deuses⁸. Nosso próprio corpo, o mundo externo e os relacionamentos com os outros são fontes de nosso prazer, mas, sobretudo, de nosso desprazer. A sociedade moderna multiplica os meios de satisfação dos indivíduos, mas expande também as possibilidades de sua insatisfação. Freud (op. cit.) observa que há diversos meios de o homem buscar a felicidade e superar essa condição. Contudo, para sua própria segurança psíquica, o sujeito não deve investir em uma única “técnica de vida”.

O ataque ao problema que origina o desprazer, o trabalho, o isolamento das pessoas, as ilusões, o afastamento do mundo externo, inclusive através da substância tóxica,

condição inerente aos seres humanos finitos e mortais. No mundo atual, com o incremento das escolhas e das possibilidades, mas, também, das incertezas e das impossibilidades, intensifica-se o desamparo social dos sujeitos. Este conceito é utilizado neste estudo referenciando toda a análise.

8 Sobre a relação do homem com o sagrado, ver Balandier (1997) e Freud (1996a, v. XXI, 1997).

são alguns meios citados por Freud (1996a, v. XX1, p. 85, 86) de tentar-se obter o bem-estar. O autor afirma que “os métodos mais interessantes de evitar os sofrimentos são os que procuram influenciar nosso próprio organismo”. O mais “grosseiro” e o mais “eficaz” desses métodos, e também o que mais se distancia das “satisfações substitutivas”, é o químico. Assim, “o homem que, em anos posteriores [à juventude], vê sua busca da felicidade resultar em nada, ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica” (p. 92). A dependência de droga é, portanto, um dos sintomas do sofrimento psíquico do sujeito, decorrente de seu estado permanente de insatisfação e de procura de satisfação em sua condição de desamparo social.

Numa leitura estrutural da toxicomania, a partir da psicanálise freudiana, Birman (1999, 224) diferencia os usuários de droga dos toxicômanos, exatamente pela dimensão compulsiva que marca a ingestão da substância. Segundo o autor, para os toxicômanos, a droga se transforma em instrumento de promoção do gozo absoluto, propiciando o curto-circuito que evita o confronto do sujeito com a experiência da “castração”, uma vez que a possibilidade deste confronto é permanente em sua condição de desamparo. Assim, os toxicômanos são compelidos por “forças físicas e psíquicas” poderosas para a ingestão das substâncias. Para esse grupo de indivíduos, as drogas possuem “valor soberano de regulação de sua existência”.

Para o usuário não dependente, entretanto, a droga não se transforma em razão suprema em sua vida. É apenas objeto de deleite, podendo ser consumida nos momentos de angústia ou de prazer. Birman (op. cit.) também entende que os usuários (regulares ou irregulares) de droga podem até desenvolver certa dependência psíquica, mas nunca a dependência física da substância, enquanto, nos toxicômanos, as duas formas de dependência se apresentam de maneira “avassaladora”. Contudo, na percepção de Birman (1999), a dependência física não se traduz na relação químico-orgânica entre o sujeito e a substância. Na compreensão psicanalítica de “corpo libidinal”, “representado” e “imaginado”, a força física da dependência é colocada em termos de sensações insuportáveis, sentidas e representadas no corpo, que demandam doses crescentes e drogas cada vez mais potentes para anestesiá-las (BIRMAN op. cit., p. 60).

Ainda, na mesma linha do pensamento psicanalítico, a interpretação de Ehrenberg (1998, p.143) procura relacionar a dependência de droga à depressão, considerando as toxicomanias, o alcoolismo e a dependência de medicamentos como sendo a outra face da vida depressiva. A carência existencial é o que origina tanto a depressão, quanto a dependência da droga. Conforme o autor, a implosão depressiva e a explosão aditiva estão ligadas: o “vazio-impotente” e o “vazio-compulsão” são como duas faces do mesmo sintoma.

No caso da depressão, não é a tristeza que domina o quadro, mas a impotência - a dificuldade de agir e a incapacidade de suportar frustrações (...) que conduz a essa nova aparência da depressão, a dependência - a ação desregrada produzida pela ausência de controle de si (EHRENBERG, op. cit., p. 147).

A compreensão de Ehrenberg (1998) sobre a toxicomania é semelhante a de Birman (1999), contudo os dois autores utilizam as mesmas terminologias de modo diferente ao se referirem à dependência física e psíquica. Ehrenberg (op. cit.) aponta os limites do sentido médico clássico atribuído à adição, caracterizados por uma dependência e uma tolerância farmacológica, uma espécie de força física do produto sobre a pessoa. Procura, então, realçar a noção de dependência psicológica como uma relação patológica compulsiva do sujeito com seu objeto de consumo, que pode ser um produto, uma atividade ou uma pessoa. Assim, a dependência da droga independe das características químicas ou farmacológicas do produto, podendo ocorrer a dependência de maconha, considerada droga leve, e o uso ocasional da heroína, incluída nas drogas pesadas. Assim, o autor adverte para a abrangência do conceito de adição, o qual envolve uma diversidade de comportamentos.

Uma percepção sociológica da dependência de droga que também se aproxima da interpretação freudiana, associada ao mal-estar da civilização, é a de Le Breton

(2000). Para este autor, as toxicomanias emergem no contexto contemporâneo como uma das formas, adotadas pelos jovens, de afrontamento ao risco, na qual eles procuram sinais que evidenciem sua dignidade de existir. Na sociedade contemporânea, a incerteza, a indefinição quanto ao futuro, a falta de sentido e de valor na vida favorecem o aparecimento da “estrutura ordálica da toxicomania”, na qual, através da provocação à morte, o indivíduo procura autorização para existir. O autor enfatiza que a sociedade moderna, movida pela gestão ordenada e racional do mundo, perde a função antropológica de orientação durável da existência dos atores sociais, deixando os sujeitos à própria sorte, na procura individual de seu destino. A dependência de droga e outras modalidades de toxicomanias são alguns caminhos seguidos pelos jovens nessa procura de sentido e de direção. A droga funciona como um “*simulacro simbólico*” da morte do sujeito. Mas, “ela sempre restaura o mínimo de sentido que torna possível a continuidade da vida”, mesmo “que em torno do produto” (LE BRETON, op. cit. p. 109).

É, portanto, a partir da perspectiva conceitual dos autores acima que este estudo aborda o impacto da contemporaneidade sobre a trajetória de consumo de álcool, maconha e cocaína por indivíduos que se tornaram dependentes. A análise segue o entendimento de que, diferentemente das sociedades tradicionais, onde as drogas possuem valor simbólico de

comunicação com o sagrado⁹, nos contextos sociais da atualidade, as substâncias psicoativas adquirem motivações específicas de uso. Elas passam a auxiliar os usuários no confronto com os obstáculos cotidianos, estimulando euforia, ânimo e coragem para que possam tentar seguir o ritmo e o estilo de vida que a eles se impõem. Mas, a droga torna-se útil ao indivíduo também como anestésico emocional, aliviando a angústia e a ansiedade, decorrentes dos sentimentos de fracasso e de incompetência diante da vida. As substâncias psicoativas assumem, assim, novas funções, que vêm favorecendo a expansão da forma intensificada de uso, caracterizada como dependência.

É, portanto, nesse panorama complexo da atualidade que a dependência de droga encontra espaço de expansão, emergindo com a mesma intensidade da agressão causada pela contemporaneidade à formação subjetiva dos indivíduos. É a partir de parâmetros socialmente construídos, sobretudo os da racionalidade predominante e seus valores permanentemente atualizados, que o homem modela e remodela suas relações com o mundo, consigo mesmo e com os outros, elaborando seu sentido de existir. A droga, que sempre esteve presente nas histórias das civilizações, no atual contexto de crises, riscos e incertezas, amplia seu leque de funções, apresentando-se como elemento mediador e atenuante daquelas relações. A dependência emerge, pois, como fenômeno que evidencia

⁹ Ver Capítulo 2 deste estudo: "A Droga e o Sagrado em Diferentes Universos Culturais".

o impacto corrosivo da nova ordem sobre o caráter e a personalidade dos indivíduos.

Entretanto, isto não significa afirmar que a dependência de droga, hoje, é decorrente, exclusivamente, dos riscos, das incertezas e dos estilos de vida fundados nos ideais de busca de sucesso inerentes à contemporaneidade, embora estas condições agudizem o desamparo social. Certamente, os fatores orgânicos, farmacológicos e cognitivos, investigados pela Medicina e pela Psicologia, e mesmo outros aspectos sociais, interferem, positiva ou negativamente, na emergência da toxicomania. Todavia, pela leitura psicanalítica, de fato, as condições sociais próprias da atualidade compreendem uma fonte primordial de motivações para a dependência, uma vez que a exposição do sujeito a essas condições “tende a fazer aflorar os traços narcisistas presentes, em vários graus, em todos nós” (LASCH, 1983, p.76). Assim, a situação de desamparo social produz e faz imergir a carência narcísica¹⁰ do sujeito ou o vazio existencial. Na intensidade, o sofrimento psíquico desse vazio conduz à necessidade insaciável de algo que se transforme em objeto da dependência. E, como lembra Freud (1996a), a droga é o artifício mais eficaz para, continuamente, preencher esse vazio, devido ao seu poder químico anestésico, embora, existam vários outros meios.

10 Na teoria Freudiana, a “carência narcísica” ou a “busca narcísica” consiste na procura desesperada e ilusória do sujeito de suprimir sua condição de desamparo social, através da autossuficiência, da onipotência e da autoexaltação.

Naturalmente, certas atividades formativas, profissionais, esportivas, determinados contextos familiares, círculos de amizade tornam os atores sociais mais vulneráveis ao impacto corrosivo da contemporaneidade sobre sua interioridade. Os sujeitos mais expostos ao frenetismo das mudanças, mais indefesos frente aos riscos ou atraídos por eles são, também, os mais susceptíveis às “psicopatologias da atualidade”: depressão, síndrome do pânico e toxicomania. Esta última, em sua apresentação crescente, surge também, conforme aponta Birman (1999), como um contraponto às duas primeiras. Vindo antes ou depois, ou como parceira, ela sintomatiza o sofrimento psíquico do sujeito e seus apelos dramáticos para preencher o vazio existencial e restituir a plenitude narcísica que possibilita sua sobrevivência psíquica na sociedade do espetáculo.

Como trilhas que norteiam o estudo, são destacados dois momentos, não rigidamente delimitados, que expressam a relação do indivíduo com a droga, bem como a intensidade do vínculo com a substância: a fase do encanto e a do desencanto. O fascínio ou o encanto do sujeito pela substância, que prevalece por quase todo o percurso de uso, deve-se à promessa da droga de não confronto ou de domínio ilusório sobre o desamparo (BIRMAN, 1999, p. 228). É, portanto, a relação de encantamento que favorece a incursão na dependência, uma vez que a droga ajuda o indivíduo a ultrapassar os obstáculos cotidianos, auxiliando-o na busca

exasperante de competência na vida e de sentido de existir. A droga dá suporte ao sujeito em sua luta narcísica pelo sucesso e pelo destaque, sendo útil ainda para aliviar as angústias das perdas, dos fracassos e das tensões que emergem dessa perseguição.

A ideia de encanto e desencanto, construída neste estudo toma por base as análises de autores contemporâneos, elaboradas a partir da compreensão de Freud (1996, 1997) sobre o mal-estar da civilização moderna, que lançou os indivíduos à condição de desamparo social. A atualidade, por sua vez, silencia as utopias da racionalidade do século XX; recupera um sagrado transfigurado e impotente para deter a angústia e o mal-estar (BALANDIER, 1997b); cobre o mundo de desesperanças, intensificando as impossibilidades de satisfação psíquicas do sujeito e o abandono (BIRMAN, 1999). Assim, o amparo propiciado pela droga, embora inconsistentemente sustentado na euforia e na onipotência narcísica, restitui, ao menos provisoriamente, o entusiasmo e o encanto pela vida e cria o fascínio pela substância.

O segundo momento, a relação de desencanto com a droga, surge, então, no ápice da dependência. Em geral, tem início no momento da passagem para a recuperação. É o desapontamento com a droga, mas, sobretudo com a vida, o terrificante momento de o sujeito enfrentar a impotência e o vazio existencial, produzido pelo mal-estar da sociedade e que a droga já não consegue mais entorpecer. Este ocorre quando

o indivíduo estreita ainda mais seu vínculo com a substância, secundarizando os demais planos da sua existência. As perdas e o fracasso já o levaram à exaustão, e a droga não mais lhe fornece ânimo e energia para vencer na vida; não mais alivia sua angústia, mas torna-se companheira de sua autodestruição. A tentativa de ultrapassar esse desencanto com a droga e com a vida impõe ao indivíduo o recomeço: o corte da relação com a substância, pois ela reduziu seus efeitos, perdeu o encanto. Mas, a jornada que se inicia também exige o estabelecimento de limites, de novos parâmetros e novos valores. Reinicia um outro percurso à procura de sentido de existir.

Assim, no estudo, a trajetória de consumo de droga pelos sujeitos corresponde ao processo que se estende da fase inicial do uso, passando por etapas de intensificação e de tentativas de redução do consumo, até o momento da busca de recuperação. Nesta ocasião, em que o dependente enfrenta as maiores crises, a procura de tratamento e de abstinência é o primeiro passo. Entretanto, a mudança para a vida sem a droga pode só ocorrer após algumas tentativas. Quase todos os entrevistados do estudo iniciaram o consumo de droga na adolescência. Alguns, ainda na juventude, consumiam-na intensivamente; outros, somente após os trinta anos, desenvolveram o alcoolismo ou outra toxicomania, mas todos se reconhecem dependentes. Algumas semelhanças nas histórias são perceptíveis. Contudo, esse processo e

suas etapas ocorrem de modo particular em cada indivíduo, independentemente da droga de uso.

No Capítulo 1 deste livro é feita a descrição do processo de coleta das informações, do encontro com os usuários e ex-usuários entrevistados e dos locais da pesquisa, explicitando-se as dificuldades e as facilidades surgidas na realização das entrevistas e no acesso aos participantes. O clima de confiança que se estabelecia nos encontros transformava o relato numa espécie de desabafo. Contudo, a dificuldade dos sujeitos em reconstruírem suas trajetórias era visível. Sem dúvida, histórias marcadas muito mais por perdas, insucessos e frustrações, do que por realizações e vitórias, inibem os relatos. O silêncio, o esquecimento retratam bem os impasses da reconstrução da memória nessas narrativas (POLLAK, 1989, 1992).

O Capítulo 1 procura, também, explicitar o caminho metodológico do estudo, indicando os itinerários da incursão na complexidade do fenômeno. São apresentados um esboço conceitual e os pressupostos para o entendimento da dependência de droga como um fenômeno específico da modernidade que revela sua densidade nos dias atuais. Este fenômeno emerge da efervescência do movimento de ordem e desordem que torna inédito o cenário contemporâneo. Assim sendo, esta parte da análise busca evidenciar os traços que especificam a sociedade contemporânea e a distinguem de outros universos culturais. A velocidade das mudanças, a lógica da fragmentação e da descontinuidade, as incertezas são

aspectos abordados a partir da leitura de Balandier (1997a; 1999). As mudanças na racionalidade capitalista no cenário atual, a emergência da cultura do narcisismo e dos ideais de busca de sucesso e de admiração, presentes na nova forma de competição, são focalizados com base nas análises de Lasch (1983). A perseguição ao risco, como parte da moderna cultura de busca de desafios, mas também como forma do indivíduo encontrar sinais que atestem sua dignidade de existir, é situada nas concepções de Sennett (1999) e de Le Breton (2000).

Os aspectos acima citados configuram o cenário de mal-estar e de desamparo social da atualidade, o qual afeta a interioridade dos indivíduos, provocando a emergência de desordens emocionais. Morin (1997), Giddens (1993), Bauman (1998), Roudinesco (2000), Birman (1999), Ehrenberg (1998, 2010) são autores que se detêm no estudo da contemporaneidade e apontam o surgimento dessas desordens de origem social. A dependência de droga aparece entre elas, como fenômeno que se expande e adquire dinâmica específica nesses novos tempos.

O Capítulo 2 analisa a significação e as formas de uso de droga em outros contextos culturais, cuja organização social se difere da sociedade atual. Ao evidenciar essa diferença, o objetivo do capítulo é fundamentar a argumentação do estudo de que a modalidade de uso de droga caracterizada como dependência é um fenômeno específico da modernidade. Trata-se, portanto, de tentar entender a relação entre a droga

e o sagrado nos contextos culturais indígenas e tradicionais, procurando perceber o significado do uso simbólico e mitológico de droga naquelas sociedades e em que esta forma de consumo se diferencia do uso intensificado moderno. Na análise deste capítulo, o estudo baseia-se na obra de Balandier (1997b) sobre a desordem, o movimento das sociedades e as culturas tradicionais. Também fundamentam essa parte da reflexão três trabalhos realizados pelos antropólogos Monod (1976), Reichel-Dolmatoff (1976) e Seitz (1976), no final da década de 60 e início dos anos 70 do século XX, sobre o uso de alucinógenos em comunidades indígenas da região amazônica.

O Capítulo 3 aborda o período inicial de consumo intensivo de droga pelos sujeitos que se tornaram dependentes. Embora o fascínio pela substância permaneça nos indivíduos por todo percurso do uso, essa é a fase identificada no estudo como a da prevalência do encantamento. Através de relatos de dois entrevistados da pesquisa, a análise centra-se em aspectos socioculturais da atualidade, que facilitaram os primeiros passos dos sujeitos na incursão da dependência.

Nas histórias dos entrevistados, o impacto da contemporaneidade, direcionando suas trajetórias de consumo de droga, aparece, para a maioria deles, desde a adolescência, ainda na fase de preparação para sua entrada ativa na vida social. A droga surge, nesse momento, como elemento mediador da relação do indivíduo com o mundo,

auxiliando-o em sua tentativa de responder às suas próprias expectativas e às exigências dos outros, com relação ao seu comportamento e ao seu desempenho.

Esta parte do estudo analisa como o estilo de vida fundamentado nos ideais competitivos da contemporaneidade e na exposição aos riscos e às incertezas, favorece a emergência do uso intensificado de droga e da dependência. A intensificação do consumo da droga, a procura de novas substâncias, a exposição ao roubo, à contravenção e a outros riscos associados à toxicomania, evidenciam a pressão das exigências sociais sobre os sujeitos e sua necessidade de alívio do sofrimento decorrente do desamparo social. Esta parte da análise se fundamenta, principalmente, na interpretação de Lasch (1983) sobre a atual cultura do narcisismo e no estudo de Le Breton (2000) acerca da atração dos jovens pelo risco, hoje, em busca de sentido de existir.

O Capítulo 4 centra-se nos imperativos sociais, ligados ao mundo do trabalho, que favorecem a incursão dos sujeitos no uso intensivo de droga e na dependência. A análise é desenvolvida a partir da trajetória de consumo de droga de um dos entrevistados e trechos dos relatos de outros participantes da pesquisa. Nesta parte, o estudo mantém o foco no encantamento do indivíduo pela substância, no fascínio que provoca a recorrência ao uso, centrando-se nas etapas da vida posteriores à adolescência. A incursão no mundo do trabalho apresenta-se como a situação social de maior evidência da

força da contemporaneidade sobre a interioridade dos atores sociais.

O capítulo toma como referência a obra de Sennett (1999) sobre a corrosão do caráter no novo capitalismo e as análises de Dejours (1992; 1999) acerca das estratégias de defesa do sofrimento no trabalho. Aborda, então, as situações que refletem o sofrimento e o desamparo do indivíduo em sua busca incessante de evidenciar atributos de competência, de qualificação e de valorização no trabalho. A diversão, a mentira, a necessidade de fuga da realidade e a exposição ao risco são focalizadas como estratégias de defesa dos sujeitos do sofrimento mental, decorrentes de suas atividades laborais. Mas, não obstante a finalidade defensiva destas estratégias, elas acabam reiterando as exigências dos contextos dos indivíduos, reforçando a dependência e favorecendo à emergência e ao agravamento das desordens emocionais - a depressão e o pânico. Essas desordens, como assinalam Birman (1999), Ehrenberg (1998, 2010) e Roudinesco (2000), são parceiras da toxicomania.

CAPÍTULO 1

O AJUSTE DO FOCO E OS ITINERÁRIOS DA PESQUISA

A análise do impacto da contemporaneidade na trajetória de consumo de álcool, maconha e cocaína por indivíduos que se tornaram dependentes compreende um percurso metodológico. Este capítulo tem como objetivo explicitar esse caminho, indicando itinerários da incursão na complexidade e na pluralidade que envolvem o fenômeno, com vistas à sua compreensão. Os procedimentos técnicos da pesquisa permitem trazer à superfície o objeto: suas expressões, seus retratos, sua face. Para isso, estes procedimentos precisam ser construídos e reelaborados conforme um enfoque de interpretação que contemple as particularidades, as significações e as sutilezas que contornam esse objeto.

Traçar um caminho metodológico significa lançar mão de conceitos e pressupostos teóricos que possam iluminar a investigação. O tema da dependência de droga é um fenômeno específico da modernidade, que revela sua densidade nos dias atuais. Ele emerge das turbulências, da efervescência, do movimento de ordem e desordem que torna inédito o cenário contemporâneo. A visualização desse fenômeno

exige, portanto, enfoque analítico específico, que apreenda esse movimento e ouse mergulhar nos emaranhados dessa sociedade, formulando interpretações.

Através desse enfoque analítico, itinerários menores são traçados, no sentido de contextualizar melhor o objeto de estudo; compreendê-lo no tempo construído sob a lógica da modernidade. Tempo em velocidade que, na imposição do instantâneo, liga e fragmenta, constrói e desconstrói, incrementa o imprevisível. Para esse tempo moderno, não há limite espacial. Ele invade os lugares mais longínquos. Através da comunicação midiática, submete as localidades à ordenação global. As conexões em redes contribuem para formar, como lembra Balandier (1999, p. 68), “um espaço composto”, simultaneamente “presente (ainda lugar) e ausente (substituído pelas relações invisíveis)”. A contextualização do objeto ganha assim uma nova dinâmica nos cenários espaciais dos fenômenos contemporâneos.

No itinerário metodológico, é preciso também localizar o fenômeno na multiplicidade de variáveis que o envolve. A impossibilidade de apreender sua totalidade sugere a visualização por uma dimensão que o torne legível e possibilite perceber suas interligações com os demais fenômenos e as ligações internas de suas variáveis. Estas, por sua vez, são objetos de outros campos de investigação. Sem cair no risco das deformações, essa via de compreensão tenta alcançar uma maior aproximação do real.

Mesmo lançando mão dos recursos possíveis, o mergulho no mundo contemporâneo tem seus perigos. A velocidade das mudanças, somada à diversidade e à imediatez dos fatos, interferem no desenho constantemente retraçado pelo pesquisador. Revisões constantes, idas e vindas fazem o movimento do processo de análise. Para enfrentar as dificuldades de compreensão dos fenômenos modernos, Balandier (1997a) indica o “contorno” como uma estratégia da pesquisa antropológica e afirma: “No interior das nossas sociedades e das nossas civilizações, alguns espaços traçados pela modernidade emergem como terras ignoradas; temos que nos engajar na descoberta destas regiões do inédito” (p. 170).

Como ponto de partida nessa incursão no desconhecido, são lançadas algumas questões preliminares fundamentais à análise: O que especifica o momento atual da modernidade? O que diferencia esta sociedade de outras organizações sociais? O que caracteriza a atual lógica competitiva? Por que essa lógica de organização social dilacera a interioridade dos indivíduos levando-os à autodestruição? Sem pretender elucidar essas questões, esse capítulo sinaliza sobre elas algumas reflexões a serem retomadas nos demais capítulos do livro.

A sociedade contemporânea tem, de fato, características que a especifica. O inédito, o destaque, o efêmero, a ruptura são traços do seu movimento que dão ritmo à produção

humana e também definem as relações dos homens entre si e com o mundo. Na atual lógica de organização da sociedade moderna, a energia de seu movimento brota da instabilidade e da incerteza. Em todos os planos, a marcha é acelerar, e o que não acompanha a corrida não é digno de sobreviver. Nesse dinamismo, em algumas décadas, a história da humanidade alcança níveis de desenvolvimento jamais previstos: a rapidez das mudanças, as incessantes descobertas e incrementações tecnológicas, as conexões em rede dos grandes sistemas financeiros, mercadológicos e de informações, a agilidade dos transportes. Os limites, antes só transponíveis na ficção, tornam-se cada vez menos obstáculos às surpreendentes conquistas que facilitam a produção, a vida, a comunicação. As novas tecnologias extinguem distâncias de tempo e de espaço. A ciência contemporânea altera a genética, elimina doenças, torna possível o impossível.

Neste ritmo e orientado pelo produtivíssimo, o conhecimento científico e tecnológico prossegue na obstinada busca de dominação da natureza. Sem direção precisa e impulsionado pela lógica que persegue o excesso, o ilimitado e o desafio, este conhecimento se empenha em eliminar os obstáculos ao curso do desenvolvimento. Volta-se para a moldagem da natureza humana, construindo o fenômeno da massificação. A racionalidade instrumental detona o avanço da ciência, intensifica a produtividade, o desejo pelo consumo e pela novidade. A moda e a inovação são, ao mesmo

tempo, imaginários de satisfação e meios de realização da superprodução, num movimento ininterrupto, em que a saturação e o excesso suscitam repulsa, insatisfação, novos desejos, novas procuras, reinvenções. Para acelerar o ritmo, a lógica difunde-se nas relações sociais, converte-se em exigência dos sujeitos, dirigida aos outros e a si próprios.

Esse frenetismo, entretanto, apresenta-se como a face encantadora da modernidade, o lado colossal que seduz os atores sociais a se integrarem ao seu movimento na ânsia do inusitado e do espetacular, na procura da conquista e da vitória. Nestes tempos, são esses ideais que prometem felicidade ao homem e lhe conferem sentido de existir. Na atualidade, esses são valores e signos que afirmam a habilidade e a competência do ser humano perante a vida. De fato, em sua fase inicial, como lembra Balandier (1997a, p.142), a modernidade teve seu efeito favorável à ascensão do indivíduo: possibilitou a vida na cidade, promoveu a instrução e a valorização pelo trabalho. O que é notável nos países mais desenvolvidos e em parcela da população dos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Mas, sua meta é a construção na desconstrução. A lógica da fragmentação e da descontinuidade transforma tempo e espaço e interrompe as histórias dos sujeitos, lançando-os à subordinação do efêmero, do espetáculo e à angústia do fracasso, da incerteza.

A sociedade contemporânea esvazia o sujeito, retira dele a capacidade de conduzir sua história. O sentimento de

impotência o invade. A gigantesca engrenagem ganha impulso e velocidade que escapam ao controle e desorientam os próprios seres humanos engajados em sua edificação. Surgem os novos riscos da modernidade, decorrentes da depredação da natureza. Os impactos devastadores da vida, inclusive a humana, emergem uma vez que a meta do desenvolvimento é a concentração, o enriquecimento individualista e não a universalização do acesso aos bens socialmente produzidos, nem a melhoria de qualidade da vida, no sentido amplo, do planeta.

Com a iminência dos desequilíbrios ecológicos e de graves problemas ambientais, que põe em risco até mesmo a produção, a própria tecnologia vem tentando conter a devastação da natureza ou, ao menos, controlar, minimizar suas consequências. Mas, a depredação atinge também a própria natureza humana, o indivíduo no seu interior, no seu caráter, na força e no espírito que lhe dá ânimo para viver. Os obstáculos não são mais os da construção da engrenagem, e sim os de sobreviver nela. O desafio, impossível de ser atingido, é acompanhar os ritmos da grande “maquinaria social”, seguir sua lógica, critérios e valores que ordenam sua montagem, seu funcionamento, criados pelos homens, mas que ela, no coletivo, os tornou imperativos e os potencializou. As dificuldades do homem em desbravar a natureza deslocam-se para o plano emocional e afetivo de suas relações sociais.

A mesma força que tão gloriosamente estimula as descobertas para promover a realização dos sujeitos é também criadora de desapontamentos e de frustrações. Na contemporaneidade, os referenciais de sucesso e de vitória são inatingíveis, exaurem as forças dos indivíduos que os tentam seguir. Esta é a marca principal que diferencia os tempos atuais de épocas anteriores. Em eras passadas, os homens construía sua forma de se relacionar com o mundo, de enfrentar os perigos da natureza, de desvendar os mistérios da vida, movidos pelo espírito aventureiro do desbravamento. Os requisitos eram a bravura, a coragem e a determinação. A sinalização pelo conhecimento e pela técnica, embora precários, era reforçada pela intuição e pela aprovação e desaprovação dos mitos e deuses. Hoje, a ciência e a lógica competitiva são os referenciais, mas a busca é do inusitado, a aventura é para o desconhecido, o mergulho é na incerteza. Nessa jornada, o final da prova não admite meio termo: só a competência - o sucesso, ou a incompetência - o fracasso.

Para aliviar o sofrimento humano, decorrente do desamparo, da angústia e das tensões, resultantes das relações sociais conflituosas, são acionadas estratégias de defesa e, dentre estas, um grande arsenal de instrumentos de entretenimento e lazer. Muitos destes instrumentos midiáticos e esportivos são direcionados principalmente aos jovens. Mas, quase todos funcionam ao estilo da produção e do consumo modernos. Eles e as demais estratégias defensivas, em

geral, também reproduzem e disseminam os mesmos ideais competitivos da atual forma predominante de organização social.

A força motriz da sociedade moderna contemporânea consiste, de fato, numa complexidade de elementos. Contemplar estes elementos e desvendá-los é um desafio para as ciências sociais. Mesmo a analogia com épocas anteriores impõe a seleção de traços referências, devido à abundância que configura a atualidade. Assim sendo, nesse estudo, as observações sobre a lógica da competição individualista centram-se em pontos que a diferenciam de sua versão moderna precedente à atual, buscando perceber suas variações, a dimensão que a caracteriza como nova forma de racionalidade. A incerteza, a instabilidade, os ideais de sucesso, de vitória e a referência ao risco são alguns aspectos da modernidade, que emergem na atualização da racionalidade competitiva. A compreensão destes aspectos interessa, pois, diretamente a esta análise.

Sem dúvida, o espírito competitivo é uma das principais características do homem contemporâneo. Contudo, a competição, um dos fundamentos do capitalismo moderno, que acompanha todo seu trajeto, na atualidade adquire novo vigor. As regras que comandam o desenvolvimento passam por reformulações, adequando-se aos ritmos e aos tempos da contemporaneidade, sobretudo aos seus fins: aos ideais de sucesso, de destaque e do inusitado. A imprecisão e a

descontinuidade caracterizam os acontecimentos e as múltiplas situações em que interagem os indivíduos. Esta instabilidade se estende também às próprias regras que balizam as relações sociais. Os códigos invisíveis da competição tornam-se mutantes: ora sinalizam, ora confundem. Ser competente agora não basta ter bom desempenho, é necessário ser o melhor. E este nem sempre é o que sabe mais, e sim o mais rápido, o que sabe fazer melhores manobras, o que se adapta melhor às novas situações, o mais esperto, valendo tudo, até trapacear. Mas, a esperteza que tão magnificamente se molda à modernidade, como bem observa Balandier (1997a), muitas vezes é usada pelo indivíduo, em sua ilusão, contra ele mesmo. Na atualidade, as constantes mudanças e as incertezas embaralham as regras do jogo e confundem as intervenções.

Na corrida pelo inatingível, o desempenho pessoal é medido pelo progresso do outro. A competição dissemina-se pelas relações sociais. Assim, a meta de estar à frente, de ser o vencedor faz desse outro um inimigo. O percurso em busca do desconhecido torna-se ainda mais árduo e solitário. Essa ênfase na competição é, conforme Lasch (1983), uma marca do individualismo que floresceu no século XX.

Nos dias atuais, os princípios morais de fundo religioso, incrementados de racionalidade com vistas ao sucesso econômico, apontados na análise weberiana sobre a emergência do capitalismo ocidental moderno, não dão mais sustentação ao desenvolvimento. Outros princípios

de orientação contrária, agora fundados na própria lógica econômica, assumem seu lugar. A deslealdade e a falta de compromisso se ajustam melhor aos novos tempos de descontinuidade, de instabilidade e de incerteza.

A competição e os ideais de sucesso do capitalismo moderno, na atualidade, também alteram o foco de atenção. Os ganhos financeiros e a acumulação, que são os princípios maiores do progresso individual e do desenvolvimento, continuam importantes, mas não como fins em si mesmos. Na verdade, são mediadores do acesso a outros prazeres do mundo. Outros requisitos de felicidade são necessários para a autossatisfação. A sociedade contemporânea exige outras forças para o trabalho, outras motivações que impulsionem incessantemente o consumo e a produção. A nova ética competitiva, plantada no produtivismo econômico, mas fundamentada na vontade insaciável de vencer, na busca do destaque e do inusitado, é a nova lógica. Ela passa a orientar os indivíduos nas diversas esferas de sua vida. A sociedade torna-se, portanto, palco do inédito e do espetacular, ornamentada pelos artifícios quase mágicos da técnica e da automação que confundem o real e a ilusão. A mídia, as telas empenham-se em transmitir, com imagens cinematográficas espetaculares, a impressão de que tudo é possível. Os riscos e as incertezas da atualidade seduzem com a mesma atração do desejo do desconhecido, da grande sorte, da graça de ser o escolhido. Mas, a modernidade e a lógica da ostentação e do inédito

embaralham os caminhos, “mantêm uma espécie de aliança da descontinuidade, ao preço de uma fragmentação da vida, de uma incerteza quanto à definição de si” (BALANDIER, 1999. p. 71).

Os ideais competitivos da atualidade expressam as mudanças significativas nos fundamentos da sociedade capitalista moderna. A nova lógica de organização social, através do fenômeno da massificação, redefine os estilos de vida dos indivíduos. A satisfação do próprio interesse, através da busca racional de ganhos e da acumulação de riqueza, dá lugar à procura incessante de prazer e de sobrevivência psíquica. Essa busca narcísica evidencia o desamparo social, fruto do mal-estar da civilização moderna apontado por Freud (1996b, v. XIV, 2001). No cenário de espetáculo da sociedade contemporânea, entra em cena a figura do narcisista, personalidade, segundo Lasch (1983), requisitada nas organizações empresariais, burocráticas e políticas e reconhecida na cultura contemporânea:

(...) hábil em administrar as impressões que transmite aos outros, ávido de admiração, mas desdenhando daqueles a quem manipula para obtê-la; insaciavelmente faminto de experiências emocionais com as quais preenche um vazio interior (p. 63).

Conforme a análise de Lasch (op. cit.), na cultura do narcisismo, o prazer do homem contemporâneo de sucesso não se realiza mais pelo seu trabalho, e sim através da

diversão, da manipulação dos outros e da admiração que ele possa suscitar. Os ganhos financeiros, as posses de bens só têm valor quando se transformam em “fichas” que credenciam a entrada e a permanência na sociedade do espetáculo. Neste cenário social, a evidência, a admiração o espetáculo aparecem “como uma enorme positividade indiscutível e inacessível”, conquanto não têm consistência, são vazios de conteúdo. “O que aparece é bom e o que é bom aparece”, este é seu fundamento (DEBORD, 1992). “(...) eu sou o que o que pareço – já que a imagem de minha performance é a única coisa que importa” (EHRENBERG, 2010). Mas, a perseguição ao sucesso, ao estado emocional que ele provoca, a procura obstinada de brilho, de destaque, de ser o melhor não admitem o meio termo. A alternativa é o outro extremo: o insucesso, a desqualificação, a opacidade.

A onipotência, a autoestima, o brilho do narcisista dependem da validação dos outros, de sua audiência, admiração e ostentação. A estrela só pode brilhar no palco de espectadores. Ser estrela é um desejo socialmente construído nessa modernidade que atinge a todos; ser espectador é o destino da grande maioria. Portanto, poucos alcançam o pódio e, quando o conseguem, nada garante sua permanência ali. Esforços puramente humanos não são suficientes. O risco, o acaso, a sorte também determinam a vitória. Com o tempo, o desejo insaciável do espetáculo ganha forma de busca de ofuscação dos outros, recurso à falsa aparência, tentativa

de autoilusão através de diversos mecanismos de fuga da realidade, de negação, da autodesqualificação.

Essa busca de exaltação do eu é, pois, sintomática da insegurança e do desamparo do indivíduo nessa sociedade. Conforme Lasch (1983 p. 30), o eu grandioso do narcisista é frágil, insignificante, só existe se refletido nos outros ou quando está ligado àqueles que irradiam celebridade. Essa procura exasperada de admiração e de referência no outro, evidencia também a ânsia do indivíduo por autovalorização, pelo reconhecimento de sua competência na vida.

De fato, a dependência do outro é uma condição humana. Para Baudrillard (1992), a dependência dos demais para validação de nossa sorte, nossos desejos, é algo inerente à natureza do ser humano. Ela nos dá segurança sobre nossos prazeres e vontades. “É melhor ser oprimido, explorado, perseguido, manipulado por outrem do que por si mesmo. (...) mas vale ser feliz, ou infeliz por outrem do que por si mesmo” (p.178). Todavia, nesse mundo do espetacular, do inatingível e também de riscos e de incertezas, torna-se humanamente impossível ao indivíduo responder às exigências e às expectativas desse outro.

É, portanto, devido à insatisfação desse desejo insaciável e angustiante de aprovação e de amparo do «outro», que ocorre o deslocamento da dependência natural do sujeito para outras forças que prometam o alívio do seu sofrimento e ofereçam a sensação de proteção. Em seu estudo sobre a “ilusão”, Freud

(1997, p. 48.) observa que, através da religião, o sujeito cria, na figura de Deus, esse pai poderoso e protetor, capaz de oferecer o amparo necessário à sobrevivência humana. “O governo benevolente de uma Providência divina mitiga nosso temor dos perigos da vida”. Assim, nas diversas culturas, os indivíduos sempre dependeram das forças sagradas sobrenaturais dos deuses para enfrentar os perigos da natureza e as dificuldades existenciais. Mas, na sociedade moderna, o impulso para o desenvolvimento é extraído da força, da coragem e do temor dos próprios seres humanos, sem a interferência dos deuses.

Trava-se, então, uma corrida competitiva do indivíduo contra os outros e contra si mesmo na sociedade do espetáculo. Inicialmente, à medida que vão surgindo os resultados favoráveis, o percurso dos que conseguem ser absorvidos pela nova racionalidade não deixa de ser instigante, atrativo, animador. Todavia, com o acirramento das provas, com a emergência de obstáculos, de desafios, a procura pode tornar-se cega, obsessiva, desrespeitosa de critérios. Ela pode levar o indivíduo à exaustão de suas forças, às últimas consequências para alcançar seus objetivos ou pode desqualificar e desmotivar qualquer projeto, cujo resultado não seja o almejado - o primeiro ou os primeiros lugares. A angústia, causada pelo sentimento de fracasso e de incompetência, com a iminência de resultados negativos ou o abandono da prova, leva o indivíduo à busca de outros desafios, até de natureza oposta, mas que sinalizem a possibilidade de sucesso, de vitória.

Os riscos da atualidade surgem, então, com característica específica, inerente à racionalidade da nova ordem. Ultrapassar obstáculos é o que confere aos atores sociais o provisório espaço no palco do espetáculo. É certo que os desafios da vida cotidiana sempre existiram, como meio de crescimento e de aprimoramento do homem, de exercícios de destreza e de sua capacidade de enfrentar as dificuldades, de testar e elevar sua competência, mas, hoje, eles se transvestem ao estilo da modernidade. A imprecisão e o disfarce das situações confundem os cálculos e as previsões. Prognósticos de ganhos e de acertos muitas vezes terminam em perdas e frustrações. A rapidez das mudanças desatina e desaponta os indivíduos empenhados em seus projetos profissionais e de vida. A obscuridade do futuro paralisa ou desmotiva em outros a elaboração desses projetos.

Tudo isso torna o risco, hoje, muito mais imprevisível, incalculável, desafiador, apresentando-se também de forma mais impositiva em nosso cotidiano, como requisito mesmo de nossa sobrevivência. Por outro lado, esse requisito não atende mais à nossa necessidade de autoafirmação, uma vez que o acerto, quando ocorre, é sempre transitório. Os riscos da modernidade são, portanto, aqueles que se revestem de chances de vitória; são os que se colocam aos indivíduos ou são por eles procurados, desafiando sua competência de enfrentá-los, de se mostrarem como os melhores. É o risco inerente à instabilidade, à nova competição, que a nova ordem treina

os atores sociais a persegui-lo, a habituar-se a ele. Perder e ganhar vale menos do que a necessidade de se manter no risco ou em sua busca.

Para Sennett (1999), a peculiaridade da moderna cultura do risco consiste exatamente nessa excitação da procura de desafios. O risco passa a ser entendido em estreita ligação com o movimento da sociedade. Hoje, o que não se mexe é tido como sinal de fracasso, de forma que a estabilidade é percebida como uma vida quase morta. Enfrentar o risco aparece também como ato de coragem; um teste de caráter em que o importante é fazer o esforço, tentar a sorte. A atenção focada para as circunstâncias imediatas evidencia ainda a busca permanente do indivíduo de indicação de acerto. Ele precisa de provas que afirmem sua competência no trabalho e na vida.

Na atualidade, essa busca de risco, sobretudo entre os jovens, cada vez mais se intensifica. Conforme observa Le Bretton (1995), a partir dos anos setenta do século XX, assiste-se ao crescimento da atração pelos esportes perigosos e de emoção. Outras modalidades de risco (a delinquência, o roubo, a toxicomania), também perseguidas pelos jovens, ganham forma de atração pela vida perigosa. Para o autor, o risco hoje insere os indivíduos numa arena de afrontamento à morte, onde eles fazem seu próprio julgamento. O risco tem, assim, o significado ritual de pôr à prova a capacidade de viver do ator social. O desafio à morte ganha o sentido da ordália

da Idade Média, em cujo rito social o condenado procurava defender sua própria vida, tentando provar sua inocência e o merecimento de viver. Mas, na sociedade contemporânea, de forte estruturação individualista, a ordália moderna torna-se um rito individual. Nela, o sujeito tenta afrontar o mundo na procura de uma via real para colocar à prova seus recursos pessoais: de fortaleza, de destreza e de coragem. Procura reforçar seu sentimento de “identidade”, numa ânsia desesperada de testar sua competência, de encontrar sentido de existir (LE BRETON, 2000).

A perseguição aos riscos ou a adaptação a eles, na atualidade, também não deixa de evidenciar a força da cultura do narcisismo sobre os indivíduos. O desejo insaciável de admiração encontra no afrontamento ao risco um palco do espetacular. A busca é a vitória que, embora momentânea, exalta a condição de vencedor. Contudo, arriscar também é se colocar em evidência, independentemente do resultado.

Portanto, na sociedade contemporânea, os riscos e as incertezas nas situações também são expressão da falta de orientação, das dúvidas e da insegurança dos sujeitos na própria vida. Sem sinais que demarquem seu percurso, a imagem que o homem moderno constrói de si, conforme aponta Balandier (1997a), é frágil e imprecisa. Seu sentido de existência, fundado na lógica estruturante da nova ordem, também é instável e passageiro. Os atributos de competência na vida, de qualificação que lhe dão o sentimento de autovalorização

se esvaem a todo momento e continuamente precisam ser buscados, renovados, testados, levando o indivíduo a uma procura exaustiva de algo inatingível. O mundo de prazeres, de constantes novidades, da automação, da fantasia, do conforto, é também o de angústias, conflitos, fracassos, impotência, desafios cotidianos, causados pela perda de “autoidentidade” e pela impossibilidade de autorrealização.

Balandier (1997a) refere-se à outra face da modernidade que, contraditoriamente, opera no inverso do lado colossal da lógica da produção, do poder, da organização. Para ele, a retórica do movimento, da ruptura, da inovação provoca uma crise de representações e uma fragmentação cultural. A determinação fluida do tempo invade a vida cotidiana,

(...) submetida às solicitações do sempre novo, das modas, aos incitamentos do gozo imediato. O homem da modernidade situa-se em uma temporalidade desperdiçada, mal sinalizada, cujos componentes (níveis ou extratos) imbricam-se conflituadamente (p.141).

O homem contemporâneo submete-se cotidianamente a processos de massificação, às grandes aglomerações homogeneizadoras de desejos e emoções, onde a “imitação por difusão se intensifica”. Entre os fenômenos decorrentes da massificação, o autor cita a inflação generalizada, que, através do desemprego e da desqualificação de funções, provoca a desvalorização abrupta do indivíduo.

A tensão estabelecida entre um maior domínio potencial e uma maior manipulação sofrida, se torna, em certo grau de intensidade, um dos fatores de enfraquecimento moral (a depressão), da fuga-renúncia (o novo nomadismo) ou do recuo (o retraimento) (BALANDIER, op. cit. p. 266).

O corte com a dimensão do sagrado, efetuado pela modernidade, deixa os sujeitos ainda mais à deriva e inseguros. A instabilidade acentua-se. O individualismo e a competitividade os atingem desde crianças. Lançam-nos a uma corrida frenética sem fim e sem direção. É a crise de sentido de existência que apavora os seres humanos na atualidade, atingindo os indivíduos de forma e intensidade variadas.

De fato, tudo se passa muito rapidamente e não há tempo para que os indivíduos se preparem para acompanhar a lógica sem aviltar suas almas, aprendam nela como se proteger, se isso for possível. Na verdade, os sujeitos sociais, desde muito cedo, são treinados e selecionados para seguir o ritmo da ordenação social e assimilar seu processo. Todavia, não são orientados para compreender sua lógica, seu sentido ordenador.

A seleção dos escolhidos para a corrida inicia-se muito cedo e se dá cotidianamente. A família, as demais instituições de socialização e os sistemas e redes de informação executam, natural e silenciosamente, a tarefa de preparação dos novos atores sociais para entrarem na competição. Mas, os momentos

de passagem, como a adolescência e outras ocasiões de mudanças, de crises, são cruciais. Como nas competições esportivas, a sociedade do espetáculo e da abundância também descarta e escanteia seres humanos. Só lhe interessam os mais fortes, aqueles que seguem seu ritmo, que se adaptam ao seu modelo, e enquanto o fazem.

O impacto causado pela modernidade sobre as condutas dos indivíduos e o aparecimento das desordens emocionais de origem social têm sido apontados por diversos autores que estudam a contemporaneidade. Em sua obra sobre a política de civilização, Morin (1997) refere-se à mercantilização generalizada que invade espaços onde antes reinavam a ajuda-mútua e os bens comuns não monetários, provocando destruição de numerosos tecidos sociais de “conviviabilidade”.

Para Morin, o individualismo tem causado a degradação das velhas solidariedades, o anonimato e a atomização das pessoas, “o enfraquecimento do senso de responsabilidade com os outros, o egocentrismo e, tendencialmente, aquilo que podemos chamar a metástese do ego” (op. cit, p.127). Ele entende que existe uma crise na relação fundamental entre o indivíduo e sua sociedade, o indivíduo e sua família, o indivíduo e ele mesmo. Ressalta que, apesar do “bem-estar” que a atual civilização proporciona (o poder de compra da população francesa triplicou entre 1960 e 1990), contraditoriamente, ocorreu um aumento assustador das doenças “sociopsicosomáticas”, decorrentes desta civilização.

Revela dados sobre os psicotr3picos (antidepressivos e tranquilizantes) cujo consumo foi multiplicado por seis em cerca de 25 anos. Os suic3dios e as internações psiquiátricas, em período equivalente, também triplicaram. A esse respeito, conclui:

A incerteza, a angústia podem vir dos males insuportáveis em um mundo sem futuro onde os indivíduos são atomizados. A heroína que o adolescente injeta é a resposta exasperada à angústia que o adulto acalma com o sonífero (MORIN, 1997, p. 127-130).

Numa perspectiva diferenciada, Giddens (1993, 1996), em suas obras sobre as transformações nos relacionamentos e no comportamento dos indivíduos nas sociedades modernas, compreende que os distúrbios emocionais compulsivos da atualidade estão ligados a questões da perda de autoidentidade pela falta de autorreflexão. Para o autor, na ordem social pós-moderna, os indivíduos têm, mais ou menos, que se engajar com o mundo da reflexividade intensificada, se quiserem sobreviver nele. Significa que necessitam refletir permanentemente sobre o que fazer, o que comer, o que beber, que decisões devem tomar para manter o controle do "self", exigência da modernidade. Ao mesmo tempo, os sujeitos são conduzidos a incorporar hábitos, estilos de vida, produtos, modismos, numa assimilação não reflexiva dos elementos impulsionadores do produtivismo industrial.

Giddens (1993) entende que a força desse processo pode levar os indivíduos à “frágil postura compulsiva”, se não houver mecanismos de enfrentamento e negociação de conflitos e espaços de diálogo e de autorreflexão. Conforme o autor, o vício, incluindo a dependência (que, entre outras coisas, pode ser de droga, comida, jogo, sexo, trabalho, fumo, compras, exercícios), é indicativo de um vazio que o indivíduo tenta preencher, devido à falta do padrão, da continuidade da tradição que ordenaria seu estilo de vida. O vício, como comportamento compulsivo na forma mais intensificada, é “fonte primária de segurança ontológica”.

A interpretação do autor é contundente no sentido de perceber a absorção cega dos indivíduos de estilos de vida que lhes tiram o controle das situações e de si próprios. Contudo, ela não parece focalizar nem enfatizar a dimensão da força dessa nova lógica social que se sobrepõe aos indivíduos, dilacerando, inclusive, sua própria capacidade de autorreflexão. São inúmeros os casos de profissionais médicos, psiquiatras, anestesistas e outros envolvidos com o conhecimento do comportamento emocional e das substâncias químicas, que desenvolvem dependência de droga¹¹.

Muitas vezes, o conhecimento serve exatamente como justificativa para o consumo, temperando o encantamento,

¹¹ Sobre as pesquisas que tentam relacionar tipos de ocupação e alcoolismo, Hirata (1991) cita o trabalho de M. A. Plant, o qual aponta a profissão médica entre outras de grupo ocupacional de risco. O autor refere-se ainda a outra pesquisa realizada em Boston, com 5.314 entrevistados, que tenta associar profissões de alto nível de estresse ao consumo de etílicos e aponta as profissões de executivo, advogado e médico como as principais.

como usar, saber dosar. A toxicomania, nos tempos modernos, adaptou-se muito bem às técnicas do disfarce. A euforia, a diversão, a fuga, o encantamento, a liberdade, a dependência são máscaras que escondem suas múltiplas faces. Mas, encobrem também o pavor, o desacerto e a angústia do homem moderno no enfrentamento da vida, na construção e (des) construção de suas trajetórias, na formação e (de)formação de sua subjetividade.

Em análise sobre o mal-estar da pós-modernidade, Bauman (1998) chama a atenção para os efeitos psicológicos da “cegueira moral” da nova competição de mercado e das incertezas da atualidade, na constituição subjetiva dos indivíduos. Fala da dificuldade existente nos homens e mulheres contemporâneos, no sentido de construírem uma identidade sólida e duradoura, num mundo onde “nada pode ser conhecido com segurança” e onde tudo que é conhecido pode ser compreendido de maneiras diferentes. O conhecimento é passageiro, da mesma forma que se tornam descartáveis, no mercado, valiosos empreendimentos e qualificações profissionais. Ao se referir à intensidade desse processo de deterioração do saber, assim se expressa Bauman (1998):

Como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, a se dilatar? Como pode alguém se preparar para a vocação da vida, se habilidades laboriosamente adquiridas se tornam dívidas um dia depois de se tornarem bens? (p.112).

Conforme o referido autor, a vida torna-se um jogo. “Apostar, agora, é a regra, onde a certeza, outrora, era procurada, ao mesmo tempo que arriscar-se toma o lugar da teimosa busca de objetivos” (p.36). E ninguém - nem mesmo os heróis - escapa às armadilhas da modernidade. Bauman (1998) adverte que ter aprendido as regras do jogo não significa ser bem sucedido nem ser mais sagaz: “todo herói hoje é uma vítima amanhã”. A atual sociedade do espetáculo usa a farsa para apropriar-se dos feitos dos atores sociais. Enaltece o indivíduo; coloca-o no centro das atenções; extrai toda sua força, para depois o descartar, lançá-lo à derrota.

A atmosfera de medo e de incerteza, decorrente da desordem da sociedade, invade a vida cotidiana dos sujeitos, agravando seu temor quanto ao futuro próximo ou distante. Nas personalidades narcisistas, cuja imprecisão quanto ao que ainda está para vir, naturalmente já as apavora, o medo toma forma de pânico, acentuando suas perturbações emocionais. Os desapontamentos, as perdas, as frustrações avolumam-se, criando uma espécie de desencanto com a vida, o qual, gradativamente, vai substituindo o passageiro encanto gerado no entusiasmo vazio e inconsistente das aparências. Os atores sociais são condenados à derrota e ao implacável sofrimento psíquico. Este é o panorama da atual sociedade depressiva a que se referem Ehrenberg (1998) e Roudinesco (2000).

Todavia, é no mundo do trabalho onde mais se evidencia a imposição da racionalidade competitiva e seus efeitos

corrosivos sobre a interioridade dos indivíduos. Um imenso arsenal produtivo, incluindo os engenhosos equipamentos tecnológicos e as sofisticadas redes de serviços, é acionado na produção dos bens de consumo que reproduzem a lógica do efêmero, do inédito, do espetacular. Essa mesma lógica, fundada na instabilidade, na exposição ao risco e na incerteza, substancia o processo de construção e de montagem desse arsenal produtivo, disseminando-se, também, para as antigas formas de organização individual e coletiva de trabalho.

Criam-se, então, novos modelos de controle de produção e novos espaços produtivos. Estes espaços podem ser ampliados e deslocados sem, necessariamente, obedecerem a uma delimitação física específica, a exemplo dos escritórios virtuais. A instabilidade que impulsiona a lógica também altera permanentemente os tradicionais espaços físicos, fixados para a produção. Modificam-se o ritmo e a rotina das tarefas. O trabalho automatizado, programado, burocratizado torna-se ilegível, no sentido abordado por Sennett (1999, p. 80). Ele escapa ao controle do trabalhador que o executa.

A perda de controle do trabalho, que resulta das mudanças nos processos produtivos, provoca distanciamento e desapego do indivíduo para com suas atividades. Esses “traços de caráter”, por sua vez, geram outros: o despreendimento do passado e a tolerância à fragmentação, igualmente importantes ao mercado de trabalho da era da flexibilidade. Essas mudanças na lógica da organização do trabalho

estimulam, nos sujeitos, a espontaneidade, os deslocamentos e a disposição de “permanecer na desordem”, mas também provocam a “corrosão de caráter” e a autodestruição (SENNETT op, cit., 80). A fragmentação do tempo, das tarefas, do trabalho, das relações é também a fragmentação da vida. Ela impossibilita os sujeitos de construir trajetórias a longo prazo; impede que elaborem suas narrativas de vida.

Assim, na atualidade, a fragmentação do trabalho e, em consequência, o distanciamento e o desapego fazem emergir também, no indivíduo, a falta de significação de sua tarefa e os sentimentos de inutilidade e de indignidade em suas atividades. No trabalho descontínuo e fragmentado, o sujeito não pode mais expressar atributos de competência e de valorização pelo conteúdo de suas atividades. Conforme Dejours (1992, p. 49.), o trabalhador não consegue sequer perceber o que sua tarefa significa no conjunto das atividades da empresa. Mas, a falta de significação e de finalidade do trabalho representa para o trabalhador a própria falta de significação humana de sua tarefa. “Ela não significa nada para a família, nem para os amigos, nem para o grupo social e nem para o quadro de um ideal social altruísta, humanista ou político” (DEJOURS, op. cit. p. 49).

Agravando esse panorama de perda de controle do indivíduo sobre seu trabalho e de significação de sua tarefa, ocorre simultaneamente o processo crescente de desqualificação profissional. As especializações são constantemente banidas

ou redefinidas, impedindo e desmotivando a formação de carreiras, provocando desemprego e destruindo longas trajetórias profissionais. O mundo contemporâneo é tomado pelo que Bauman (1998, p. 35) chama de “espectro da ruína de amanhã”. É a atmosfera de medo que abriga a incerteza decorrente da desordem da sociedade. O autor chama a atenção para o efeito psicológico do temor quanto ao futuro: nenhum emprego pode ser garantido, nenhuma posição pode ser inteiramente segura, nenhuma perícia pode ser de utilidade duradoura. “(...) a experiência e a prática se convertem em responsabilidade logo que se tornam haveres, carreiras sedutoras muito frequentemente se revelam vias suicidas”. Um volume de perdas e frustrações contribui para o desencanto do homem contemporâneo com a vida. Inevitavelmente, todo este “mal-estar”, mais evidente no mundo do trabalho, incrementa a configuração do desamparo social da atualidade, intensificando a busca narcísica e angustiante do sujeito por valorização e admiração.

Nesse contexto de acontecimentos imprevisíveis, de obscuridade e de incertezas, agrava-se a competição. Além da acirrada concorrência entre os atores sociais para a entrada no mercado de trabalho, a luta para manter o emprego joga trabalhadores, de uma mesma empresa, em confrontos inescrupulosos e desleais. Assim, a própria visão de mundo dos sujeitos e sua ética de vida e de trabalho são alteradas. Consequentemente, as relações sociais no trabalho

e nos demais planos de existência também passam por significativas mudanças. Obviamente, o impacto devastador da contemporaneidade sobre a trajetória de vida dos sujeitos afeta sua interioridade, provocando deformações de caráter e a emergência de outros sintomas de desamparo social. Conforme Sennett (1999, p. 10-11), caráter “são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem”. Mas, na atualidade, os referenciais que orientam as escolhas dos indivíduos são também fundados na lógica que valoriza o efêmero, o curto prazo, o espetacular. Como, então, manter lealdade e compromisso mútuos “em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojctadas”.

A instabilidade, o curto prazo, a insegurança, a competição desleal que fundam a nova ética do trabalho se estendem aos demais níveis de convivência dos indivíduos. A falta de compromisso e de responsabilidade fragiliza as relações dos sujeitos, danificando seus vínculos afetivos, deformando seu caráter, como observa Sennett (1999). Para o autor, numa economia política continuamente planejada, sem trajetória, intolerante à rotina, a incerteza que provoca as corrosões de caráter, está, hoje, entremeada nas práticas cotidianas de um capitalismo vigoroso. Ela “desorienta a ação a longo prazo, afrouxa os laços de confiança, e compromisso e divorcia a vontade do comportamento. (...) As qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter” (p. 21 e 33).

A instabilidade competitiva que domina o mercado invade também as relações de trabalho. A cultura narcisista encarrega-se de difundir a lógica que busca o alcance do ilimitado e que privilegia o melhor, o mais competente, o espetacular. Todavia, nessa cultura, tais valores são desprovidos de conteúdo ético altruísta. Conforme Lasch (1983, p. 77), a ética da autopreservação e da sobrevivência psíquica está radicada nas condições objetivas da guerra econômica, nas altas taxas de crimes e no caos social, mas também nas experiências subjetivas do vazio e do isolamento. “Ela revela a convicção – tanto uma projeção de ansiedades, como uma percepção de como são as coisas – de que a inveja e a exploração dominam até as relações mais íntimas”. Em seu estudo, Lasch cita uma pesquisa, realizada por Michael Macoob, com 250 administradores de empresa. O novo líder corporativo, segundo a pesquisa, tem certa dose de simpatia; trabalha mais com pessoas do que com materiais; procura não construir um império ou acumular riquezas, “mas experimentar a alegria de dirigir uma equipe e alcançar vitória. (...) Ele deseja ser conhecido como vencedor e seu maior temor é ser rotulado como perdedor” (LASCH, 1983, p. 69).

A ansiedade em ter as coisas sob controle, conforme Lasch (op. cit.), faz com que o trabalhador em função de líder se oponha aos outros, ao invés de se opor “a uma tarefa material ou a um problema”. “O homem da organização” dá lugar ao “manipulador”. A dificuldade do narcisista de estabelecer

relações pessoais duradouras e profundas e a capacidade de manipulação das relações, na atualidade, tornam-se regras nas organizações empresariais. Elas valem não só para os empregados que ocupam função de chefia, mas para todo o corpo de funcionários.

Ao analisar a ansiedade como um sintoma do sofrimento no trabalho, Dejours (1992) observa a prática da manipulação psicológica dos funcionários pelos chefes, frequente no setor terciário e nos serviços de escritórios. Trata-se de uma técnica de discriminação na qual, através de paternalismo e do favoritismo, o chefe obtém do empregado informações sobre sua vida pessoal, sua situação financeira e de saúde. Depois, utiliza essas informações como meio de pressão para exercer o comando e o controle, ativar conflitos e promover a rivalidade entre colegas. Cria-se, desse modo, uma atmosfera de perseguição e de desconfiança no ambiente de trabalho. Como enfatiza o referido autor, o efeito principal desta técnica é “envenenar as relações”, fomentando suspeita e “perversidade de uns para outros” (p. 75-77).

Nos serviços de escritório, conforme Dejours (op. cit.), o ambiente de trabalho constituído no clima de deslealdade, de suspeita, de espionagem entre os empregados facilita o controle da chefia. Nestes serviços, “os tempos e os ritmos de trabalho são mais difíceis de se fazer respeitar do que numa linha de montagem”. A ansiedade, criada e mantida pela supervisão através da desestruturação das relações

de trabalho, tem como finalidade aumentar o rendimento de cada trabalhador e a produtividade da empresa. Essa ansiedade “relativa à degradação do funcionamento mental e do equilíbrio psicoafetivo” está presente nas diversas formas de organização de trabalho, seja por meio de variadas práticas de pressão hierárquica, seja pela técnica de discriminação e rivalidade das relações. Como sintoma, essa modalidade de ansiedade no trabalho evidencia o sofrimento mental que, na atualidade, afeta grande contingente de trabalhadores.

É certo que a natureza complexa das atividades burocráticas de escritório e de outros serviços torna essas atividades adaptáveis às práticas de “manipulação psicológica” e à “desestruturação das relações psicoafetivas”, sem prejuízo do resultado final do trabalho. Ao contrário, essa técnica de controle das chefias apresenta resultado econômico positivo para a organização. Entretanto, para que os trabalhadores se mantenham motivados para o trabalho e empenhados em suas funções, são necessários outros fatores, também eficazes, na criação de ansiedade para a produção. A angustiante busca de valorização, de admiração e de competência na vida, através do trabalho é, certamente, um importante fator que intensifica a competição entre os trabalhadores. Esta busca narcísica magnificamente se complementa com as estratégias de manipulação, que estimulam a deslealdade e a perseguição entre os empregados, nas organizações.

Assim, na atualidade, na arena do trabalho, a nova lógica competitiva utiliza da imprevisibilidade e da incerteza para implementar diversas formas de pressão psicológica sobre os sujeitos, a fim de arrancar sua energia necessária à produção do ilimitado. Mas, as variadas formas de ansiedade, geradas nas organizações de trabalho, conforme Dejours (1992, 1999.), colocam em perigo o equilíbrio mental dos trabalhadores. A grande carga de tensão, resultante das pressões psicológicas, contamina outras relações fora do ambiente de trabalho, principalmente as relações familiares, generalizando-se o sofrimento emocional.

Naturalmente, para suportar o sofrimento que emerge das condições sociais no trabalho, os sujeitos elaboram suas estratégias individuais e coletivas de defesa. Atividades de diversão, jogos, brincadeiras, encontros comemorativos e reuniões de final de semana são práticas comuns de funcionários das empresas dos vários setores. Essas estratégias defensivas, entretanto, não conseguem diluir o volume das tensões acumuladas no cotidiano de trabalho. Até porque elas também são elaboradas dentro dos parâmetros da racionalidade competitiva de organização da sociedade. Portanto, os espaços de diversão também são locais de busca de evidência, onde os indivíduos tentam exaltar atributos de coragem, competência, capacidade de vencer, de ser o melhor. Muitas vezes, as ansiedades, as disputas, as tensões no local de trabalho acabam sendo transferidas para esses outros espaços de relações sociais.

Ao tratar das defesas coletivas contra o medo, no ambiente industrial, Dejours (1992, p. 109) refere-se às práticas defensivas dos operários de uma indústria petroquímica, através das “*condutas perigosas*”. Tais práticas compreendiam: jogos lúdicos que incluem desde jogos de carta a jogos que põem em perigo a vida do operário; brincadeiras com gozações e trotes que provocam crises nervosas; jantares em forma de banquetes, com comida e bebidas em exagero, momento em que os operários testam equipamentos perigosos de trabalho; e outras condutas de risco que, muitas vezes, levam de fato a acidentes. Conforme o autor, trata-se de uma forma de defesa do medo pelo afrontamento ao risco, consistindo na busca de domínio simbólico do medo pela encenação que, para ser eficaz, deve ser levada ao extremo e provocar vítima.

O consumo de bebidas alcoólicas e de psicotrópicos também aparece nas pesquisas apresentadas por Dejours (1992, p. 78, 1999, p. 103) como mecanismo de defesa, adotado pelo trabalhador, para enfrentar o medo nas atividades perigosas e as tensões das desestruturações das relações psicoafetivas do trabalho. Na verdade, as estratégias de defesa podem até oferecer ao indivíduo alívio momentâneo para as ansiedades do trabalho, seja atenuando tensão, seja promovendo a conformação e a reafirmação do sujeito de sua situação de ansiedade. Todavia, como mostra Dejours (1999, p. 35-36), “(...) as estratégias defensivas podem também funcionar como uma armadilha que insensibiliza contra aquilo

que faz sofrer”. Elas podem tornar o trabalhador tolerável também ao “sofrimento ético”, àquele que resulta do mal que o sujeito experimenta ao cometer atos que ele próprio condena moralmente. De qualquer forma, as estratégias de defesa da ansiedade mostram-se ineficazes. Com o tempo elas se esgotam, perdem o poder de atenuar ou esconder o sofrimento mental do sujeito no trabalho e em outras esferas de sua vida. Assim sendo, elas não conseguem evitar completamente o aparecimento de desordens emocionais.

Os parâmetros competitivos da atual competição, os ideais narcisistas de sucesso, os riscos e incertezas da atualidade afetam os diversos planos da vida dos sujeitos, com efeito devastador. As desordens emocionais emergem com a mesma intensidade desse impacto. Conforme Birman (1999), a depressão, a síndrome do pânico e a toxicomania são as “perturbações de espírito” que mais evidenciam a incapacidade do sujeito de participar da atual cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo. Isso justifica a atenção da psicopatologia, sobretudo da psicofarmacologia, nas últimas décadas, para essas desordens emocionais. Tais perturbações decorrem da impossibilidade de o sujeito de exercer a exaltação do eu e a estetização da existência, não obstante seu esforço sobre-humano para atender as exigências impostas por esta sociedade. Essas desordens são, portanto, sintomas do sofrimento e do desamparo social do sujeito, fruto do mal-estar na atualidade. Birman (1999) afirma que:

As toxicomanias são os contrapontos da depressão e da síndrome do pânico, no sentido de que é pelo consumo massivo de drogas que o sujeito tenta regular os humores e efeitos maiores do mal-estar na atualidade. O sujeito busca, pela magia da droga, se inscrever na rede de relações da sociedade do espetáculo e seus imperativos éticos (p. 249).

Para o autor, as drogas ilícitas e as legalizadas fornecem os instrumentos necessários para as individualidades se inscreverem no “brilharesco” da cultura do narcisismo da sociedade do espetáculo. Pela magia da droga, pela transformação do humor que ela permite, o sujeito pode exercer, ao menos por algumas horas, a inflação do eu, o operador crucial da estetização da existência. As drogas servem, hoje, para anestesiar as desesperanças dos sujeitos, para aliviar as angústias e as tristezas do desamparo social, provocado pelo mal-estar na atualidade.

Nesse cenário de espetáculo e de busca de glorificação do eu, segundo a interpretação de Birman (op. cit.), a dependência de droga eclode na forma de busca narcísica e angustiante de evitamento da dor e do sofrimento psíquicos, referentes à existência. Neste estudo, a trajetória de consumo de droga dos sujeitos também tende a evidenciar essa busca exasperante de sentido de existir e de competência na vida, conforme os parâmetros estabelecidos por esta sociedade. Assim, através da recorrência ao uso intensivo de droga, o

sujeito tenta encontrar em seu interior a energia necessária à sua participação na cultura narcisista. Procura alcançar o autocentramento pela exteriorização e pela exibição do eu, a fim de suscitar nos outros a admiração que ele almeja. Mas, o consumo intensivo de droga permite também ao indivíduo aplacar a angústia e o sofrimento que impedem a exaltação de sua interioridade.

Contudo, a estratégia defensiva dos sujeitos, através do uso intensivo de droga, para se protegerem do sofrimento decorrente do desamparo social, também tem suas frustrações. A incursão na dependência de droga apresenta descontinuidades e desencantos. No avançar do percurso, os sujeitos passam a perseguir o efeito anestésico da substância, buscando o alívio emocional para as angústias das perdas, dos fracassos e das tensões que se avolumam em sua trajetória. Aos poucos, a droga torna-se fundamental à vida do sujeito, adquire importância semelhante ao ar que ele respira, estabelecendo-se uma relação tão íntima que secundariza as demais. Fracassos e perdas avolumam-se, sendo, muitas vezes, irrecuperáveis.

A energia que fomentava ânimo e coragem ao indivíduo, para que pudesse enfrentar riscos e obstáculos na perseguição da posição de vencedor, chega com ele à exaustão. Agora a droga serve de sedativo, de escudo diante da dolorosa condição de perdedor que o sujeito tenta esconder dos outros e de si próprio. É comum nessa fase o indivíduo reconhecer a

dependência da droga, conquanto insiste em negá-la. É o ápice de uma trajetória de luta para conseguir viver conforme códigos aparentemente elaborados pelo próprio indivíduo em suas experiências cotidianas. Mas, na verdade, esses referenciais são impostos aos sujeitos pela atual cultura narcisista dessa sociedade do espetáculo e, apenas, reelaborados pelos atores sociais, como expressa Bauman (1998):

(...) ingressamos num mundo em que uma terrível quantidade de aspectos são óbvios a ponto de já não serem conscientemente notados e não precisarem de nenhum esforço ativo, nem mesmo o de decifrá-los, para estarem invisivelmente, mas tangivelmente, presentes, em tudo que fazemos - dotando desse modo nossos atos, e as coisas sobre as quais agimos, de uma solidez de "realidade (p.17).

Naturalmente, a cultura predominante em cada época define o sentido de existência dos sujeitos e modela suas relações. "A cultura abrange uma objetividade com a espessura que tem a vida" (MINAYO, 1996, p.15). Ela perpassa as esferas da economia, da política, da religião, bem como da simbolização e do imaginário. Nesses cenários de manifestação real e simbólica da cultura, tudo ganha sentido: articulam-se as mudanças, os conflitos, as concessões, as tradições.

Na modernidade contemporânea, a cultura do narcisismo, que dá substância à atual racionalidade competitiva, tem seu impacto sobre a interioridade dos atores

sociais, dando forma à sua interação com o mundo. Mesmo os traços que singularizam os indivíduos, grupos e comunidades, são remodelados conforme a lógica de organização da sociedade. Evidentemente, a cultura se impõe ou se dilui de forma diferenciada nos diversos contextos e na multiplicidade dos atores. A absorção dos princípios, dos valores, da ética de convivência também ocorre de maneira particular, conforme a história de cada sujeito e uma série de outros fatores socioculturais que se imbricam na complexidade do processo.

É certo que o uso de substâncias psicoativas tem acompanhado a história da humanidade. Forma, controle e importância de uso têm sido culturalmente definidos em cada universo cultural. Nas sociedades indígenas e tradicionais, as drogas, assim como a dança, a música, as artes ornamentais e outros componentes do sistema simbólico, configuram o cenário de comunhão dos sujeitos com as forças sobrenaturais. Nestas culturas onde a relação com o sagrado, conformando sentidos de existência, mais se evidencia, as substâncias psicoativas, sobretudo as alucinógenas, são sacralizadas pelo valor mítico e curativo que representam. Tornam-se, muitas vezes, imprescindíveis nas cerimônias de evocação dos deuses e de transe espiritual.

Todavia, nestas sociedades tradicionais, prevalecem outras formas elaboradas pelos homens de perceber o mundo e a natureza, outras racionalidades e outros modelos de convivência social. Nesses universos culturais, o sagrado

mantém seu significado mítico-religioso, preservado pela tradição. Nesses contextos, são as potências ocultas que comandam e controlam a natureza e a vida dos seres humanos. Os riscos e as incertezas são percebidos como provas, sacrificiais, sinalizadas e arbitradas pelos deuses. A competência e o sucesso nas tarefas difíceis, nas caçadas, nas guerras, dependem dos desígnios e consentimentos das divindades e não apenas da capacidade dos seres humanos. Desse modo, os sujeitos tornam-se capazes de responder às exigências de seu tempo. Estão sob o amparo dos deuses, no sentido freudiano de interpretação. Portanto, é na relação de mediação simbólica com o sagrado que a droga adquire significação nas sociedades indígenas e tradicionais.

No contexto atual, entretanto, a droga ganha novas motivações de uso na mediação do homem com o mundo. Ela ajuda o sujeito a encontrar forças no seu interior para enfrentar os riscos da contemporaneidade, a tentar seguir a nova lógica de viver que a ele se impõe. Na verdade, no cenário complexo da atualidade, a droga adquire novas funções, que vêm favorecendo a expansão de uma forma intensificada de uso, fruto da modernidade, caracterizada como dependência.

A substância apresenta-se como elemento mediador e atenuante das relações do indivíduo com o mundo, consigo mesmo e com os outros, nesse panorama de crises, riscos e incertezas. Ela passa a auxiliar os usuários no confronto com os obstáculos cotidianos, estimulando a euforia, o ânimo e a

coragem para que possam tentar seguir o ritmo e o estilo de vida que a eles se impõem. Todavia, as exigências colocadas aos sujeitos, nesta sociedade, estão bem além da sua capacidade humana de responderem. Assim, a droga torna-se também útil ao indivíduo como anestésico emocional, aliviando a angústia e a ansiedade socialmente construídas, decorrentes dos sentimentos de incompetência na vida, de fracasso, de autodesvalorização que configuram o cenário contemporâneo de desamparo social.

O uso intensivo de droga, conforme Birman (1999, p. 228), inscreve-se num circuito pulsional em que a substância fascina pela promessa ao sujeito de não confronto com o seu abandono. A toxicomania, como fenômeno da atualidade, se estabelece, portanto, na intensidade dessa busca do indivíduo do “evitamento do sofrimento psíquico”, decorrente do mal-estar da civilização. Este desamparo social é um prolongamento do desamparo infantil (FREUD, 1997, p. 49) e afeta a interioridade dos indivíduos em graus variados, conforme as condições estabelecidas em seus contextos sociais.

Nas histórias dos entrevistados da pesquisa apresentadas neste livro, o impacto da contemporaneidade sobre a interioridade desses sujeitos, direcionando suas trajetórias e a sua forma de consumo de substâncias psicoativas, aparece, para a maioria deles, desde a adolescência, ainda na fase de preparação para sua entrada ativa na vida social. A droga surge nesse momento, para os jovens, como elemento mediador

de sua relação com o mundo, auxiliando-os em sua busca exasperante de responder às exigências impostas por seus contextos sociais. Dentre à diversidade de imperativos externos ao indivíduo, que afetam sua subjetividade e favorecem ao surgimento do uso intensificado de droga e da dependência, este estudo se centra nos ideais competitivos, nos riscos e nas incertezas da contemporaneidade.

Na fase inicial de uso intensivo, a droga possibilita ao usuário controlar ou liberar as emoções que o enfrentamento dos desafios faz aflorar. A substância auxilia o sujeito na excitação das buscas, na exaltação das conquistas, nas situações de incoerência e de confusão das atitudes com vistas ao ganho, à obtenção de destaque, ao gozo imediato. Essas atitudes são incoerentes justamente por se contraporem aos valores de compromisso, de responsabilidade e de lealdade que criam solidariedade e fixam as relações pessoais.

A droga passa, portanto, a ser um importante suporte para que o indivíduo, em sua busca solitária, possa enfrentar suas crises, seus medos. Mas, como será visto nos capítulos 3 e 4 deste livro, a dependência, como uma modalidade da toxicomania, também constitui fonte de risco que se coloca aos atores sociais, na atualidade, sobretudo os jovens, ou é perseguida por eles, como observa Le Breton (2000).

É certo que muitos jovens, expostos às mesmas condições de riscos e de incertezas e aos mesmos contextos sociais submersos na atual racionalidade competitiva, não necessa-

riamente ingressam na toxicomania. Isto em virtude da combinação dos fatores orgânicos, farmacológicos, psicológicos e socioculturais que interagem no complexo de motivações para o uso intensificado das substâncias, incluindo as histórias particulares de construção da subjetividade dos sujeitos. Cada um destes fatores envolve outra diversidade de variáveis que se interconectam, positiva ou negativamente, na emergência do fenômeno.

Portanto, o recorte deste trabalho não significa desconsiderar a importância dos demais aspectos e variáveis na emergência da toxicomania. Tampouco implica minimizar a relevância de outros fatores socioculturais em sua configuração. Estes fatores podem atuar relacionados aos aspectos indicados neste estudo, no sentido de fortalecê-los, facilitando a incursão do sujeito na dependência. A motivação para o consumo de droga, pela influência do grupo de convívio do indivíduo, pode ser um exemplo ilustrativo, identificado nesta pesquisa. Outros aspectos da vida social podem aflorar no sentido de impedir ou dificultar o aparecimento do sintoma. A força da religião na modelação do comportamento dos sujeitos é um exemplo, podendo ser acrescentados fatores biológicos e psicológicos.

Assim, é perfeitamente possível que o adolescente, fortemente afetado pelo desamparo social, não inicie ou não dê continuidade ao uso intensificado de droga. Isso devido às razões diversas, inerentes à multiplicidade de aspectos que interagem na configuração e na emergência do fenômeno.

Nesse caso, o indivíduo poderá apresentar outra dificuldade de comportamento, outro tipo de compulsão, outra desordem emocional, outro sintoma do vazio interior.

Todavia, na passagem da adolescência, o jovem despreparadamente exposto às exigências sociais, ao entrar em contato com a droga, pode encontrar alívio para seu estado de tensão. Com a ajuda da substância, ele pode experimentar a euforia e o almejado sentimento de competência e de onipotência. Então, já nesse período, ele pode desenvolver uma relação de encantamento com a substância.

Também, não se deve presumir que todos os indivíduos que desenvolveram cedo a dependência de droga tiveram passagens tumultuadas na adolescência. Outros fatores vão influenciar no início e na continuidade do uso. A cultura do consumo intensivo de determinada droga pelo grupo de amigos, ou de familiares, é um fator importante. Mas, essa cultura, aliada à exposição precoce aos imperativos externos que demandam respostas do indivíduo, parece ser um aspecto bastante significativo.

Assim, conforme a perspectiva desse estudo, o percurso de uso de droga caracterizado pela fascinação, independe do efeito químico das substâncias no cérebro. Ele é traçado, sobretudo, por imperativos de natureza externa aos indivíduos, inerentes ao contexto de organização social que a eles se impõe. Estes imperativos permanentemente colocam os atores sociais, e não somente os jovens, como será visto no

Capítulo 4 deste estudo, diante de exigências e escolhas que eles, quase sempre, são incapazes de responder. Através de mecanismos de defesa, esses atores tentam encontrar suas respostas. Mas, o impacto dessas exigências sobre os sujeitos, em cada contexto – as condições profissionais, de trabalho, as relações afetiva, familiar, enfim a vida nos diversos planos – cria, nos usuários dependentes de drogas, a necessidade de recorrência ao consumo.

Naturalmente, outros fatores de ordem subjetiva, relativos à vida passada e presente dos indivíduos e suas expectativas para o futuro, interferem na intensidade individual da recorrência à droga. Da mesma forma, os fatores de natureza orgânica, tratados pela medicina, particularizam a tolerância e os efeitos químicos das substâncias nos indivíduos. Mas, os imperativos externos, conquanto suscitem uma infinidade de desejos e escolhas, agem, também, enfraquecendo os indivíduos, na medida em que retiram deles as possibilidades de respostas a tais escolhas.

Devido à negação da satisfação daqueles desejos e à impossibilidade de oferecer respostas aos requisitos de competência na vida, estabelecidos pela sociedade, a iminência de prazer transforma-se em realidade de angústia ou desprazer. Nesse sentido, o consumo intensificado de droga na atualidade, conforme a interpretação psicanalista, emerge como um sintoma do mal-estar da civilização moderna (FREUD, 1996a v. XXI, 2001). A dependência de droga, uma modalidade

da toxicomania, evidencia, justamente, a incapacidade do sujeito de responder às exigências do seu tempo.

Realçando o enfoque sociológico da compreensão psicanalista, Koltai (2000, p. 107-114) diz que o sintoma pode ser entendido como algo histórico, localizado, significado pelo “Outro”, acompanhando as transformações desse “Outro” no plano pessoal e coletivo, portanto “o sintoma é social”. A autora observa também que apesar de o sintoma causar desprazer, ele resiste em ser abandonado, uma vez que seu abandono pode produzir desprazer ainda maior.

De fato, a dependência de droga, como fenômeno social, dificilmente poderá ser debelada enquanto a lógica de organização social e o contexto de convivência dos indivíduos estabelecerem imperativos e exigências que estão além da capacidade dos sujeitos responderem. No máximo, ao nível individual, a dependência de droga poderá ser permutada por outro sintoma que ofereça essa mesma capacidade de aliviar a angústia e o sofrimento psíquico causados pelo desamparo social.

Nas histórias dos sujeitos da pesquisa ora apresentada, muitos conseguiram ter boa largada na corrida pelo sucesso, imposta pelos seus contextos sociais. No primeiro momento da trajetória do consumo das substâncias, alcançam seus objetivos, por elas auxiliados. Outros, igualmente ansiosos, não conseguiram esse bom resultado inicial; em compensação, a droga ao menos os acalentava. Mais cedo ou mais tarde,

essa busca sem fim se converte numa trajetória de mais riscos, perdas, fracassos, autodesqualificação. A perseguição de algo que aos pouco vai ficando mais inatingível leva os indivíduos à exaustão de suas forças físicas e emocionais. Esse processo de incursão dos sujeitos no uso intensivo de droga e na dependência será analisado nos capítulos 3 e 4 deste livro, através das histórias dos entrevistados.

O ENCONTRO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

A partir do esboço conceitual do enfoque que ilumina o estudo, é necessário explicitar os demais caminhos traçados na observação direta do objeto de análise. Naturalmente, os passos da pesquisa seguiram sequência diferente da exposição neste texto analítico. A escolha dos locais de encontro com os entrevistados, os primeiros contatos, a formulação das questões, a escuta de suas histórias ocorreram concomitantemente às buscas de referências conceituais.

O propósito de reconstituir as trajetórias de consumo de álcool, cocaína e maconha por indivíduos que se tornaram dependentes, observando o impacto da contemporaneidade sobre essas trajetórias, sem dúvida, imprescinde do contato direto com os participantes da pesquisa. Suas falas, seus relatos, suas histórias são as principais fontes informativas do estudo. Somente a leitura qualitativa dessas informações, através da apreensão de aspectos subjetivos da ação desses atores sociais, possibilita a análise. Contudo, ao optarmos por este

caminho metodológico, estamos cientes da responsabilidade do “arbítrio” do pesquisador diante da complexidade e da diversidade que configuram o real (HAGUETTE, 1992).

Em nosso intuito analítico, buscamos a parceria dos sujeitos do estudo para lançarmo-nos ao desafio de reconstrução de sua memória. Tentamos, assim, recompor itinerários traçados por estes sujeitos, em sua relação com o mundo, mediada pela droga. Estes itinerários, marcados por atitudes censuradas e legalmente proibidas, são trajetos de busca de construção, de encantos e desencantos e de autodesvalorização que estão registrados numa memória “proibida”, “clandestina” permeada pelos interditos do silêncio e do “esquecimento” (POLLAK, 1989).

Todavia, uma primeira limitação colocada à pesquisa nessa área temática é a necessidade de encontrar pessoas dispostas a deixar transparecer sua subjetividade e retratar seus percursos de uso intensivo de droga. Dificilmente, os sujeitos que estão em fase avançada da dependência, e ainda usando as substâncias, se mostram confortáveis em participar dessa modalidade de pesquisa. Os relatos levam os atores sociais a se depararem com sua interioridade, com sua condição de existência, condição da qual estes atores procuram desesperadamente fugir, através do uso compulsivo de droga. As entrevistas, nestes casos, poderiam omitir informações significativas para este estudo.

Assim sendo, o contato com ex-usuários de droga e usuários em tratamento foi a melhor alternativa. A realização dos encontros nos próprios serviços de recuperação e através de indicação de pessoas desses serviços foi outro critério adotado com vistas a facilitar os contatos e a suscitar a confiança dos entrevistados. Tal critério nos levou à escolha do Programa de Atendimento a Dependentes Químicos – PAIAD/UFPB e do Instituto Recife de Atenção Integral às Dependências – RAID, como locais para a realização da pesquisa.

A observação direta nesses espaços, a participação e o registro das reuniões de grupos constituíram-se outra fonte importante de informação para a análise. A interação com os sujeitos e a vivência em seu cotidiano nos permitiram perceber reações e atitudes correlatas ao fenômeno, não evidentes em seus relatos (BECKER, 1993).

As entrevistas com os sujeitos do estudo foram realizadas em diversos momentos do trabalho, entre 1998 e 2002, iniciando-se no PAIAD/UFPB, no período de acompanhamento das atividades do Programa. No total, 18 relatos gravados e transcritos fundamentam a análise, sendo estes divididos em seis depoimentos concisos de cerca de trinta minutos de falas e doze entrevistas sobre as trajetórias de consumo de droga, com duração variada entre uma hora e três horas e meia de gravação. Desse material, oito entrevistas são de participantes do PAIAD/UFPB, oito são de hóspedes¹² do RAID e duas são

¹² As pessoas, em atendimento no RAID, são chamadas de hóspedes, ao invés de internos, para melhor caracterizar o ambiente de acolhimento do Instituto e a natureza terapêutica de suas atividades. Ao focalizar

de membros exclusivamente de Alcoólicos Anônimos e de Narcóticos Anônimos.

O PAIAD/UFPB foi, na verdade, o espaço de referência para o encontro com os sujeitos do estudo. Nossa participação em reuniões de Alcoólicos Anônimos e de Narcóticos Anônimos e a realização de entrevistas com membros dessas associações partiram da indicação de um técnico e também usuário dos serviços do referido Programa. A articulação com o Instituto RAID também foi facilitada devido à nossa atuação anterior em trabalhos sobre dependência de droga, realizados no PAIAD/UFPB, com a colaboração de profissionais do Instituto.

Além da contribuição nos passos iniciais para localização dos sujeitos, o PAIAD/UFPB foi, de fato, o ponto de partida de toda a análise. O percurso da investigação iniciou seu traçado com as primeiras inquietações sobre o tema, surgidas em nossa experiência de extensão universitária, realizada junto a este Programa. Durante quatro anos (de 1994 a 1998), foi possível acompanhar as atividades voltadas à prevenção e à recuperação da dependência de álcool e de outras drogas, desenvolvidas por uma equipe profissional multidisciplinar (enfermeira, psicóloga, assistente social, comunicólogo) e por estagiários do Programa. Nesse período, também pudemos visualizar a linha de atuação do Serviço e circunscrever os impasses relativos ao enfoque do social em suas atividades.

a dependência a partir da psicanálise, o RAID evita a utilização de termos que reforcem a ideia orgânica de doença.

Tais impasses suscitaram as primeiras reflexões e as motivações para esse estudo.

No período em que acompanhamos as atividades do PAIAD/UFPB, seu atendimento consistia em reuniões terapêuticas e temáticas, sessões individuais, encaminhamento a hospital e acompanhamento dos dependentes e de seus familiares. O PAIAD/UFPB também desenvolvia um trabalho educativo e de conscientização sobre a dependência, através de cursos, seminários e grupos de estudo, abertos aos estudantes, profissionais e aos dependentes.

Logo após a criação do Programa, seus serviços, todos gratuitos, estenderam-se aos estudantes da Universidade e ao público em geral. Mas, suas ações permaneceram voltadas prioritariamente para os servidores da Instituição, guardando, nesse aspecto, semelhanças com os programas de atenção a dependentes químicos, desenvolvidos em empresa. Contudo, devido à expansão da demanda e seu funcionamento em Instituição de Ensino Superior, com atuação de estudantes e profissionais em atividades acadêmicas, até 2012 no Programa foram desenvolvidas diversas atividades de estágio profissional na área, extensão universitária e pesquisa. Diversos trabalhos de conclusão de curso de graduação e dissertação de mestrado foram realizados a partir da experiência do PAIAD/UFPB.

As ações do PAIAD/UFPB seguem a concepção de dependência de droga adotada pela Organização Mundial de Saúde - OMS, expressas na CID 9 e na CID 10, citadas na

introdução deste trabalho. A linha de atuação do Programa, até a realização deste estudo, era nitidamente centrada na abordagem médico-psicológica, com ênfase nos aspectos orgânicos e comportamentais da dependência. Nas reuniões e em outras práticas informativas dirigidas aos dependentes, predominavam as explicações médicas detalhadas sobre os danos físicos e psíquicos, provocados pelo consumo indevido do álcool e demais substâncias psicoativas. Essas informações, certamente, são importantes para o usuário compulsivo de droga, em termos de conhecimento do problema. Mas, o objetivo maior desses esclarecimentos era fortalecer no indivíduo a convicção de que o alcoolismo e as demais dependências de droga consistem numa doença biopsicosocial progressiva e fatal. Somente o dependente, se desejar e aceitar o tratamento, poderá deter a progressão da patologia. E, de fato, a tentativa de conter o consumo de droga através da intimidação com informações, em geral aterrorizantes, sobre os malefícios das substâncias é uma prática comum em diversos serviços de atendimento. Bettarello, Brasileiro e Fortes (1991) consideram que, no tratamento do alcoolismo, essas advertências são mais eficazes no controle de ingestão do álcool, "do que uma consciência crítica dos motivos que levam (o indivíduo) a embriagar-se com frequência" (p.291).

Nas reuniões de grupo, as discussões sobre os aspectos socioculturais procuravam enfatizar as consequências nefastas do consumo compulsivo da droga para a vida social

do indivíduo: seu trabalho, sua família e a sociedade. Tais consequências eram vistas pelos usuários em tratamento como danos e prejuízos causados por eles aos outros e a si próprios. A influência dos contextos sociais dos indivíduos aparecia como circunstâncias que deviam ser evitadas, pelo menos nos primeiros meses de abstinência (ambientes de diversão e de consumo, círculos de amizades). As situações difíceis e de tensões eram vistas como decorrentes ou agravadas pelo comportamento “patológico” do indivíduo. Seguindo-se a ênfase da intimidação, buscava-se alertar os dependentes sobre os transtornos por eles causados, devido ao seu consumo compulsivo da substância, e sobre sua responsabilidade na mudança de seu comportamento. No caso dos funcionários da Universidade, as pressões dos chefes de setores sobre os riscos de perda de função ou do emprego e sobre os descontos das faltas ao trabalho agravavam o quadro de intimidação, sobretudo para quem ainda estavam consumindo a droga e que eram encaminhados por estes chefes ao Programa.

Nessa linha de intervenção, os estudos sobre os aspectos sociais da dependência, presentes na bibliografia médica, mais adotados nos programas, são os que destacam os problemas sociais decorrentes do uso das drogas. As informações apresentam dados estatísticos e relatórios de pesquisas sobre custos sociais e hospitalares, índices de violência, acidente, mortes e vários outros problemas no trabalho, na família, além de problemas financeiros e legais. Todos esses problemas estão

previstos na classificação da OMS. Contudo, o traço normativo dessa perspectiva só reproduz a visão moralista ainda vigente na sociedade, que procura responsabilizar o indivíduo pela sua situação de dependência. Nos casos de reincidência ao consumo, tal visão tem funcionado, justamente, como um dos fatores que dificultam o retorno do usuário de droga ao serviço de atendimento¹³. Neste aspecto, ressalta Ramos S. (1997, p. 205) ao referir-se à recaída¹⁴: “a vergonha de ter bebido e ter de enfrentar os companheiros é a alavanca motora da conduta de afastamento”.

Portanto, a compreensão de doença orgânica e o modelo de tratamento não impedem que, nas crises depressivas daqueles que “escorregam”¹⁵, sejam reativados, nestes sujeitos e, às vezes, de maneira intensa, sentimentos de fracasso, de falta de vigilância e de autocensura. Numa sessão de estudo sobre os “Doze Passos”¹⁶, da qual participamos no PAIAD/

13 Conforme a Organização Mundial de Saúde, o índice de pessoas que iniciam o tratamento da dependência química e dão continuidade fica em torno de 35% (OLIVEIRA, 1998; PERES, 1998). Especificamente sobre alcoolismo, os dados relativos à recuperação em clínicas de tratamento, nos Estados Unidos, não passam de 20% a 30% (CAMPANA, 1997).

14 No vocabulário médico sobre dependência, a expressão “recaída” refere-se ao retorno ao consumo da droga, pelo indivíduo dependente abstinente. O termo “recaída” é, então, adotado no sentido de reaparecimento de um sintoma, como o de qualquer outra doença. Esta expressão é amplamente utilizada nos grupos de Alcoólicos Anônimos e nos serviços de tratamento de dependentes.

15 A expressão “escorregar” é bastante utilizada entre os participantes de Alcoólicos Anônimos. Ela é usada no sentido de vacilo, de queda. Desse modo, ela também contém a ideia da possibilidade do indivíduo se reerguer, com a ajuda de algum companheiro, mas, dificilmente, sozinho.

16 Os “Doze Passos” é uma programação de mudança de atitude diante do álcool e da vida, sugerida por Alcoólicos Anônimos e adotada por diversos grupos de fumantes, obesos, jogadores, dependentes de sexos e outras associações de dependentes e de familiares, existentes

UFPB, foram relatados pelos alcoólicos três casos de pessoas, membros de grupos de AA da cidade de João Pessoa, que cometeram suicídio quando reiniciaram o consumo do álcool.

Os entrevistados do PAIAD/UFPB, incluindo um ex-usuário intensivo de maconha, eram todos alcoolistas, sendo seis deles também participantes de Alcoólicos Anônimos. Os relatos foram todos realizados no próprio Programa. Estes compreenderam três depoimentos mais curtos, gravados em reunião de grupo e cinco histórias mais detalhadas sobre as trajetórias de consumo da droga pelos sujeitos do estudo, relatadas em entrevistas previamente agendadas.

Dos oito entrevistados, um destes ainda permanecia no uso intensivo do álcool e frequentava o PAIAD/UFPB por exigência do chefe de seu setor de trabalho. Outro há dois meses tinha procurado o Serviço, mas ainda não estava conseguindo manter a abstinência, pois lutava contra as frequentes recaídas, o pânico e a depressão. Os demais, todos tinham parado o consumo da droga há mais de um ano, sendo que a maioria tinha em média cinco anos de abstinência do álcool. As entrevistas, tanto com os participantes do PAIAD/UFPB quanto com os membros exclusivos dos grupos anônimos, ocorreram sem qualquer dificuldade. A disponibilidade e o desejo de contribuir com a pesquisa eram visíveis em todos os participantes.

no mundo. O reconhecimento da impotência perante o objeto da dependência e a busca do amparo de um poder superior é o principal fundamento desta programação.

O nosso trabalho, anterior junto ao PAIAD/UFPB, favoreceu enormemente para que se estabelecesse um clima de confiança com os entrevistados e a abertura do diálogo no transcorrer do trabalho de campo. Mas, o fato de a maioria já estar há algum tempo participando de AA e do Programa foi, seguramente, o principal fator de motivação do interesse desses usuários em participar do estudo. Atuar de diversas formas para a recuperação e a prevenção do alcoolismo em outras pessoas é um dos propósitos de sua própria programação de tratamento, sobretudo para os que estão sóbrios há mais tempo. Assim, contribuir com um trabalho científico é uma dessas formas de atuação.

Contudo, a dificuldade de encontrar no PAIAD/UFPB pessoas com dependência de outras drogas além do álcool nos levou a incluir o Instituto RAID, como um outro espaço de pesquisa. É certo que, neste estudo, a dependência de droga é compreendida a partir da relação e da intensidade do vínculo que se estabelece entre o sujeito e a substância, independentemente do tipo de droga e da composição química do produto. Mas, naturalmente, a ampliação da amostra da pesquisa forneceu uma maior base informativa ao estudo. A partir dela, foi possível observar diversas semelhanças e particularidades nas trajetórias de consumo pelos usuários das diferentes drogas.

As visitas ao Instituto já vinham acontecendo desde o ano de 1996, durante a execução do projeto de extensão

universitária. Nesse período, dois diretores do RAID e outros profissionais foram gentilmente solícitos em contribuir e participar das gravações de um vídeo sobre alcoolismo. Ainda nessa fase, em seminários articulados com o PAIAD/UFPB, foram mantidos contatos com o Dr. Evaldo Oliveira, psiquiatra, diretor do Instituto e, na época, Presidente da Associação Brasileira de Estudos de Álcool e Outras Drogas - ABEAD. Nessas idas ao Instituto, constatamos a presença de hóspedes tanto com problema de alcoolismo como de outras toxicomanias.

Embora dedicados à mesma problemática, os dois espaços de pesquisa - o PAIAD/UFPB e o RAID - têm características específicas e bem demarcadas. O Instituto oferece uma infraestrutura de serviços ao dependente de droga bem ampla e diversificada. Trata-se de uma Instituição não governamental, com atendimento particular ou através de convênio com algumas empresas. Os próprios custos dos serviços oferecidos restringe sua clientela, composta, quase sempre, de pessoas de classe média e alta.

O RAID foi criado em 1994 por uma equipe formada por dois psiquiatras psicanalistas e uma assistente social, especialista na área da saúde pública, que atuavam com diretores do Instituto no período da pesquisa. Esta equipe já vinha desenvolvendo trabalhos sobre dependência de drogas, em Recife, e se articulando com centros de estudo

sobre dependência, a exemplo do Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos - CORDATO, em Brasília.

O Instituto RAID, na ocasião da pesquisa, funcionava como “Albergue Terapêutico”, sendo suas instalações físicas semelhantes a de uma pousada ou de um hotel, com acomodação para cerca de dezenove “clientes-hóspedes”, em regime integral de internação, e de dez em regime parcial. A casa de dois andares onde funciona o Instituto fica em local recuado, isolado do trânsito de automóveis e de pedestres, porém de fácil acesso da cidade de Recife, próximo à praia de Boa Viagem.

A infraestrutura física, o clima de acolhimento e de companheirismo entre os hóspedes, os técnicos e demais funcionários, e as atividades recreativas do Instituto tornam o ambiente bastante agradável aos dependentes de droga que decidem iniciar a recuperação. O atendimento procura evitar práticas que possam caracterizar um ambiente médico hospitalar, não existindo nenhum profissional auxiliar do serviço de saúde ou técnico de enfermagem. Mas, diferentemente de uma estada de lazer, um denso programa terapêutico é introduzido no cotidiano dos hóspedes, não lhes restando tempo para se envolverem com preocupações ou com outras ocupações além das estabelecidas no tratamento.

As atividades individuais e em grupo - grupo reflexivo, grupo informativo, grupo de expressão, grupo de família, grupo de projetos - são orientadas por técnicos que, em sistema de

vezamento acompanham em tempo integral a estadia do hóspede no Instituto. Estes técnicos, profissionais terapeutas, em geral psicólogos, são chamados de acompanhantes. Mas, todo o tratamento é rigorosamente supervisionado por um dos psiquiatras do Serviço, com quem os dependentes estabelecem uma relação de extrema confiança. Este terapeuta representa para os dependentes a principal figura de apoio e de amparo no processo de recuperação.

O RAID também difere do PAIAD/UFPB em termos de linha de atuação e de concepção de dependência. Os fatores físicos e orgânicos não recebem destaque na abordagem do Instituto. Sua terapia de base psicanalista centra a atenção nos aspectos psicossociais do fenômeno. O foco de seu programa de tratamento não é o efeito químico do produto sobre o organismo do indivíduo, mas, “a relação do homem com o mundo”. Sua proposta terapêutica segue o princípio de que o agente da dependência não é a droga e, sim, o homem, “o sujeito capaz de destruir e até de se destruir, mas também de se recompor e recriar” (INSTITUTO RAID, 2002).

No Instituto, o uso prejudicial de drogas é entendido como sendo um problema resultante de diversos fatores: “contextos social e familiar, influências, decisões pessoais, problemas existenciais, entre outros”. A noção de dependência como doença também aparece no RAID, mas como decorrente desses aspectos psicológicos e sociais. O vazio existencial do indivíduo é uma das principais causas da dependência,

como explica um dos diretores do serviço: “a pessoa tem uma necessidade, um buraco, uma carência, algo interno e tenta preencher esse algo com uma droga”.

O RAID defende, então, a perspectiva de que as ações de prevenção e de tratamento das dependências de droga devem “mobilizar os impulsos construtivos dos homens, das instituições e organizações, enfatizando a capacidade de criar novos contextos que sejam favoráveis ao desenvolvimento humano”. A conscientização sobre a dependência e a construção voluntária da abstinência são, portanto, os objetivos do Instituto. Reduzir os danos causados pelo uso de drogas e melhorar a qualidade de vida do dependente são também suas principais metas de ação.

Nesse sentido, o programa terapêutico do RAID consiste numa série de atividades reflexivas, desenvolvidas quase sempre em grupo, com vistas a levar os hóspedes a perceber e implementar mudanças na sua relação com o mundo. Enquanto estão no Instituto, os dependentes são estimulados a discutir sobre o dia a dia da instituição, a partir de seu próprio olhar; analisar suas tensões individuais e as do grupo; abordar as experiências pessoais ocorridas durante o uso da droga e outras que venham a surgir no período de abstinência; reelaborar e repensar seus projetos de vida e profissional.

Terminada a estada no RAID, tem início a “fase do pós-tratamento”. A partir de então, e por tempo indeterminado, os ex-hóspedes e seus familiares passam a se encontrar em

reuniões semanais de grupo, no Instituto, seguindo a mesma linha de terapia. As sessões individuais também são mantidas e recomendadas, sobretudo, para os dependentes residentes fora da cidade de Recife e que têm dificuldade em retornar uma vez por semana ao Serviço.

Outro aspecto que marca a diferença entre as perspectivas de ação dos dois serviços é a percepção sobre a questão do uso prejudicial da droga. Na abordagem do RAID, o consumo de droga não necessariamente traz problema; o que causa transtorno é o consumo prejudicial. Este pode afetar o indivíduo nos planos social, psicológico e orgânico. As doenças provocadas pelo alcoolismo são exemplos de problemas físicos provocados pela dependência. Mas, a diferença notável nas duas linhas de atendimento é que, no RAID, os danos do consumo prejudicial da droga não são utilizados para a intimidação do indivíduo e o estímulo à abstinência, como ocorria no PAIAD/UFPB. O foco terapêutico do Instituto é o trabalho com a fonte interior do sofrimento psíquico do sujeito, que o conduz à busca compulsiva da droga. E, de fato, se a autodestruição for a procura, os alertas aterrorizantes poderão estimular ainda mais o consumo.

Assim, no tratamento, a diferença entre a compreensão orgânica e a psicológica psicanalítica é que, na primeira perspectiva, a abstinência pode ser mantida pela intimidação, pela lembrança dos efeitos nocivos do consumo e pelo compartilhar das experiências na vida e de forças entre os

companheiros, para se evitar o retorno ao uso. Já na visão psicanalítica, a abstinência é um processo que inicia com o reconhecimento do sujeito de que sua relação com a droga está sendo prejudicial para si. Em seguida, com a conscientização do que é a dependência, o sujeito poderá desejar modificar a relação com a droga e implementar esforços, com o apoio da terapia em grupo e individual, no sentido de manter a abstinência. Estes esforços consistem em descobrir, conhecer e enfrentar seu vazio interior, procurando suprir ou administrar essa carência interna de outra forma. A fase da conscientização compreende também, como diz uma entrevistada, o momento da exploração das dificuldades com a vida externa. Significa identificar e trabalhar estas dificuldades que levaram o dependente ao uso prejudicial da droga.

Todavia, pelo que podemos perceber, no RAID, o foco na relação do indivíduo com o mundo é visualizado a partir do ângulo do sujeito. Não obstante a importância atribuída ao social como fonte de motivação para o uso compulsivo da droga, a centralidade no indivíduo é a marca da perspectiva terapêutica do Instituto. Assim, nas discussões em grupo e nas falas dos hóspedes, não observamos referências a situações que pudessem identificar o reconhecimento de aspectos sociais como agravantes do vazio interior do indivíduo e do sintoma da dependência.

As diversas visitas ao RAID nos possibilitaram observar e acompanhar algumas das práticas terapêuticas em grupo

realizadas no Instituto. Nesses contatos, tivemos também oportunidade de participar do cotidiano dos hóspedes: reuniões, atividades de lazer, refeições, conversas entre eles, fora dos momentos de terapia. Percebemos que é comum, inicialmente, os hóspedes apresentarem resistência às diversas regras do regulamento do Instituto. Estas normas são estabelecidas ou reformuladas em assembleias mensais onde opinam e decidem dependentes, acompanhantes, técnicos, diretores e funcionários do Serviço.

A observação sistemática desse dia a dia do RAID nos permitiu o acesso a informações importantes para a pesquisa, possibilitando também, perceber o significado, para os sujeitos, daquele momento de afastamento da droga. Mesmo com uma agenda de atividades e dos horários marcados, todos procuravam participar das diversas práticas individuais e em grupo. A ausência às atividades exigia justificativa, uma vez que o cumprimento das responsabilidades e o estabelecimento dos próprios limites fazem parte do programa terapêutico dos dependentes. Por vezes, algum hóspede se apresentava indisposto para certas práticas. Neste caso, conforme o estado emocional do dependente, o acompanhante insistia ou não na atividade.

Embora o tratamento seja uma opção do indivíduo, alguns se sentiam presos, desejavam quebrar o compromisso da terapia dos dias de estada no Instituto, recomendados pelo psiquiatra. Estes pareciam desesperados com a necessidade

e a urgência em retornar para o trabalho, para o cotidiano “lá fora”. A maioria, entretanto, sentia-se protegida, livre de problemas e desejava prolongar a permanência no local. Mas, todos faziam as mesmas referências à “fuga da realidade” que o espaço do RAID representava.

Na verdade, a estada no Instituto criava uma situação de distanciamento da realidade semelhante àquela gerada na “fuga” pela droga. A ênfase dos hóspedes no contraste daquele ambiente em relação à vida fora do RAID evidenciava um medo implacável destes sujeitos de enfrentar o real, sem a ajuda da substância. As expressões sobre a percepção da diferença e sobre o receio do cotidiano fora daquele espaço de terapia eram explícitas. Esse temor pode ser indicativo não somente da tensão do sujeito em sua relação com o mundo, mas também do acúmulo de decepções, de frustrações e de perdas ao longo de sua trajetória de consumo das substâncias. O medo de voltar para o mundo externo ou de ficar fora dele é, portanto, uma expressão do estado de extrema fragilidade em que se encontravam os sujeitos da pesquisa, naquela ocasião.

O RAID apresentava-se, então, como um outro espaço apropriado para o trabalho de campo, contudo alguns obstáculos dificultavam nosso contato com os sujeitos do estudo. O primeiro entrave era encontrar, nos momentos de nossas visitas ao Instituto, dependentes de droga em condições emocionais ou dispostos a participar de pesquisa com pessoas não pertencentes àquele serviço terapêutico. Isso porque,

quase sempre, o indivíduo chega ao Instituto em situação de crise. Inicialmente, recebe os primeiros atendimentos, inclusive, alguma medicação para aliviar os sintomas da ausência da substância de dependência. A partir de então, começa a fase de abstinência da droga e de adaptação à terapia. Em geral, nas duas primeiras semanas, o hóspede está desenvolvendo a confiança no terapeuta, nos técnicos e no processo de recuperação. A realização de entrevista para pesquisa nesse momento, ao nosso ver, poderia interferir na rotina do tratamento.

Essa fase de adaptação à terapia pode ser curta ou mais extensa, conforme as condições individuais de cada sujeito: estado emocional, reação à ausência da droga, assimilação do programa terapêutico. De acordo com essas condições, o período de estadia no RAID também pode variar, ficando a média entre vinte a quarenta dias. Assim, diante da falta de previsão do término do tratamento e da instabilidade emocional do hóspede, tornou-se inviável o agendamento prévio das entrevistas. Além disto, durante boa parte do tempo no Instituto, os hóspedes estavam tentando superar a fase crítica de abstinência da droga. Esse era um momento extremamente difícil para muitos. Alguns ficavam retraídos, desmotivados a conversar e até impossibilitados de exercer certas atividades recomendadas no tratamento.

Numa tentativa de realização de encontros agendados, com uma semana de antecedência, com os próprios

dependentes, no dia previsto, dois deles haviam recebido alta do Instituto. Um outro que, na primeira ocasião, se mostrara bem disposto para a entrevista, ainda se encontrava no RAID, mas tinha entrado numa profunda crise depressiva. Conforme ele nos explicou, esse era um quadro frequente em seu alcoolismo que, em geral, coincidia com uma irresistível compulsão para beber. Nesse caso, especificamente, mantivemos o diálogo para não deixá-lo ainda mais constrangido com o adiamento. Contudo, seu estado de tristeza e de desanimação provocava a desarticulação de suas respostas e exigia um grande esforço seu na pronúncia das palavras, na voz, nos gestos e até no olhar. Os prognósticos negativos de sua vida e de seu trabalho percorreram toda a fala.

O contato com pessoas que já tinham passado pelo Instituto e se encontravam em recuperação era outra alternativa, mas esta também apresentava dificuldades. Os hóspedes do RAID eram procedentes de diversas cidades do Nordeste, e isso dificultava sua localização para os encontros. Além disso, a falta de convivência profissional anterior entre nós e os ex-hóspedes do RAID poderia dificultar o encontro fora do espaço de terapia, provocando o afastamento do entrevistado e impedindo sua abertura para o relato. Também não poderíamos contar com o mesmo interesse em contribuir com o estudo que encontramos nos participantes do PAIAD/UFPB, sobretudo em se tratando de consumo de drogas ilícitas. Assim, nossa opção em realizar a entrevista no próprio local

de tratamento tinha em vista, justamente, criar um clima de confiança entre o sujeito do estudo e a pesquisadora.

Estes obstáculos só foram superados com a ajuda do próprio psicanalista, diretor do Instituto. A partir de nossos contatos prévios com o médico, este agendava os encontros com os possíveis participantes para a realização das entrevistas. Através dessa mediação, foram contatados os oito entrevistados do RAID: três ex-hóspedes, dois deles dependentes de álcool e um de cocaína. Os três residiam em Recife e estavam há mais de seis meses em recuperação. Os outros cinco entrevistados encontravam-se internos no Instituto na ocasião dos relatos: três deles eram dependentes de álcool e, pela primeira vez, procuravam o tratamento no RAID; os outros dois tinham dependência de cocaína, sendo um deles também usuário intensivo de maconha. Ambos já tinham passado pela estada no Instituto noutra ocasião.

No caso dos internos, a disposição para o diálogo, conforme o estado emocional do hóspede, era o critério da indicação pelo médico. Devido aos laços de confiança criados entre os dependentes em tratamento e o terapeuta, esta indicação foi, sem dúvida, fundamental para nosso trabalho de pesquisa. No momento das entrevistas, os participantes sentiam-se mais seguros, abertos para o relato, pois, enquanto estavam no Instituto, seguiam toda a orientação do psiquiatra. A credibilidade no anonimato do tratamento estendia-se também ao depoimento. Assim, foram sanadas algumas

dificuldades comuns às pesquisas nessa área temática, em que os sujeitos, naturalmente envolvidos em desconfiança, evitam revelar seus segredos.

Um outro obstáculo encontrado na pesquisa no RAID era o de realizar o trabalho de entrevistas nos intervalos do programa terapêutico do Instituto. O período de estada do hóspede é bem cronometrado, com atividades indispensáveis ao tratamento, iniciando a jornada diária às 7.30 horas da manhã e indo até a noite, incluindo as refeições, em horários marcados, com todos reunidos, hóspedes e acompanhantes. Para contornar o impasse sem prejudicar a pesquisa, tivemos que realizar algumas entrevistas em momentos de repouso dos hóspedes. Em outras ocasiões, o entrevistado perdia alguma atividade terapêutica ou recreativa, mas sempre com a permissão do acompanhante. Assim, a cada visita ao Instituto, realizávamos uma ou, no máximo, duas entrevistas ao dia.

Os relatos dos hóspedes compreenderam as duas modalidades citadas anteriormente: dois depoimentos breves de dependentes de álcool, um destes também se considera dependente de anfetamina, e seis entrevistas mais longas, sendo três sobre trajetórias de alcoolismo e três sobre histórias de consumo intensivo de cocaína e de maconha.

A amostra da pesquisa, composta pelos entrevistados dos dois espaços - o RAID e o PAIAD/UFPB, incluindo os dois membros dos grupos anônimos, totalizou quatorze homens e quatro mulheres, com idades entre 26 e 63 anos. Doze pessoas

iniciaram o uso excessivo da droga ainda na juventude, por volta dos dezoito anos, e seis intensificaram o consumo, após os trinta anos.

As quatro mulheres eram dependentes de álcool, e uma delas usava também intensivamente anfetamina. Quanto aos homens, nove eram dependentes só de álcool; três combinavam a dependência do álcool com a da cocaína e o uso intensivo de maconha; outro se apresentou como dependente de álcool e de maconha, e apenas um desenvolveu uso intensivo somente de cocaína.

Com relação à dependência da maconha, nenhum dos entrevistados fala que precisou de tratamento para deter o consumo intensivo da substância. Nestes casos específicos dos sujeitos da pesquisa, a dependência do álcool e da cocaína era sempre o motivo da procura dos serviços de recuperação. Antes de chegarem ao tratamento, conforme seus relatos, eles tinham reduzido ou parado sozinhos o uso da maconha, intensificando o consumo do álcool e o da cocaína.

Entre os dez entrevistados do PAIAD/UFPB e dos grupos anônimos, quatro são funcionários ativos da Universidade, em função administrativa e auxiliar; dois são aposentados de duas instituições federais, um como técnico de nível médio e o outro como jornalista; dois são gerentes comerciais; um é cinegrafista e o outro é garçom, encontrando-se desempregado na ocasião da entrevista. O grau de instrução destes indivíduos era bem variado. Quatro não chegaram a concluir o primeiro grau; dois

tinham o curso superior completo, e os outros quatro tinham o nível médio.

Dos oito entrevistados do RAID, quatro eram funcionários públicos, sendo estes um economista, um advogado, um engenheiro e um técnico nível médio. Os demais, um era profissional liberal, um era empresário, outro técnico em informática, e outro era vendedor. Seis destes entrevistados tinham curso superior completo, um tinha nível médio, e o outro, o superior incompleto.

Essa descrição de ocupação e de escolaridade indica algumas diferenças entre os participantes do PAIAD/UFPB e os hóspedes do RAID, inerentes às condições econômicas dos indivíduos de cada grupo da amostra. Mas, conforme a direção e a delimitação que foi tomando o estudo, a ênfase nessa distinção se tornou pouco relevante à análise das trajetórias de consumo de droga dos sujeitos. A vivência em contextos profissionais de maior exposição aos imperativos de busca de sucesso e de evidência apresentou-se como fator mais expressivo dos danos emocionais provocados pelo contexto da atualidade sobre os atores sociais, independentemente de sua situação econômica. Contudo, compreendemos que a situação social do indivíduo o torna ainda mais impotente para encontrar estratégias de alívio desses danos.

O local de residência dos entrevistados também pode revelar características importantes de contextos mais amplos de convivência dos sujeitos que os tornam mais ou menos sus-

ceptíveis ao uso intensivo de droga. Na pesquisa, observamos que a grande maioria dos entrevistados viveu toda trajetória de consumo de droga em centros urbanos. Os usuários de droga em tratamento no RAID residiam em diversas capitais do Nordeste: Recife, Maceió, Salvador, Natal.

Os entrevistados do PAIAD/UFPB são quase todos de João Pessoa. Cinco deles viveram sua trajetória de consumo de droga na própria cidade, e dois eram procedentes de outras localidades. Um destes, viveu seu percurso de consumo de álcool e maconha no Rio de Janeiro. Apenas um dos dezoito entrevistados, um funcionário aposentado, relata que passou um grande período de seu consumo intensivo do álcool no sertão da Paraíba, onde era fazendeiro e criador de gado. Mesmo assim, circulou por algumas grandes cidades e, há vários anos, mora em João Pessoa, onde também passou as maiores crises do seu alcoolismo.

Certamente, no frementismo dos contextos urbanos, os indivíduos estão mais vulneráveis aos imperativos e ao impacto corrosivo da atualidade sobre sua interioridade e, portanto, mais expostos à emergência de desordens emocionais decorrentes desses impactos. Muito embora, como já afirmamos neste estudo, a dependência química pode se estabelecer em decorrência de uma diversidade de fatores, de ordem biológica, psicológica, social e da combinação destes fatores.

Todas as informações gerais sobre as características dos sujeitos da pesquisa foram obtidas nos próprios relatos. Preparamos um roteiro semiestruturado de entrevista, com algumas perguntas que possibilitassem os dependentes traçarem sua trajetória de consumo de droga, por meio da reconstrução da memória. As questões procuravam contemplar o início do uso das substâncias, os motivos e os benefícios do uso, a relação do sujeito com a vida - trabalho, família, diversão, os riscos e as dificuldades enfrentadas nos momentos de intensificação do uso. A percepção dos entrevistados sobre a dependência e o tratamento e seus planos para o futuro também eram pontos importantes do depoimento. Contudo, só recorriamos a este esquema se o entrevistado sentisse dificuldade de conduzir sozinho seu relato.

Nossa experiência acadêmica junto ao PAIAD/UFPB teve significativa importância na aproximação e no diálogo com os sujeitos do estudo nos dois espaços da pesquisa. A convivência, durante anos, com os participantes do Programa nos colocou a par de muitas de suas expectativas e de seus dramas. Este conhecimento inicial sobre a dependência química, por sua vez, favoreceu à emergência da confiança e do respeito mútuo no momento das entrevistas, reduzindo, assim, as dificuldades geralmente encontradas por pesquisadores estranhos a essa área de pesquisa. Os diálogos com os entrevistados, antes e depois dos relatos gravados, além de fornecerem informações importantes para o estudo, criavam laços de responsabilidade

e de confiança entre as duas partes. Nestes diálogos, eram explicitados aos sujeitos os objetivos do trabalho.

O clima de confiança e de confiança que se estabelecia nesse início dos encontros quebrava um pouco a tensão dos entrevistados. Mas, as ocasiões dos relatos eram sempre momentos de ansiedade e de emoção. Mesmo sabendo que estavam relatando suas vidas para alguém que não iria lhes censurar, eram frequentes as expressões sutis de medo, constrangimento, tristeza que afloravam em seus gestos e em suas falas. Pausas, silêncios e até lágrimas apareciam repentinamente em depoimento que transcorria em clima de animação e de entusiasmo. Surgiram fatos nunca falados, mágoas e alegrias retidas, por vezes a constatação da experiência do relato como uma gratificante seção de terapia. Essas dificuldades de reconstrução de narrativas de vida são geralmente enfrentadas pelos sujeitos cujas trajetórias são marcadas por múltiplas rupturas e traumatismos (POLLAK, 1989, 1992). Nesse momento, o pesquisador sente o peso de sua responsabilidade. Ao entrar na intimidade do outro, ao passar a ser espectador de sua história, ele é convocado a partilhar de suas trilhas, ser cúmplice de suas angústias, prazeres e desprazeres, derrotas e vitórias.

De fato, o relato tinha um significado profundo para os sujeitos. Consistia, para eles, um ato de coragem, de reconstrução de acontecimentos marcantes em suas vidas. Alguns feitos eram contados com o entusiasmo e o fascínio do

momento passado e concluído com a prudência e a avaliação do presente. Outros precisavam ser omitidos para evitar “o desgosto e a vergonha de lembrar”. Assim, os artifícios da memória, em seu trabalho de organização de existência, possibilitavam o filtro desses acontecimentos.

Conforme Pollak (1992), a memória é seletiva e flutuante; ela realça e omite informações de acordo com as preocupações do momento, reelaborando significados das situações anteriormente vividas. Mas, esse movimento estratégico da memória, de recriação dos fatos, não desfigura o real; ao contrário, o enriquece. Para Gonçalves Filho (1990), a memória “revê o curso da existência como heterogêneo e fértil de possibilidades imprevistas, repleto de pequenos incidentes nunca negligenciáveis”.

Os relatos dos sujeitos sobre suas histórias de consumo de droga traziam as lembranças das situações e acontecimentos passados e suas marcas. Mas, estes depoimentos também eram retraçados e recortados por diversas circunstâncias vividas no presente. Nas falas dos dependentes de droga que tentavam dar os primeiros passos em direção à abstinência, eram mais perceptíveis os sinais do embaralhamento da memória, os quais evidenciavam os traumas e as discontinuidades de suas trajetórias. Isto foi possível observar tanto nos que se encontravam internos pela primeira vez no RAID, quanto nos dois iniciantes do PAIAD/UFPA. O estado emocional depressivo de alguns sujeitos chegava a impossibilitar a revelação dos

fatos que permitiriam a reconstrução de seus trajetos. Por outro lado, a fixação nas situações dolorosas, na solidão, nas dificuldades do presente e nos prognósticos negativos para o futuro retratava a dimensão do vazio existencial desses sujeitos e seus esforços na tentativa de superá-lo.

Outra observação significativa das falas dos entrevistados, relacionada ao contexto da entrevista, diz respeito à forma como percebiam suas trajetórias. Muito embora cada depoimento se revestisse de subjetividade, de significações para os atores, alguns traços diferenciavam os relatos dos dependentes que faziam tratamento no RAID para os que participavam do PAIAD/UFPB. Isso tanto nos iniciantes no tratamento, quanto nos abstêmios há algum tempo. Essa diferença estava visivelmente ligada à concepção de dependência que eles adquiriam nos respectivos serviços. Os entrevistados do PAIAD/UFPB, em suas histórias, relatavam os problemas emocionais, os relacionamentos e os contextos de convivência que favoreceram ao desenvolvimento de sua dependência. Mas, ao compreenderem a dependência como doença de causa orgânica, a maioria procurava não relacionar tais circunstâncias ao seu uso compulsivo da droga.

Os integrantes do PAIAD/UFPB, em geral, tinham dificuldades de perceber a importância da droga em suas vidas. Devido à ênfase do modelo de tratamento nos efeitos nefastos das substâncias, os relatos procuram enfatizar os problemas, os traumas, as perdas nas trajetórias. A necessidade de

manter distância do desejo de consumir a droga pelo mal que lhe causou, levava os entrevistados a procurarem aspectos negativos no uso, mesmo quando os benefícios eram evidentes em sua própria fala.

Os hóspedes do RAID, ao contrário, mesmo sem serem solicitados, tendiam a fazer uma análise dos aspectos psicológicos e das circunstâncias de sua vida, sobretudo da fase infantil, como motivadoras de sua procura insaciável das substâncias. O interesse nessas explicações e descobertas era ainda mais nítido nos dependentes reincidentes ao uso de droga, que já tinham passado anteriormente pelo tratamento no Instituto e faziam terapia analítica. Os usuários assistidos no RAID também relatavam perdas, insucessos e frustrações, mas sempre faziam referência à importância da droga num dado momento de sua vida, procurando explicar e entender os espaços ou o vazio que eles tentavam preencher com a substância.

A ação seletiva da memória era perfeitamente percebida no decorrer dos relatos. Ao insistirmos com os sujeitos do estudo para nos descreverem situações que considerávamos importante para a pesquisa, estes atores das cenas sabiam como afastá-las. O silêncio e a mudança de cenário evidenciavam o perigo de penetrar em tal itinerário. Este poderia ser via que alcançasse riscos à sua abstinência, ou poderia ser trilha de acesso a acontecimentos que deveriam ficar no “apagamento” da memória, antes alcançado com o auxílio do efeito da droga

quando a consumiam. Por vezes, o fato era realçado para justificar o sofrimento e o uso intensivo das substâncias. Outras vezes, o dependente se delongava entusiasmadamente em drama que pareciam fugir do contexto de pesquisa. Somente nas análises das falas é que podemos perceber seu esforço na busca de narrativas que construíssem autovalorização.

Assim, não obstante as discontinuidades nas histórias dos sujeitos, refletidas em suas memórias, procuramos traçar um caminho de análise que contemplou os principais aspectos de suas trajetórias de consumo de droga. Selecionamos dois cenários de atuação dos atores onde mais se evidenciou o impacto da contemporaneidade sobre sua interioridade, traçando seus itinerários: um momento da vida - a juventude e uma situação na vida - o trabalho, os quais são apresentados nos capítulos 3 e 4. No texto, três relatos que melhor possibilitaram a construção dos percursos foram escolhidos para nortear a análise. Parte de outros dois depoimentos e algumas referências a falas dos entrevistados também ilustram as reflexões. Mas, de alguma forma, todas as histórias subsidiaram o estudo.

Para resguardar o anonimato dos entrevistados, seus nomes foram trocados por outros fictícios. Alguns nomes de pessoas envolvidas nos relatos foram omitidos, bem como o nome de algumas empresas em que os sujeitos trabalhavam para evitar a identificação. Todas as demais informações sobre

suas vidas foram colhidas de seus próprios depoimentos, mantendo-se fidelidade às suas falas.

Após esta exposição dos itinerários teóricos e metodológicos da pesquisa e do encontro com os sujeitos do estudo, o capítulo seguinte prossegue a análise, no sentido de fundamentar a argumentação de que a modalidade extensiva de uso de droga, caracterizada como dependência, é um fenômeno específico da modernidade. Nesse objetivo, procura examinar as significações e as formas de uso de droga em outros contextos culturais, cuja forma de organização social se diferencia da atual racionalidade.

CAPÍTULO 2

A DROGA E O SAGRADO EM DIFERENTES UNIVERSOS CULTURAIS

Este estudo tem como ideia central o pressuposto de que a dependência de droga, como um fenômeno da modernidade, em parte, pode ser atribuída ao impacto da contemporaneidade sobre a interioridade dos indivíduos. Tendo em vista o desenvolvimento da argumentação, este capítulo busca referências em outros contextos, ordenados por outras lógicas de organização social, cujas modalidades de uso de droga não se configuraram na história como dependência. As sociedades indígenas e as comunidades que mantêm fortes seus aspectos da tradição, mesmo aquelas submersas em tempo cronológico da atualidade, parecem atender ao propósito analítico. Nelas, prevalecem outras formas, elaboradas pelos homens, transmitidas pela memória coletiva, de perceber o mundo e a natureza, outras racionalidades e outros modelos de convivência social. Nestes contextos, onde a relação com o sagrado, conformando os sentidos da existência, torna-se mais evidente, o uso de droga também manifesta específicas significações.

Nesta perspectiva, a obra de Balandier (1997b) sobre a desordem e o movimento das sociedades apresenta-se como importante base interpretativa das culturas tradicionais. Além desta, o estudo toma, como fonte de análise, três trabalhos antropológicos sobre o uso de alucinógenos em comunidades indígenas da região amazônica. Estas comunidades, em plena segunda metade do século XX, mantinham-se praticamente isoladas do mundo “civilizado” e, assim, preservavam seus traços originais. Falavam suas próprias línguas, tinham seus próprios modos de organização social, suas técnicas, suas crenças, seu mundo simbólico.

Não se trata, entretanto, de proceder a uma análise comparativa de sociedades em tempos sociais distintos. Tal recurso seria inviável diante da efervescência e da abundância da modernidade e da complexidade que envolve os universos culturais. Contudo, algumas diferenças e semelhanças, no tocante às lógicas que orientam as culturas longínquas e modernas e as significações que elas atribuem ao uso de drogas, precisam ser realçadas.

Nesse itinerário, são necessários alguns cuidados no sentido de desprezar observações que inspirem interpretações deformadoras de realidades ou maniqueístas, aquelas próprias do imaginário moderno, fracionárias da história e antropocêntricas, referenciadas exclusivamente pelo mundo atual. Essas concepções são construídas num deslumbramento quase fanático pelos avanços tecnológicos e

seus efeitos de maximização: a acumulação de riquezas, as alterações de tempo e de espaço, o conforto e as facilidades incontestavelmente trazidas pela modernidade. Essas racionalidades logo ganharam força dogmática idêntica à das religiões e providenciaram os meios de se expandirem e de eliminarem os obstáculos do seu curso. Nesse objetivo, uma estratégia tem sido desvirtuar o passado, o não atualizado, relacionando a tradição ao atraso e ao arcaísmo, em geral contrapondo a cultura moderna, da obsessão pelo consumo e pelos padrões e etiquetas de civilidade, promotores da produção excessiva, ao “sem cultura”, ao rude ou selvagem.

Na determinação de apagar o não moderno da memória coletiva, as novas visões acabaram encobrendo aspectos significativos da história. Desconsideram que as ostentosas sociedades modernas fixaram suas raízes nos terrenos preparados pelas culturas tradicionais e que os povos primitivos são autores de engenhosos e sábios projetos de domesticação de relações sociais conflituosas. Sobre estes, foram edificadas importantes civilizações antigas e atuais. As novas concepções não percebem o que essas culturas, ainda carregadas de seus traços originais, podem oferecer ao mundo atualizado em termos de conteúdos de sentidos da existência e de lógicas de interação dos homens entre si e com a natureza. Ao romperem com a herança cultural dos mundos primitivos e tradicionais – com seus saberes, seus universos simbólicos e seus mitos –, não percebem que cortaram laços

significativos da humanidade com suas origens; eliminaram pistas que poderiam indicar seus possíveis rumos e destruíram conhecimentos que ajudariam iluminar seus percursos.

É certo que a emergência das racionalidades modernas na Europa e sua imposição e expansão como lógica dominante no continente e, depois, no resto do mundo, significaram séculos de luta contra as resistências religiosas, políticas, econômicas e ideológicas à modernização. Recursos de diversas ordens foram utilizados por ambos os lados, inclusive a força armada. Entretanto, debelada a antiga ordem que impedia o curso da modernidade, uma guerra permanente, mais silenciosa e menos visivelmente sangrenta pela erradicação das forças culturais obsoletas, é instaurada. Hoje, da parte da cultura avançada, os eficazes mecanismos educativos, informativos e midiáticos, formadores de opinião e de mentalidades, executam sutilmente a operação, em amplos sistemas e redes, com alcance globalizado ou direcionado para determinados grupos de indivíduos e localidades.

Contudo, em nome do progresso, um dos baluartes dos avanços da modernidade, diversas comunidades tradicionais foram invadidas e culturalmente destruídas pelas potências do desenvolvimento. Muitas ainda lutam para fazer sobreviver suas marcas, seus valores, suas crenças, seus estilos de vida. Outras culturas indígenas sequer sobreviveram; foram covarde e tragicamente banidas, juntamente com suas populações. Na América Latina, especificamente no Brasil, a luta de forças

desiguais atravessou o século XX, sem poupar a devastação humana e cultural, em que vários artifícios foram, e ainda são, utilizados nas manobras inescrupulosas pela apropriação dos territórios indígenas. A introdução proposital de gripes e outras epidemias mortíferas pelos brancos em comunidades de índios é um exemplo da brutalidade e da desumanização da civilização, registradas pelos antropólogos (LÉVI-STRAUSS, 1996).

Mas, as forças ocultas e enigmáticas, fundadoras e controladoras dos universos concebidos pelos povos das sociedades indígenas e tradicionais, desafiam as leis conhecidas pelos homens civilizados da modernidade. Algumas culturas enraizadas no continente, aparentemente dizimadas, ressurgem, tentam reocupar seus antigos espaços e difundem-se, ora disfarçadas, ora mescladas na vasta miscigenação, mantendo-se vitalizadas por seus mitos e seus ritos. A tradição, embora rechaçada, silenciosamente executa a tarefa de protegê-los.

Mas, é no movimento constitutivo da natureza e de toda existência social que ocorrem as destruições, as reconstruções e as metamorfoses culturais. Esse movimento mais as incertezas nele geradas, conforme Balandier (1997b), são as marcas dos tempos modernos, evidenciando-se com a intensidade e a densidade próprias dos acontecimentos contemporâneos. Na abundância da modernidade, fenômenos novos e velhos pulverizam-se com as máscaras do inédito, do espetacular e também do incontrolável, do desafiador. A instabilidade,

energia motora da competição moderna, cujo alvo é o ilimitado, no seu extremo, toma a forma de turbulência e os riscos ganham proporção de desastre.

Nas interfaces do desenvolvimento e do prometido bem-estar, afloram, com força explosiva, os pontos de crises ou de desordens da modernidade: a violência contemporânea, apresentada em suas múltiplas faces, provocando pânico e terror; os desequilíbrios ecológicos que ameaçam a vida no planeta; o crescimento assustador da população em estado de extrema pobreza, exposta a condições sub-humanas de alimentação e de saúde; as novas desordens emocionais (o pânico, a depressão e as toxicomanias); o surgimento de novas doenças mortais incuráveis, a exemplo da AIDS. Estes e outros males ou riscos da atualidade sinalizam os inúmeros pontos de desordem ou a densidade de uma desordem produzida pela sociedade moderna, e que ela não consegue conter. As concepções de mundo que, em seu fervor de encantamento e otimismo, impulsionaram o desenvolvimento, inclusive aquelas formuladas no interior da própria ciência, hoje precisam ceder espaço a outras visões não tão animadoras, por vezes catastróficas.

A sociedade moderna curva-se diante dos obstáculos que ela mesma gerou. Não pode recorrer às práticas de erradicação do que lhe é estranho, pois o mal que a ameaça faz parte de sua composição. Como observa Balandier (1997b, p. 121), “ordem e desordem são como duas faces da

mesma moeda: indissociáveis”. Embora pareçam contrárias, uma trabalha em função da outra. A desordem integra o movimento de todas as sociedades, é o que lhes fornece a força vital, e também referencia os processos de reordenação. Por isso mesmo ela não pode ser banida totalmente. Mas, a desordem expandida, descontrolada, desregrada, põe em perigo a existência social. Nesse caso, torna-se urgente sua conversão em fator de ordem. A desordem necessita passar pelo trabalho positivo de sua própria neutralização.

Assim, todas as sociedades, em seu movimento de busca de ordenação, criam mecanismos e práticas de gestão de desordem. Estabelecem meios de conversão do mal em elemento motivador da criação de regras e de sanção e, portanto, em componente do processo de organização social. Nas sociedades tradicionais e indígenas, cabe ao rito, como espaço simbólico de manifestação do sagrado, a incessante tarefa de dominar ou afastar o caos, de estabelecer e conservar a ordem, através da dramatização coletiva e de seus elementos de simbolização. Nestes contextos, o rito recombina coesão e conflitos sociais, age como redutor de uma desordem sempre presente, convertendo-a em fator de reordenação.

Nestas culturas, os mitos, representantes do sagrado e donos dos saberes supremos, perpetuam-se, através da dramatização ritual, garantindo a sobrevivência das sociedades e das racionalidades que as ordenam. Os mitos contribuem para a definição de uma identidade coletiva. Mas, é através

do ritual que eles realizam a operação de “purificação” da sociedade, banindo a doença, o mal, a desordem e os impulsos selvagens. É pelo rito que ocorre a domesticação e a iniciação do indivíduo em todas as etapas de sua vida, e o homem torna-se um ser social.

As ritualizações entram, portanto, em composição com o sagrado e é uma prática de todas as culturas que atuam eficazmente no sentido de reproduzir, pela encenação e pela simbolização, o imaginário coletivo que sustenta as formas de organização social, mantendo uma continuidade e uma ordem. O sagrado, como descreve Balandier (1997b, p. 235), é “aquilo pelo qual a experiência subjetiva adquire sua densidade”. Mas, é por meio das práticas rituais que os homens entram em conexão com as forças ocultas e profundas do sagrado e reencontram o sentido de existir.

É justamente nesse espaço de estreita relação com o sagrado que, nas culturas tradicionais e indígenas, as substâncias psicoativas, alteradoras do estado mental, adquirem importante papel como elemento das práticas rituais. As drogas, assim como a dança, a música, as artes ornamentais e outros componentes do sistema simbólico, configuram o cenário de comunhão com as forças sobrenaturais. Nestas culturas, mais fortemente orientadas pelo sagrado, as substâncias psicoativas, sobretudo as alucinógenas, são sacralizadas justamente pelo valor mítico e curativo que representam, tornando-se, muitas vezes, imprescindíveis nas

cerimônias de evocação dos deuses e de transe espiritual. As práticas rituais dos povos indígenas são as mais ilustrativas do uso de droga com significado sagrado simbólico.

O consumo do *yopo* pelos índios Piaroa, da região amazônica no sul da Venezuela, é um demonstrativo da função ritualesca da droga em cerimônia de evocação do sagrado. O *yopo* é uma substância narcótica, extraída de uma semente silvestre, recolhida da savana na estação da seca. Transformada em pó, a droga é aspirada pelas narinas para se obter o efeito alucinógeno, através do qual os índios têm acesso aos poderes invisíveis do seu mundo. Entre 1967 e 1969, quando foi realizado o estudo de Monod (1976) sobre os Piaroa, a população da tribo era estimada em cerca de quatro mil homens, mas vinha diminuindo drasticamente.

O *yopo* e outros alucinógenos, como o *dä'dä* e o *tuipä hä*, representam para os Piaroa elemento simbólico essencial de suas práticas rituais de comunicação com as forças espirituais. Os índios acreditam que, por meio das alucinações do *yopo*, o espírito separa-se do corpo e faz o vôo ao país dos mortos, onde aprende as canções mágicas dos seus antepassados falecidos. No ritual, os cantos mágicos são entoados, durante toda noite ou várias noites, para afastar os poderes dos animais de transmitirem aos homens sua forma, que se manifesta nas doenças. No ritual, os cantos mágicos são dirigidos e entoados, primeiramente, por um ancião, o *menyérua*. Esse "senhor das canções" acompanha os cantos com o som de um chocalho

que também tem poderes mágicos. Os outros homens, de suas casas, repetem as canções, enquanto as mulheres e as crianças dormem.

As práticas rituais de consumo do *yopo* e de recitação dos cantos mágicos fazem, portanto, parte do cotidiano dos Piaroa. Ocorrem sempre que é necessário curar algum enfermo, eliminar alguma doença instalada na comunidade ou afastar alguma forma de perigo. Após as caçadas, é fundamental que aconteça o rito de evocação das forças invisíveis para a purificação das carnes dos animais. Apesar de este ser o alimento mais apreciado pelos índios e até considerado uma herança deixada por Wahari, o deus maior da criação, conforme a mitologia dos Piaroa, as carnes são tidas como a principal causa de contágio de todas as doenças.

Na mitologia dos Piaroa, a principal função do *yopo* é manter viva a memória de Wahari, o deus que criou o mundo visível. Os índios crêem que, no momento da alucinação, o espírito vai até a montanha, onde aprende também as palavras poderosas de Wahari. Os Piaroa autodenominam-se “donos da selva” e “povo que conhece” devido ao saber técnico e mítico que possuem para controlar os perigos da floresta. Eles sabem como dominar as mentes dos animais, como falar a sua linguagem e até como tomar sua forma física. Para os índios, os animais grandes, o tapir, o veado e a anaconda, representam a memória viva da criação e são encarnações de seus próprios deuses e heróis: Wahari, Mueka e Oluoda’e.

A ideia de movimento de ordem e desordem está impregnada no imaginário mítico dos Piaroa. Conforme Monod (op. cit. p. 12), a variada e rica mitologia desses índios se baseia no conceito de que “as forças que determinam a conservação e a destruição do universo relacionam-se com o invisível”. Para os Piaroa, todas as coisas visíveis do mundo nasceram do acesso de Wahari ao invisível, quando existiam somente os primeiros deuses. As doenças e outras formas de mal são resultantes da imperfeição da criação, do trabalho inacabado de Wahari. Esses males são, na verdade, obra dos märitû, os inúmeros espíritos invisíveis portadores de poderes maléficos que atacam os indivíduos e a coletividade. Somente os bruxos, nos rituais de cantos mágicos, têm o poder de dominar ou exterminar tais criaturas.

Para os Piaroa, a noção de movimento é bastante nítida. O efêmero traduz-se em consequência necessária à reprodução da vida. Todos os seres e coisas, sobretudo o mal e a desordem, submetem-se a processos de transformação e, assim, o mundo visível se autoperpetua. Nessa sociedade, o rito, em seu trabalho de ordenação, executa a função de purificação, de limpeza e de tratamento dos indivíduos e da coletividade, possibilitando a prevenção e a cura das doenças transmitidas pela carne dos animais. Mas, o ritual atua simbolicamente também na determinação de não deixar perder de vista o sentido fundador daquela sociedade, conservando o conhecimento humano da criação. Nas práticas

rituais, sob o efeito alucinógeno do *yopo* e de outras drogas e a entoação das canções mágicas, o saber e o poder herdados dos antepassados são vivificados e preservados na memória coletiva.

A droga é, pois, um elemento imprescindível no ritual mítico dos Piaraa. Ela auxilia os homens daquela comunidade no encontro com as forças ocultas de seus ancestrais e de seus deuses, mantendo vivo o conhecimento da sociedade. Através do voo ou da viagem ao oculto, os Piaraa reencontram o segredo e a memória que lhes permitem manter viva a cultura. No rito, o segredo dos deuses e dos heróis guarda valores, símbolos, modelos, saberes, procedimentos técnicos e sentido do existir. Esse segredo é transmitido ao *xamã* e repassado às gerações seguintes pelos que se iniciam, mas todos os homens da tribo comungam do ritual.

Nesse cenário, a droga exerce uma importante função ritual simbólica. Conforme o mito, o *yopo* permite ao homem adquirir e perpetuar a consciência dos conhecimentos de eventos passados, preservar uma memória, enquanto o *dä'dä* possibilita ao indivíduo ter os poderes dos deuses, criar novas coisas. Portanto, é essa a função simbólica da droga na sociedade dos Piaraa. O rito preserva, assim, o segredo originário da cultura que legitima aquela existência social. A tradição nessa comunidade, de forma semelhante a outras sociedades tradicionais, é portadora de “um caráter sobre-

humano que remete aos deuses, aos heróis, aos fundadores” (BALANDIER, 1997b).

Outra comunidade indígena da Amazônia, os Waika, habitantes da região fronteira entre o Brasil e a Venezuela, também evidencia o significado mitológico sagrado do uso de um alucinógeno. Conforme a pesquisa realizada por Seitz (1976), os Waika formavam um grupo isolado, considerado, na época, o mais primitivo dos povos da América do Sul. Estes índios nômades, no final da década de sessenta do século XX, não conheciam a cerâmica, nem instrumentos musicais, não cultivavam a mandioca, alimento básico da população nativa da região, alimentando-se quase exclusivamente da caça.

Contudo, duas grandes invenções desses indígenas tinham para eles especial importância: os Waika sabiam fabricar um veneno de flechas, o *mamikorima*, utilizado para caçar animais de maior porte, como bicho-preguiça, macaco, veados, porco-do-mato e onça, sendo que a técnica de fabricação desse veneno era guardada em segredo pelos Waika; a outra importante invenção era o pó alucinógeno *epena*. A substância era preparada com uma resina ressecada, retirada da superfície interna das cascas e do tronco de uma árvore da floresta Amazônica também denominada *epena*. A este pó, juntava-se outro, produzido das cinzas das cascas de outra árvore, a *ama asita*. O preparo estava, então, pronto para ser consumido, aspirado pelas narinas.

O consumo do *epena* pelos índios era parte do cotidiano da tribo. Conforme Seitz (op. cit.), a aspiração do pó consistia numa cerimônia com certos preparativos festivos, não se constituindo num ritual propriamente religioso. Nesses preparativos, usavam-se vários enfeites, mas a pintura do rosto e do corpo, com desenhos diversos e tintas naturais retiradas das plantas, era o trabalho mais importante, o que era feito com bastante concentração. As mulheres eram excluídas do uso, mas os homens podiam aspirar o *epena* sempre que desejassem, em geral à tarde. Quase sempre, um homem soprava o pó no nariz de outro que já havia se preparado para receber o alucinógeno.

Ao receber o pó, sentia-se fortes dores de cabeça, muito suor e salivação. Em seguida, após a segunda dose, surgia um intenso estado de euforia e as alucinações. Os índios dançavam, cantavam e gritavam durante todo o tempo do efeito alucinógeno, até que uma forte sonolência os levava à rede, onde dormiam fatigadamente. Mesmo os ritos isolados dos índios, ao consumirem *epena*, não incomodavam nem chamavam a atenção de mais ninguém da aldeia, além das pessoas de sua própria “choça”, para quem se dirigia o rito. Seitz (1976.) acredita que o efeito do alucinógeno não era igual para todos os que o consumiam, modificando-se conforme a idade, a frequência do uso e outras variantes. Entretanto, segundo suas próprias observações, nos rituais os índios apresentavam, em geral, comportamento semelhante:

os mesmos passos de dança, as cantigas, as pausas e os gritos estridentes.

Para Seitz (op. cit.), somente em certas situações, o *epena* era, de fato, utilizado pelos Waika em ritual religioso, com o fim especificamente de evocação dos espíritos. Eram os momentos de pedidos de cura para algum enfermo, de êxito nas caçadas e ocasião de agradecimento pelos animais capturados. O autor considera que, na maioria dos casos, não havia razões visíveis que justificassem o consumo da droga. Mas, conforme suas próprias descrições, pelo que se pode observar, o uso do *epena* estava sempre relacionado ao encontro com forças sobrenaturais do sagrado. Segundo os depoimentos colhidos por Seitz (1976), sob o efeito da droga, os índios sentiam-se fortes, gigantes e podiam falar com os “homens grandes” que eles acreditavam habitar as cabanas no alto das montanhas, aos quais faziam seus pedidos. Os muito jovens não podiam experimentar a droga, mas eram instruídos pelos pais sobre as visões e os rituais do *epena*, sendo preparados para aspirar a droga quando chegasse o momento.

Pesquisadores que experimentaram o *epena* falam das formas gigantes e maravilhosas que assumem todas as coisas ao redor, as quais certamente encantavam os índios. Também para Seitz (op. cit.), as alterações de tempo e de espaço, que a droga provoca, as composições cromáticas, modificações de dimensões, ilusões acústicas e óticas são efeitos agradáveis e atrativos dos alucinógenos que estimulam a criação de mundos

de sonhos. Contudo, o autor compreende que as visões dos índios, nas alucinações, tinham a ver com o universo por eles vivido, seus desejos e necessidades, podendo ser alteradas com a mudança do contexto. Cita, como exemplo, o fato de um dos índios da tribo, que conviveu durante vários anos com missionários, recebendo ensinamentos cristãos, revelar ao pesquisador que, certa vez, ao consumir *epena*, viu anjos e com eles falou. E, sem dúvida, as alucinações dos Waika estão fortemente relacionadas ao imaginário coletivo daquela comunidade, inclusive ao seu universo mitológico.

Seitz (1976) também acredita que alguns índios aspiravam a droga apenas para se libertarem, por algumas horas, das preocupações e cansaço diários. Esta percepção se fundamenta numa das explicações para o consumo de droga hoje na sociedade moderna. Mas, o rito do uso do *epena* pelos Waika, embora muitas vezes individualizado, diferencia-se bastante da forma como se dá o consumo de droga nos contextos atuais. O fato de os índios pintarem-se, adornarem-se sempre que iam aspirar o *epena*, é indicativo do sentido de veneração que eles atribuíam à droga e aos seres espirituais, “os homens grandes”, que diziam ver nas alucinações. As circunstâncias do ritual, individual ou coletivo, semelhantemente ao que ocorre na atualidade, podem indicar a busca de renovação das energias interiores. Neste caso, a droga parece confundir-se com o sagrado. Ela transforma os indivíduos, torna-os gigantes. Mas, diferentemente do consumo

de droga hoje difundido, o rito de uso do *epena* pelos índios dessa comunidade também remete ao reencontro com forças exteriores que os auxiliavam no enfrentamento dos obstáculos da vida na selva e em outras dificuldades do grupo. A droga aparece, assim, como elemento mediador do sagrado, e este se manifesta como instância suprema, fornecedora de força, coragem e poder aos indivíduos. O caráter ordenador do rito revela-se nessa confirmação da condição de impotência do homem e de possibilidade de encontro com forças ocultas interiores e exteriores.

Os Tukano do Uaupés, estudados por Reichel-Dolmatoff (1976), formam outra sociedade indígena, onde se evidencia o significado sagrado simbólico do uso de outro alucinógeno, o *yajé*. Esta tribo, habitante do noroeste amazônico da Colômbia, vivia em relativo isolamento e dividida em diversas fratrias. A pesquisa de Reichel-Dolmatoff com os Tukano é especialmente interessante por revelar o aspecto mitológico sagrado do *yajé*, relacionado ao ato da criação e da reprodução humanas e às origens da organização da vida social. O estudo mostra-se importante também pelo fato de o uso ritualesco desse alucinógeno ser largamente difundido entre os índios da América do Sul, da região amazônica.

O *yajé* é uma planta originária da região, cujo preparo, em forma de bebida, recebe o mesmo nome. O autor enumera várias outras denominações da planta entre os índios da Amazônia: *caapi*, *gahpí*, *kahpí*, entre os Tukano orientais;

mihí, entre os Cubeo; *kápi*, entre os Guahibo; *dapá*, para os Noanomá; *pildé*, para os Emberá e *ayahuasca*, entre as tribos das montanhas peruanas e equatorianas. Hoje, no Brasil, o alucinógeno é bastante conhecido como *ayahuasca*, bebida utilizada nos cultos do Santo Daime.

O uso da bebida alucinógena *yajé*, entre os índios Tukano do Uaupés, é bastante antigo. Segundo o mito, o surgimento do *yajé* remete à fase de nascimento da tribo que, para os índios, coincide como o processo de dispersão da humanidade. As circunstâncias de consumo da bebida pelos Tukano são diversas, mas sempre em contextos de práticas rituais coletivas: cerimônia mágico-religiosa, ritos de iniciação dos jovens, ritos funerários, ritos do *yurupari* (uma representação comemorativa do incesto que o Pai Sol cometeu contra a Terra, sua própria filha). Contudo, em ocasiões de cura de enfermidade e de necessidade de identificar inimigos, o *Xamã* pode, sozinho, consumir a bebida em seus rituais de comunicação com forças sobrenaturais.

O princípio ativo do *yajé* advém da *harmina*, encontrada na *banisteriopsis caapi* e *banisteriopsis inebrians*, espécies nativas da Amazônia. Estudos citados por Reichel-Dolmatoff (op. cit.) referem-se ao uso da substância, retirada de outro tipo de arbusto do Oriente, desde a Antiguidade. A bibliografia tem procurado enfatizar os efeitos alucinógenos do *yajé*, referindo-se aos rituais e às visões descritas pelos índios e pelos pesquisadores. Estes efeitos são, em geral,

descritos como inicialmente bastante agradáveis: visões de belas paisagens coloridas, frutas apetitosas, anjos celestiais. Fala-se também de “visões aterradoras”, após o efeito inicial: cobras, figuras demoníacas atacando e maltratando pessoas. O estudo de Reichel-Dolmatoff (op. cit.) destaca-se por realizar o trabalho descritivo, avançando para a esfera interpretativa do contexto mitológico, ritual e simbólico do uso da bebida naquele contexto social.

O autor encontra uma importante fonte explicativa do significado do uso da droga pelos índios nos próprios mitos que formam e expressam a visão de mundo da sociedade dos Tukano. Para aquele povo, o *yajé* é muito mais do que um elemento componente de um ritual de comunicação com as forças sagradas dos deuses. O *yajé* torna-se mesmo o elemento central do ritual de reencontro com as forças criadoras originais, imprescindível à reprodução da vida e à orientação da existência naquela sociedade. Conforme Reichel-Dolmatoff (1976), para os índios Tukano:

O objetivo do consumo do *yajé* é regressar ao útero humano, à fons et origo de todas as coisas, onde as pessoas ‘vê’ agora as divindades tribais, a criação do Universo e da Humanidade, o primeiro casal; a criação dos animais e o estabelecimento da ordem social, sobretudo com referência à lei da exogamia. Durante o ritual, a pessoa entra na ‘porta’ da vagina pintada na base da vasilha e, no interior do recipiente, une-se com o mundo mítico da Criação (p.79).

Para os Tukano, no Mito da Criação da Humanidade, a divindade solar é o princípio masculino fertilizador. O falo, simbolizado pelos raios solares, no dia do “solstício da primavera”, ao meio-dia, penetrou a Terra em certos pontos rochosos, às margens dos rios, localizados na linha do Equador. Estes foram os pontos centrais e sagrados onde o sol fertilizou a Terra. Pelo raio do sol, desceram gotas de sêmen e formou-se a humanidade. A dispersão dos homens no planeta decorreu da subida dos primeiros habitantes pelos rios, embarcados em uma grande anaconda, que lhes serviu de canoa.

Todo contexto mitológico é fortemente referenciado pelo caráter sexual da reprodução humana. A canoa combina simbolismo uterino e fálico. As correntezas dos rios, por onde passa a canoa, representam a gestação na qual são gerados incessantemente novos grupos sociais. A canoa é guiada pela divindade que, ao longo da viagem, vai criando uma série de instituições e estabelece seu código moral e social.

Um outro mito dos Tukano, originário do grupo Desama, dá continuidade à história da criação. Assim, numa das estações da Canoa-Anaconda, a *dia vii*, apareceu uma mulher chamada Mulher-Yajé, que dera a luz a uma criatura, um cipó de yajé. A criatura tinha forma de luz, mas era humana e era yajé. A mulher procura pelo pai da criança entre os homens que se encontravam no interior de uma casa, “afogando-os com visões”, e todos queriam para si a paternidade, agarrando

e despedaçando a criança. Conforme o mito, é assim que os antepassados dos Tukano obtiveram o *yajé*.

Na interpretação do mito da criação do *yajé*, Reichel-Dolmatoff (1976) encontra semelhanças com o mito do Dionísio. O autor destaca as expressões: afogamento, embriaguez, alucinação, utilizadas pelos Tukano, relacionadas ao ato sexual. Para ele, a intoxicação com o *yajé* é o próprio ato que, devido à conotação incestuosa, torna a experiência angustiante. Observa, ainda, como o mito de origem do *yajé* exemplifica um ciclo de mitos de grande dispersão, do qual participa um grupo de homens num sacrifício sangrento, que se converte em benefício para a humanidade.

O ritual do consumo de *yajé*, desde a preparação da bebida, encena o mito de sua criação, o desmembramento da *criança-yajé*, em que cada fratria fica com uma parte do corpo do menino, aquela escolhida por seu antepassado, simbolizada por uma certa parte do cipó *yajé*. Cada pedaço da planta provoca um tipo específico de alucinação e pertence à respectiva fratria, embora os índios possam, sem nenhum problema, experimentar os efeitos alucinógenos da parte do *yajé* pertencente a outros grupos. Os índios estabelecem, assim, uma classificação de caráter mágico da planta, criando vários tipos de *yajé* da mesma espécie botânica. São as diferentes partes da mesma planta que produzem tipos diferentes de alucinações com cores e visões diversificadas.

A tradição preserva a técnica ancestral de preparo da bebida, combinando diferentes talos retirados de vários cipós do *yajé*. A quantidade e a qualidade das alucinações são, portanto, controladas desde o preparo, conforme a necessidade do uso: a ocasião ritual que requer certo tipo de dança e certo cerimonial. Para se eliminarem os efeitos angustiantes do alucinógeno, ainda na preparação da bebida, é recitada uma série de salmos e de cantos, os quais também são entoados em ocasiões de exorcismo de enfermidades.

A preparação do *yajé* deve ocorrer, conforme o mito, num místico cenário ritual. Os talos devem ser cortados pelos homens, em certo lugar da mata, num horário específico do dia, e macerados numa canoa de madeira. A maceração é efetuada com golpes de um pilão pesado, num determinado ritmo e intensidade de som. A vasilha utilizada no preparo é manufaturada por uma mulher anciã, sendo sempre guardada, após a cerimônia, como objeto sagrado, para uso exclusivo dos rituais do *yajé*. A forma desse recipiente simboliza o útero materno e “um modelo cósmico de transformação e gestação”. A pedra amarela, utilizada para polir a vasilha do *yajé*, representa o falo que vai modelando o receptáculo uterino. A vasilha também é pintada com figuras que representam a reprodução humana, especialmente a vagina, “a porta”. As cores branca, amarela e vermelha das pinturas, conforme os índios, simbolizam o princípio da fertilização e da fecundação.

Segundo as observações relatadas por Reichel-Dolmatoff (1976), a cerimônia ritual coletiva propriamente do consumo do *yajé* ocorre no começo da noite. Todos os homens se apresentam pintados e adornados para a ocasião, exceto as mulheres, pois elas não participam da cerimônia. O ritual inicia-se com a recitação do Mito da Criação e da genealogia das fratrias. Com a vara que simboliza o falo do Sol e um chocalho, o xamã comemora a origem da humanidade. Seguem-se, logo após, muitos cantos e danças acompanhados dos toques de diversos instrumentos sonoros e musicais.

A repartição da bebida aos homens da fratria exógena convidada e aos do grupo anfitrião é feita pelo dono da casa que se mantém cantarolando e executando uma série de gestos rituais. Cada repartição da bebida é anunciada com um toque de trombeta, sendo geralmente repetidas de seis a oito taças para cada homem, em intervalos de cerca de uma hora. As danças e os cantos intensificam-se com o aumento do efeito do *yajé*, mas o ritmo geral e os passos individuais mantêm-se bastante coordenados.

As danças não apresentam movimentos pélvicos alusivos ao sexo, contudo, os participantes dirigem-se com insultos à vasilha do *yajé*, "como a um ser feminino que os desafia, que oferece um perigo que eles estão dispostos a enfrentar". No mesmo duelo do masculino com o feminino, eles respondem às provocações das mulheres que, de longe, assistem ao ritual. Com uma vara na mão, também encenam o confronto entre

guerreiros. Voltam-se uns para outros e exclamam expressões de afrontamento ao inimigo, exaltando força e disposição para vencer.

As alucinações acontecem e se sucedem quanto mais aumenta o consumo e o efeito da bebida, nesse cenário de muita dança, bastante música e cantos, num movimento cíclico, com pequenos descansos, seguindo-se os intervalos dos toques das trombetas. Nas alucinações, os índios veem formas e cores confusas, outros podem ver toda uma cena mitológica; outros vomitam e não veem nada. Acredita-se que, para se ter alucinações agradáveis e nítidas, é necessário abster-se do sexo e fazer uma dieta leve nos dias que precedem a cerimônia. Mas, as visões do *yajé* são elaboradas para um determinado fim: a interiorização, o reencontro com forças cósmicas e espirituais que fazem renascer nos índios o sentido e o valor da existência do universo e da humanidade.

Tal sentido é reencontrado através do êxtase da droga, o que possibilita o regresso ao útero, origem de todas as coisas. Aqueles que atingem esse estado podem ver as divindades tribais, a via láctea, a criação do universo, da humanidade e dos animais. Este retorno ao útero equivale à morte, mas também ao renascer. As alucinações desse reencontro são experimentadas individualmente, mas são partilhadas coletivamente e explicadas, reforçadas por um *xamã* que auxilia a percepção dos índios das visões. Ele explica, por exemplo:

“esse tremor que se sente são os ventos da via láctea”, “aquela cor vermelha é o dono dos animais”.

O traço marcante do ritual mitológico do *yajé* entre os Tukano é, sem dúvida, o caráter sexual, interpretado no sentido de retorno às origens, ao ato que promoveu toda criação. Um índio Tukano, que recebeu educação religiosa de missionários, assim se expressou para Reichel-Dolmatoff: “Tomar *yajé* é um coito espiritual, é a comunhão espiritual como dizem os padres”. A experiência angustiante das alucinações pode estar relacionada ao problema do incesto, enfrentado pela tribo, mas também ao próprio ato de passagem pela “porta” do útero, numa encenação do nascimento e também do renascer: a transformação. O rito do *yajé* atua, portanto, como contexto de estabelecimento de uma ordem que é substanciada pelo sentido de existir, sempre renovado e fortalecido nas práticas rituais.

As imagens visualizadas nas alucinações com o *yajé* possuem uma importância central na vida dos Tukano. As manifestações artísticas decorativas e ornamentais dos utensílios e das casas dos índios representam sempre aquelas figuras vistas no *yajé*. Da mesma forma, as músicas e as danças originam-se em suas alucinações auditivas, revelando a importante função da droga, naquela cultura, de despertar ou estimular a capacidade criativa dos indivíduos. Mas, os conflitos do grupo, marcadamente os relativos ao incesto e a exogamia, bem como os perigos enfrentados na selva, os

animais que os ameaçam, também compõem o imaginário coletivo dos índios. Tais conflitos e perigos se manifestam nas visões e em suas criações artísticas.

Como se vê, até pouco tempo, a América do Sul, particularmente a Amazônia, mantinha preservados ricos cenários de diversidade biológica e cultural. Os índios Piaroa, Waik, e Tukano, entre inúmeras outras tribos dispersas na imensa floresta, formavam comunidades isoladas. Embora habitassem o mesmo continente e vivessem as mesmas condições ambientais, esses grupos indígenas tinham suas próprias crenças, hábitos, estilos de vida e forma de organização social.

Não obstante as semelhanças e as divergências entre esses espaços sociais complexos e a distância de tempo social que os separa das sociedades modernas contemporâneas, um aspecto parece comum nos distintos contextos: a importância atribuída às drogas alucinógenas, como elemento mediador das forças impulsionadoras e ordenadoras do agir dos indivíduos e do movimento das sociedades.

Na verdade, o uso de substâncias psicoativas é uma prática humana sociocultural que tem acompanhado a história da humanidade. As pesquisas históricas e antropológicas enfatizam a relevância das drogas nas diversas culturas indígenas e antigas civilizações, desde os tempos mais remotos. Alguns estudos destacam a importância medicinal das substâncias psicoativas, o seu potencial anestésico e terapêutico capaz de livrar o homem de doenças e até da morte.

O álcool é citado como droga de efeito narcótico mais antiga, de uso milenar como analgésico e abortivo pelos egípcios. As outras drogas psicoativas mais conhecidas, como, a maconha, a coca e o ópio, em seus locais de origem, também têm uso medicinal milenar contra diversas enfermidades.

Mas, o homem descobriu nas substâncias psicoativas, principalmente nas alucinógenas, sobretudo, seu poder misterioso e encantador, capaz de (con)fundir-se com a energia inerente a sua condição humana, aquela do espírito, da imaginação pensante e criadora e dos estados mentais. Trata-se da força que permite ao homem desbravar a natureza, criar as condições de sobrevivência, encontrar felicidade e bem-estar. Ao possibilitar ao homem alterar seu estado psíquico e emocional, conforme suas necessidades e desejos, a droga consagrou-se como importante recurso que o auxilia no enfrentamento dos desafios do mundo da selva e também do civilizado. A droga adquire, assim, valor real e simbólico, com diversas significações, conforme suas motivações de uso, e isso em todas as culturas.

Na verdade, o que se observa, ao longo da história da humanidade, é o importante papel exercido pelas substâncias psicoativas como um elemento de mediação na relação do homem com seu universo natural e cultural, independentemente do contexto social. Cada sociedade elabora visões de mundo específicas. A partir dessas interpretações da vida e das condições de sobrevivência em cada contexto social, os

homens criam seus símbolos, seus parâmetros de segurança, de prazer, de felicidade e, portanto, definem as relações entre si e com o mundo. As drogas emergem, em cada espaço social, como elemento mediador dessa relação. Elas surgem como intermediárias das forças ocultas motoras da lógica de viver, socialmente construída, que se impõe aos indivíduos.

Assim, em cada contexto, as drogas são acionadas conforme a necessidade dos sujeitos de recorrência a essas forças ocultas e dependendo também do acesso e da disponibilidade dos indivíduos a outros elementos de mediação com essas fontes de energia. Mas, a pressão exercida pelas visões de mundo e estilos de vida em cada contexto social sobre a interioridade dos sujeitos é um dos fatores impulsionadores da busca dessa energia. As substâncias psicoativas passam a servir também como suporte para que os indivíduos acompanhem e reproduzam a lógica de organização social prevalecente em cada sociedade. A intensidade, a necessidade, as formas de controle individuais e coletivas de uso das substâncias são estabelecidas nos espaços rituais de uso, conforme as necessidades de reprodução da ordem social. Nessa perspectiva, os fatores biológicos e psicológicos individuais, que particularizam os efeitos químicos das substâncias sobre os indivíduos, podem ser diluídos ou alterados, a partir desses determinantes socioculturais.

A importância das drogas nos diversos contextos expressa-se conforme as funções que elas adquirem em cada

sociedade: místico-religiosas, artístico-criativas, terapêuticas, sociointegradoras, atenuante de tensões sociais, entre outras. Nas sociedades indígenas, movidas pela tradição, caracterizadas pela estreita ligação homem-natureza, o enigmático mundo mental funde-se com o mundo espiritual. Nesses espaços, as substâncias alteradoras do estado de consciência adquirem um significado mitológico sagrado e terapêutico, exercendo importante papel nos rituais de comunicação com o sobrenatural, nos rituais de cura e de transe espiritual. A droga evidencia-se, então, como importante elemento de mediação com o sagrado constitutivo daqueles universos culturais, ela mesma tornando-se objeto de sacralidade, imprescindível nas práticas rituais de ordenação social. O rito de consumo de droga expressa, assim, a forma prevalecente de relação do homem com o mundo em cada contexto social.

Para os povos que não viveram sob as racionalidades modernas e aqueles que não absorveram totalmente suas máximas quase dogmáticas - da calculabilidade, da verificabilidade, do estritamente comprovável, que deram impulso ao conhecimento científico e ao desenvolvimento, as forças divinas e ocultas são provedoras do bem e do mal. Elas podem afastar as doenças, as pestes e outras formas de infortúnios. Podem salvar vidas e também punir, castigar, condenar à morte, caso seja necessário para restabelecer a ordem. As culturas diversificam-se, conforme as visões de mundo e as mitologias que as orientam. As regras, os

símbolos, os valores, os modos de vida também são específicos a cada espaço social. Mas, um aspecto as torna semelhantes, independentemente da distancia geográfica e de tempo social: em todas elas, o indivíduo e a coletividade são amparados pelas forças supremas dos deuses, não estão abandonados à sua própria sorte.

Diferentemente da modernidade, nessas culturas, os riscos e as incertezas são percebidos como provas, desafios ou passagens sacrificiais, sinalizadas, controladas e arbitradas por potências ocultas, que comandam a natureza e a vida dos seres humanos. A competência, o sucesso nas tarefas difíceis, nas caçadas, nas guerras dependem mais dos desígnios e consentimentos das divindades do que propriamente da capacidade dos indivíduos. Nesses mundos, onde a função do sagrado de atribuir sentido e valor à experiência humana é mais visível, aqueles que conseguem destaque como guerreiros, curandeiros, artesãos e outras habilidades são os escolhidos dos deuses. Às vezes, são as próprias divindades que se materializam, encarnam seres humanos e até animais, para o bem ou para o mal; para estabelecerem a ordem ou para desorganizarem o que está mal organizado. Mas, conforme as percepções de totalidade elaboradas pelas culturas tradicionais, a ação dos mitos, mesmo dirigida ao indivíduo, refere-se sempre à coletividade. Tudo é visto em estreita ligação: vida humana e natureza fundem-se numa única lógica.

Nessas racionalidades, a competição individualista não encontra bases para se desenvolver e se fixar. O indivíduo sozinho, sem o apoio e o amparo de seu grupo social e de seus deuses, é extremamente frágil, sequer pode sobreviver. Nesses tempos, as condições da existência, revelam, com mais nitidez, as limitações humanas diante da natureza e sua impotência frente aos acontecimentos inesperados, localizados e universais. É certo que, nessas sociedades, os conflitos internos e externos de diversas ordens e o mal de variadas formas estão sempre presentes. O estrangeiro e o desconhecido são geralmente uma ameaça. Mas, as guerras e os conflitos, mesmo tendo um fundamento social, revestem-se do caráter sagrado, sobrenatural. Os guerreiros são protegidos e orientados pelos espíritos ou podem ser derrotados, eliminados por eles. Da mesma forma, a doença, o insucesso, o fracasso, os infortúnios e outros males são consentidos, designados pelos deuses ou são manifestações de sua indignação.

É verdade que o estado de impotência e de submissão ao sagrado está correlacionado aos limites ainda não transpostos pelos homens das referidas sociedades, diante da enigmática natureza. Mas, o próprio conhecimento que possibilitaria a ultrapassagem também caminha regulado por essas lógicas. Nessas culturas, o saber originário da existência, fundador e ordenador da vida, pertence às forças ocultas dos deuses e dos heróis imortais. Os mestres especialistas e os *xamãs* são os herdeiros maiores das divindades, guardiões de seus

saberes. Devem, pois, preservá-los e transmiti-los às gerações seguintes, através do segredo e dos ritos de iniciação. Balandier (1997b) lembra que o segredo inclui o oculto, saber fundamental adquirido através de dogmas, “e somente por alguns em sua totalidade”. É, pois, o segredo que atribui à tradição antigas funções de proteger a arte, “o saber mais valorizado” e a habilidade, concedendo-lhe a capacidade de manter e transmitir procedimentos técnicos codificados e seus instrumentos.

Portanto, não obstante a distância social e temporal que afasta ou aproxima as culturas, um traço marcante, inerente ao fundamento lógico das organizações sociais, distingue as sociedades indígenas e as tradicionais das sociedades modernas. Aquelas traçaram seus rumos com base numa certeza fundamental que configura a relação dos atores sociais entre si e com o mundo, naqueles universos: a de que os poderes regentes da natureza e da existência (vida e morte) são sobrenaturais, extrapolam as forças exclusivamente humanas. Estes poderes pertencem ao domínio do sagrado e dos mitos que, nesses contextos, têm a função de controlar o destino dos homens e da sociedade. Os espaços de ritualização, de manifestação e de comunhão com o sagrado são, nessas sociedades, cenários de estabelecimento da ordem social e de revitalização da lógica que mantém tal ordenação.

Assim, da mesma forma que as sociedades tradicionais, o mundo moderno também constrói suas instituições e

instâncias de ordenação social e, em seu excesso, as multiplica. Nas sociedades contemporâneas, novas racionalidades, fundamentadas nos saberes seculares, sobretudo no conhecimento técnico e científico, são instauradas em todos os espaços de socialização dos indivíduos. O processo acelerado de dominação da natureza destrói mitos e desafia os poderes dos deuses. Mas, o estado permanente de incerteza e as frequentes mudanças fragmentam e enfraquecem esses espaços de organização social. Embora ritualizados, tornam-se essencialmente efêmeros e mutantes, perdem o poder de fornecer respostas e segurança aos indivíduos e, portanto, a capacidade de gestão da desordem, provocando uma ansiedade e um desamparo sociais.

A falta de perenidade dos referenciais que sinalizem os itinerários e a incerteza quanto ao futuro, mesmo próximo, desorientam os indivíduos. A liberdade, necessariamente promovida pela modernidade, e a exaltação do eu, com performance de onipotência, substanciam o impulso contemporâneo do desenvolvimento. Contudo, contribuem fortemente para a emergência de um individualismo de caráter narcisista de regras flexíveis e desprovidas de uma ética social. No horizonte de busca do sucesso, do destaque, do espetacular, da nova competição, tudo se justifica, e a luta em torno destes ideais converte-se na essência do viver, naquilo que dá sentido à existência pessoal. Conforme Balandier (1997b), nos tempos modernos, do movimento e da superação, “o homem faustiano

forma-se no confronto, e suas aspirações recusam os limites, são infinitas” (p. 249). A noção de luta permanente aponta para a libertação do homem de tudo que o submete, sobretudo os deuses, exalta a capacidade de dominação e possessão do mundo e a recusa individual a toda ordem.

Mas, a desordem moderna não reconhece fronteiras: desrespeita a natureza, torna fútil a existência e banaliza as relações sociais. A luta exaustiva para alcançar o inatingível, além de provocar riscos que ameaçam a vida no planeta, também tem impacto corrosivo sobre a interioridade dos indivíduos e os enfraquece. Os atores sociais, abandonados pelas potências sagradas sobrenaturais, são lançados ao desamparo social e se apavoram com a iminência do caos, individual ou coletivo. Os sucessivos fracassos, os insucessos, os desapontamentos de toda sorte distanciam as almejadas chances de vitória, provocando a angústia e a perda de sentido de existir. A desordem já instalada agrava-se; contudo, sinaliza o aparecimento de seu componente reordenador. Ela impõe a procura de permanências, de certezas, de novos horizontes e o resgate de elementos fundadores de sentidos. O sagrado é, então, demandado como força existencial, restauradora de direção.

Assim, os mitos modernos surgem e se pulverizam, prometendo felicidades, trazendo entusiasmo, esperança e encantamento, pois é, no espaço do sagrado, que a exigência pessoal do sentido, da relação com uma ordem idealizada,

pode encontrar seu lugar e sua satisfação (BALANDIER, 1997, p. 232). Mas, na modernidade, o aleatório e a imprecisão confundem os próprios deuses. O sagrado reaparece difuso, transfigurado, mas impotente para eliminar a angústia e o desamparo social, produzidos pela incerteza e pela dureza da vida num mundo extremamente individualizado. Os mitos modernos desapontam, dão respostas parciais, acabam não cumprindo o prometido e, por isso mesmo, são frequentemente permutados, ficam à mercê das escolhas dos indivíduos, expostos como mercadoria, com todos os atrativos do consumo e do mercado.

Ao analisar as múltiplas figurações do sagrado na atualidade, Balandier (1997b) refere-se às observações de Durkheim quanto à natureza transcendente e social do religioso, à variedade de suas manifestações nas diferentes sociedades e seu aspecto histórico. Nesse enfoque, o sagrado aparece como portador de ambiguidade, desdobrado em duas formas não antagônicas passíveis de transformações mútuas: o sagrado puro, agindo para manter a ordem, e o sagrado impuro, atuando para a desordem, para o mal, para a transgressão. Nessa metamorfose, os mitos e outras expressões do sagrado que, até então, representavam os deuses, os espíritos e outros seres pessoais, manifestam-se agora sob formas novas e insuspeitas (BALANDIER, op. cit. p. 233).

O sagrado moderno, seres e objetos de adorações diversas, tem sacralidade efêmera, mas, enquanto existe, fornece aos indivíduos a energia motivadora de sua ação, para o bem ou para o mal. Nas atuais metamorfoses do sagrado, apontadas por Balandier (1977b), alguns mitos entram em cena como vedetes de cultos juvenis. Eles são fonte de entusiasmo e das práticas de transgressão, produzidas com a intensidade e a emocionalidade de seus espaços individuais, ou coletivos de rito. Outras figurações do sagrado apresentam-se na idolatria do excesso, do consumo, da superação e da atração pelo risco. Exibem-se nas diversas condutas de explosão, como “sagrado selvagem”, em que as drogas, o sexo, a violência são os principais meios de manifestação, contrapondo-se ao sagrado domesticado, das “ritualizações banais” (BALANDIER, op. cit. p. 235).

Nos espaços modernos de práticas rituais, as drogas também atuam, em muitos deles, como um elemento mediador do sagrado, das forças ocultas às vezes alojadas no interior do próprio indivíduo. Assim, as drogas possibilitam a manifestação de energia do agir humano que substancia e é substanciada pela lógica social. A comunicação com o sagrado, através da droga, ocorre, principalmente, nos ritos que estimulam o sentimento de onipotência, a busca do sucesso e de admiração, a vontade de vencer, requisitos da nova competição. Nesses rituais, individuais ou coletivos, o sagrado também pode ser convocado para aliviar tensões

e abrandar a angústia e o desamparo cotidianos. Muitas manifestações festivas e encontros sociais para o consumo de drogas, liberadas ou proibidas, exemplificam esses espaços rituais.

Nas sociedades modernas, as substâncias psicoativas mantêm, portanto, sua tradicional função de mediação com o sagrado, que arbitra e orienta a relação do homem com o mundo. De fato, na atualidade, o sagrado retoma sua qualidade inicial, “de energia oriunda da exuberância de uma vida coletiva ainda não reprimida e induzida na busca de seu sentido” (BAIANDIER. 1997b, p. 234). Contudo, tomado pela lógica da modernidade, assumindo uma mobilidade e novas figurações, ele direciona os seres humanos para uma ação cujo alvo é o ilimitado e o inatingível. O sagrado moderno estimula a busca do risco e a confiança do indivíduo em si, mas a marcha da modernidade, do sempre mais além, leva o homem contemporâneo à exaustão e exaure também seus mitos.

Na atualidade, intensifica-se a procura do sagrado e multiplicam-se os espaços de rito. A função da droga de mediação com as forças ocultas permanece, mas os vínculos dos sujeitos com as substâncias, as formas e a necessidade de recorrência ao uso, sofrem significativas modificações. Naturalmente, para atender essa solicitação ampliada e considerando os aparatos tecnológicos disponíveis na atualidade, os tipos de drogas e seus componentes químicos, que causam os efeitos

estimulantes, narcóticos e alucinógenos, podem ser alterados, sofisticados e apurados. A indústria e o comércio legais e ilegais das substâncias, que movimentam recursos milionários, incrementam a oferta e a demanda dos produtos. A forma intensificada de uso de droga, reconhecida com dependência, é, portanto, específica da contemporaneidade, evidenciando uma busca insaciável por algo, em substituição ao sagrado, que atribua ou devolva sentido de existência aos atores sociais.

No momento atual, em que se esvaem as possibilidades de direção extraídas da própria modernidade, novos horizontes e referenciais precisam ser encontrados. A ciência, como saber substantivo e ordenador da sociedade moderna, é questionada e intimada a criar fundamentos e mecanismos que reestabeleçam a ordem social. E, de fato, no transcorrer da modernidade, a ciência manteve-se em posição de controle, ficando atenta ao curso do sagrado. Num primeiro momento, tentou sucumbi-lo. Obstinação pela secularização e empenhada em promover o desenvolvimento, apresentou-se como pretensamente neutra e formuladora da verdade máxima. Tomou, como principal tarefa, a produção incessante de conhecimentos tecnológicos e também daqueles necessários à construção da retórica da modernidade, daquilo que lhe dá sustentação ideológica. Assim, banalizou os mitos, os ritos e os valores construídos pelas culturas tradicionais e indígenas. Incluiu-os no rol das irracionalidades e das ilusões,

contribuindo para a miopia das concepções que compõem o imaginário da modernidade.

Todavia, não obstante o avanço do desenvolvimento que, em algumas décadas, atingiu patamares superiores a séculos de trabalho e de acumulação de saber, a modernidade depara-se com interditos, com o obscuro e com o inesperado. Hoje, o saber científico já reconhece a matéria, o ser vivo e também o social como sistemas complexos, cuja dinâmica não linear está aberta às turbulências e ao aleatório. Na atualidade, a ciência, ela própria mergulhada na incerteza e na multiplicidade de possíveis, que sua incessante produção fez brotar, segue em busca de elementos que sinalizem segurança, permanência e direção.

Neste cerco, à procura de horizontes, a ciência hoje é obrigada a buscar pontos de largada ou originários das sociedades, norteadores e fornecedores de sentido. Ela tenta, dessa forma, encontrar pistas da complexidade da natureza e do destino da humanidade nos mundos desaparecidos ou subterrâneos e nos saberes preservados nos invólucros da tradição. Assim, ela examina e, ao mesmo tempo, integra o movimento permanente da sociedade, não sequenciado, às vezes simultâneo, às vezes descontínuo, de ordem, desordem e busca de reconstrução.

É, pois, no encontro com a incerteza e com a desordem descontrolada que a modernidade é forçada a se reaproximar da tradição. Esse reencontro, entretanto, não implica ressuscitar

culturas desaparecidas ou transformadas e reviver seus tempos, num tipo de saudosismo que só percebe pureza e harmonia no passado, desqualificando tudo que significa atual. Trata-se, sim, de atualizar as culturas passadas, no sentido de apreender suas mitologias, seus saberes, os elementos constitutivos de seus mundos, os conhecimentos fundadores, de propriedade do sagrado adormecido com a tradição. Significa, enfim, restituir e reconhecer a importância das culturas tradicionais no curso do processo histórico, o que fora negligenciado pela modernidade. A ciência inicia, assim, o trajeto inevitável de religação entre o mundo moderno e as culturas tradicionais.

Este retorno consiste em retomar caminhos que permitam reativar saberes formuladores de sentido de existência. Reencontrar percursos, outrora traçados pelas culturas ancestrais, que devolvam à humanidade amparo, coerência e certezas num cosmo enigmático e imprevisível, impossível de ser dominado e conhecido em sua totalidade pelos seres humanos. Compreender a universalidade da existência em sua complexidade que amalgama certezas e incertezas, no movimento que interliga passado, presente e futuro em tempos não lineares, tal como já percebiam os povos das sociedades indígenas e tradicionais.

Em meio à destruição cultural promovida pela modernidade, as sociedades tradicionais que ainda resistem se apresentam como ricos cenários de investigação a serem preservados. Os contextos que sofreram transformação, em virtude da

imposição da cultura moderna dominante, também se mostram como espaços de exploração e resgate da força da tradição. As metamorfoses das culturas tradicionais e indígenas oferecem uma dupla oportunidade de diálogo: de um lado, elas emergem como elemento de reordenação social, incorporando-se à cultura predominante, executando um trabalho de garantia da sobrevivência da própria humanidade, salvaguardando sua essência cultural, que lhe permite existir; de outro lado, ela apresenta-se como um celeiro de informações, de saberes, de técnicas de símbolos onde a ciência e a cultura moderna podem reencontrar itinerários e focos que iluminam sua direção.

Na região amazônica, muitas culturas indígenas não foram totalmente dizimadas. Elas sobrevivem mescladas na vasta miscigenação. Protegidas pela tradição, elas guardam segredos que a modernidade tenta encontrar. Seus mitos, seus ritos, seus universos simbólicos são metamorfoseados e difundidos por outros espaços. Os cultos do Santo Daime, espalhados pelo Brasil e por outros países da América Latina, como Peru, Colômbia e Bolívia, com adeptos de diversas raças e classes sociais, são uma expressão de resistência e sobrevivência de uma prática ritual da cultura indígena, de origem milenar.

O Santo Daime é uma seita usuária da bebida alucinógena *ayahuasca*, o *yajé* consumido nos rituais dos índios Tukano. O culto surgiu no Brasil, na cidade de Rio Branco,

no Acre, na segunda década do século XX, fundada por um índio *xamã* da região, Raimundo Irineu Serra (MacRAE, 1994). A seita estendeu-se a outras cidades da Amazônia ocidental e, hoje, tem sede em várias capitais brasileiras. Conforme o autor citado, o uso cultural da bebida pela população mestiça vem preservando um significado mitológico sagrado.

Os estudos sobre o Santo Daime têm enfatizado o caráter sociointegrador dessa prática religiosa, inicialmente observado entre a população mais pobre de importantes áreas urbanas do Acre. Mas, hoje, percebe-se a relevância da seita como espaço simbólico de integração cultural, absorvendo pessoas das diversas camadas sociais. Além do Santo Daime, outras seitas utilizam o chá *ayahuasca* em seus cultos. Contudo, conforme MacRAE (op. cit.), todas elas têm em comum o sincretismo que mescla elementos indígenas, negros, católicos e espíritas. Nos rituais místicos sagrados, os adeptos buscam também cura para suas doenças físicas e crises espirituais. O uso do chá possui, assim, o que Lévi-Strauss denominou de “eficácia simbólica”, uma vez que a “cura” independe dos efeitos químicos da substância alucinógena, mas está ligada ao significado simbólico sagrado a ela atribuído pelos usuários.

Nesse espaço ritualístico místico religioso específico, não são necessários esforços para que os adeptos da seita, usuários do chá, sigam as normas de uso e de comportamento estabelecidas e, portanto, não desenvolvam um uso prejudicial. O consumo do alucinógeno ocorre num cenário coletivo, referenciado

pelo sagrado herdado da tradição, socialmente controlado, diferenciando-se completamente do uso corrente de droga na sociedade.

Adaptado aos tempos modernos, o uso ritualesco da *ayahuasca* num espaço religioso definido, de comunicação com forças espirituais, certamente guarda algumas semelhanças com os rituais do *yajé* praticados pelos índios da região amazônica. O surgimento e a expansão do culto são demonstrativos do poder de contramarcha de outras visões de mundo que afrontam e põem em cheque a força da lógica moderna de organização social, com sua forma intensificada de competição. De acordo com MacRae (1994), o Santo Daime tem sido, inclusive, alternativa para os que procuram fugir dessa lógica e da dependência de drogas. O Santo Daime e outras seitas do gênero representam a força da tradição que submerge na cultura predominante da contemporaneidade, realçando seus valores que esta mesma sociedade tentou submergir.

Da mesma forma, as crenças e as manifestações religiosas, de origem africana, tão densamente plantadas e espalhadas pelo Brasil, são expressão da capacidade de sobrevida e de readaptação das heranças culturais aos diferentes tempos e contextos. Os cultos afro-brasileiros mantêm elementos sagrados que os identificam, muito embora assumam diferentes denominações e características rituais específicas nas diversas regiões do país e até em

diferentes localidades, conforme seus espaços de surgimento: a umbanda, no Rio de Janeiro; o candomblé, em Salvador; o juremismo e o xangô, em Recife.

As pesquisas sobre os cultos religiosos afro-brasileiros têm destacado o consumo da maconha nos rituais de transe espiritual até as primeiras décadas do século XX. Esses estudos são unânimes na afirmação da origem africana da planta da maconha, a *canabis sativa*, consumida, misturada a outras plantas, em forma de bebida, no ritual da jurema, ou em forma de cigarro em outros rituais (ALVES, 1998). Contudo, com a intensificação da repressão aos cultos de origem africana e também ao uso de substâncias tóxicas entorpecentes, consideradas ilícitas no país, os rituais das religiões afro-brasileiras parecem ter substituído o uso da maconha pelo das bebidas alcoólicas. Não obstante a repressão, esses cultos se expandiram e se fortaleceram, demonstrando o poder de resistência das culturas tradicionais e sua capacidade de adequação a novos imperativos sociais, mesmo aquelas transplantadas de outros espaços.

A maconha, trazida para o Brasil pelos escravos, mesmo após ter sido excluída dos rituais místicos religiosos, difundiu-se largamente em outros espaços rituais de consumo sociointegrador. Assim, o uso da droga tornou-se comum nas festividades e ocasiões de diversão em diversas comunidades rurais e suburbanas. Os índios Tenetehara, no Maranhão, costumam consumir a maconha nos encontros

noturnos, quando recitam as loas para fumar a diamba, modo de consumo tradicional da cultura negra da região. Nestes encontros, discutem-se questões do cotidiano da comunidade, fazem-se discurso políticos, e os mais velhos contam os mitos da tribo. Conforme Henman (1994), os Tenetehara consomem regularmente a maconha também para adquirir força e disposição para o trabalho. Não obstante a proibição legal do consumo, o uso dito recreativo da maconha hoje se encontra difundido pelos centros urbanos do país, não somente entre os jovens das camadas mais pobres da população, mas também entre os de classe média.

Nas sociedades antigas do Oriente, substâncias psicoativas, como o ópio na China, a maconha na Ásia e na África e outros alucinógenos eram (e continuam sendo em algumas comunidades) veneradas pelos poderes terapêuticos e sagrados. Mas, devido ao amplo sistema internacional de repressão às drogas originárias de países subdesenvolvidos, no Ocidente, as práticas religiosas vindas do mundo oriental são obrigadas a excluir as drogas dos rituais, mantendo outros elementos simbólicos que permitem elevar a imaginação no transe ou na comunicação com o sagrado.

As bebidas alcoólicas são consideradas a droga mais antiga da história da humanidade. O uso do álcool remonta há cerca de 30.000 anos a.C. (BUCHER, 1991). A cerveja e o vinho foram as primeiras bebidas alcoólicas produzidas no Oriente e na Europa. Além dos valores, historicamente,

religioso e terapêutico, a droga também adquiriu relevância alimentar, tornando-se importante componente das refeições. Devido ao poder de fomentar euforia e alegria, as bebidas tornaram-se indispensáveis nas festividades comemorativas e religiosas de diversas culturas, desde os tempos mais antigos aos atuais.

As bebidas alcoólicas foram amplamente consumidas nas cerimônias religiosas e festivas, como fonte de prazer desde 3.000 anos a.C. no Egito e há 1.000 a.C. na Grécia. No hino egípcio ao Deus Sol, transformado em Salmo bíblico, no qual o poema contempla a natureza, o universo e todas as criaturas, o vinho é venerado como presente da divindade, para alegrar o coração dos homens.

As funções do álcool, suas formas de uso, sua importância cultural têm variado em cada contexto, em cada época, conforme as condições de existência e os imperativos socioculturais prevalentes em cada sociedade. Os povos indígenas também desenvolveram técnicas de fabricação de bebidas alcoólicas. Na América Latina, os Maia são considerados os principais produtores de bebidas de teor alcoólico. No Brasil, o kaûi preparado pelos índios da tribo Tupi, era uma bebida à base de mandioca, milho e suco de frutas bastante apreciadas. Contudo, seu consumo era restrito aos momentos de rituais mítico-sagrados. Ainda hoje, em diversas manifestações religiosas, a exemplo dos cultos afro-

brasileiros, as bebidas alcoólicas, bem como o tabaco, ainda são utilizados nos rituais.

Com as transformações sociais e culturais, as bebidas alcoólicas mantiveram seu uso religioso, ritualesco e terapêutico, mas adquiriram outras propriedades e funções que vêm se tornando predominantes nos dias atuais. Além do caráter de mercadoria que, há séculos, a droga assumiu, assim como as demais drogas disponíveis no contexto contemporâneo, hoje, elas são especialmente utilizadas, em espaços individuais e coletivos, incrementadas à diversão, para auxiliar o indivíduo a seguir a lógica de viver que a ele se impõe. A relação histórica do homem com o álcool, no atual contexto, toma novas configurações.

Contudo, não obstante a força da modernidade, sobrepujando as demais visões de mundo e estilos de vida, as metamorfoses e as sobrevidas das culturas sempre existiram. São um fenômeno antigo, inerente à dinâmica das sociedades. Suas manifestações, na atualidade, em nada significam ameaça à ordem estabelecida, podendo mesmo atuar como elemento de reordenação. O trabalho de MacRae (1994.), a exemplo de vários outros estudos antropológicos, ressalta, exatamente, a importância da função sociocultural integradora dos cultos do Santo Daime, assim como das seitas afro-brasileiras no país.

Assim, em muitos contextos integrados ao desenvolvimento, as práticas rituais das culturas nativas e de outras transplantadas sobrevivem pela força da tradição.

Nesses espaços, a droga ainda mantém seu importante papel, como elemento simbólico de mediação com o sagrado dos tempos remotos, muito embora esses espaços nem sempre se configurem como rituais religiosos, como ocorria com os índios Piaroa. Neles, em geral, são evocadas forças ocultas, sobrenaturais, que amparam os indivíduos desses contextos em suas dificuldades. A importância da folha da coca para os povos andinos é outro exemplo de força de uma cultura indígena milenar em que a planta exerce imprescindíveis funções terapêutica, sociointegradora e mitológica, sendo também utilizada em rituais religiosos. Mas, o poder milagroso da coca de fornecer energia ao homem para trabalhar e resistir às adversidades das condições ambientais numa região de elevada altitude, também contribui para a sacralização da planta naquele contexto social.

No itinerário do diálogo da modernidade com a tradição, as civilizações modernas certamente podem encontrar respostas para suas imprecisões e meios de controle e de conversão de suas desordens. Em suas excursões e incursões antropológicas, Lévi-Strauss (1996, p.235) já se convencia do grau de excepcionalidade e de requinte, no plano sociológico e religioso, de tribos brasileiras de nível de vida material relativamente baixo, outrora considerada de “cultura rude”. A tradição apresenta-se, assim, conforme lembra Balandier (1997b), como um guia necessário à exploração e à construção do presente. Certamente, a sociedade moderna, ao estabelecer

contato com os saberes tradicionais, com as forças ocultas e enigmáticas fundadoras e controladoras do cosmo, concebidas por esses saberes, poderá descobrir importantes mapas da humanidade e, talvez, suas raízes sociais, seu sentido original de existência coletiva e individual. Reprimir, confinar ou tentar eliminar as experiências de sobrevivência das culturas é deixar de recuperar parte da história humana e impedir que antigas práticas culturais se expressem como fator de reorganização social.

Assim, o propósito deste capítulo foi buscar referências sobre o consumo de drogas em outros contextos sociais orientados por outras visões de mundo, organizados por outras lógicas diferentes das racionalidades modernas. Pôde-se, então, perceber a importância das substâncias alucinógenas, nas sociedades indígenas e tradicionais, como elemento simbólico de mediação com o sagrado constitutivo do sentido de existir naqueles espaços sociais. Viu-se, também, que, em nenhum daqueles contextos, as modalidades ritualizadas de uso de droga se configuraram como dependência, sendo esta uma forma de consumo específica da modernidade. No capítulo seguinte, o estudo dedica-se a analisar a relação entre o consumo intensificado de drogas e o estilo de vida orientado pelos ideais competitivos, os riscos, as incertezas e outros traços marcantes da contemporaneidade.

CAPÍTULO 3

DROGA, RISCO E ENCANTAMENTO: A INCURSÃO DO JOVEM NO MUNDO ESPETACULAR

Este capítulo trata do período inicial do uso intensivo de droga, por usuários que se tornaram dependentes. Embora o fascínio pela substância permaneça nos indivíduos por todo percurso do uso, esta é a fase identificada no estudo como a da prevalência do encantamento. Através de relatos de dois entrevistados da pesquisa, Alexandre e Mauro, a análise centra-se nas exigências impostas aos jovens por seus contextos sociais que facilitaram os primeiros passos na incursão da dependência. Procura, assim, analisar como o estilo de vida, fundado nos ideais competitivos da contemporaneidade e na exposição aos riscos e às incertezas, favorece a emergência dessa forma de uso de droga, específica da modernidade.

No estudo, a noção de encantamento refere-se aos imperativos socioculturais que motivam a recorrência ao consumo intensificado da droga. Este encantamento pode ocorrer em momento bem posterior à fase preliminar de consumo das substâncias. Entre os dezoito participantes da pesquisa, pelo menos cinco só intensificaram o uso do álcool após os trinta anos; um outro entrevistado iniciou o consumo de

cocaína já de forma regular e excessiva aos 35 anos. Contudo, para muitos indivíduos que se tornam dependentes, o fascínio pelas substâncias psicoativas começa desde a adolescência. Os outros doze participantes dessa pesquisa ingressaram na toxicomania ainda nos primeiros anos da juventude.

Nessa fase inicial do consumo, e em momentos posteriores, a relação de encantamento do usuário com a droga deve-se ao fato de a substância auxiliá-lo na perseguição de sucesso, de destaque e de outros referenciais que lhe conferem valorização e status de competência na vida. Mas, nesta sociedade do espetáculo e de cultura narcisista, onde só há lugar para o vencedor, a droga é fascinante também por aliviar as angústias das perdas, dos fracassos e das tensões decorrentes do enfrentamento aos riscos e da perseguição àqueles referenciais.

É certo que a emergência da toxicomania envolve uma combinação de fatores orgânicos, farmacológicos, psicológicos e socioculturais, que interagem num conjunto complexo de motivações para o uso intensificado das substâncias. Esta combinação inclui também as histórias particulares de construção da subjetividade dos sujeitos. Cada um daqueles fatores envolve ainda outra diversidade de variáveis que se interconectam, positiva ou negativamente, na composição do fenômeno. Mas, sem dúvida, os imperativos de ordem externa, próprios dos contextos sociais dos indivíduos, apresentam-se como aspectos fundamentais na configuração da dependência

de droga, hoje, como sintoma social. Entre estes imperativos, este estudo se centra nos ideais competitivos, nos riscos e nas incertezas da atualidade, cuja pressão sobre os indivíduos favorece a emergência da modalidade de uso de droga identificada como dependência.

É verdade que nem todos os indivíduos fortemente submetidos aos imperativos da nova ordem, convivendo no mesmo espaço sociocultural, desenvolvem dependência de droga. Devido aos fatores acima referidos, outros fenômenos podem ocorrer, outros mecanismos de defesa, outras desordens emocionais, outras compulsões. Da mesma forma, o surgimento e a duração do fascínio pela substância variam entre os indivíduos. Alguns começam mais tarde, mas, em poucos anos, se desencantam e tentam parar. Outros permanecem fascinados por toda vida ou durante anos de uso.

Na verdade, o que irá distinguir o encanto do desencanto são os resultados que os indivíduos podem obter, em termos de satisfação ou insatisfação às suas expectativas na vida. De qualquer forma, o encanto é a condição necessária para que o usuário permaneça recorrendo ao uso da droga. Na fase inicial, é justamente essa necessidade de recorrência ao uso que poderá incidir na dependência. Uma vez estabelecido esse vínculo com a substância, dificilmente ele será cortado, a menos que ocorra a substituição da droga por outro elemento, igualmente eficaz na mediação da relação do indivíduo com o mundo. Em geral, os tratamentos tentam oferecer

essa alternativa, sejam eles terapêuticos, clínicos, leigos ou religiosos.

Assim, nos relatos dos entrevistados, observa-se que o estado de euforia e o fascínio pelas substâncias não emergem, exclusivamente, do prazer produzido pelo efeito químico da droga no cérebro. Afloram, sobretudo, devido ao bem-estar que os usuários experimentam ao enfrentar dificuldades ou vivenciar situações agradáveis, auxiliados pelas substâncias. Nesse sentido, o consumo intensificado da droga atende ao que Birman (1999) chama de necessidade de “evitamento do sofrimento psíquico”, causado pelo desamparo social, fruto do mal-estar da atualidade.

Nas histórias dos sujeitos da pesquisa, o impacto da contemporaneidade direcionando suas trajetórias de consumo de droga aparece, para a maioria deles, desde a adolescência, ainda na fase de preparação para sua entrada ativa na vida social. Alguns relatos trazem com evidência a força dos imperativos externos, inerentes ao contexto dos indivíduos, sobre sua interioridade. A droga surge, nesse momento, como elemento mediador da relação do sujeito com o mundo, auxiliando-o em sua tentativa de responder às suas próprias expectativas e às dos outros, com relação ao seu comportamento e ao seu desempenho. A intensidade da recorrência ao uso, a procura de novas substâncias, a exposição ao risco, de certa forma, evidenciam a pressão daqueles imperativos sobre os atores sociais e a necessidade desses sujeitos de alívio para seu sofrimento emocional.

Um dos entrevistados, Alexandre, um rapaz de 27 anos, residente na cidade de Salvador, na ocasião da pesquisa encontrava-se há poucos dias no RAID, tentando parar o consumo de cocaína. Com o apoio dos pais e de familiares, há três anos ele vinha buscando diversas formas de tratamento para conter a dependência. Procurou várias religiões (Igreja Universal, Candomblé, Santo Daime). Conheceu os Narcóticos Anônimos. Desde então, também participava dos serviços do Centro de Atendimento, Estudos e Terapia de Abuso de Droga – CETAD, em Salvador, onde frequentava sessões terapêuticas de psicanálise. Alexandre afirmou ser esse o tratamento que ele melhor se adaptou, contudo, nesse período, ocorreram algumas interrupções na terapia. Nos cortes, ele sempre acabava retornando ao uso intensificado da droga e precisando de internamento para se desintoxicar e retomar a recuperação. Passou por quatro internações: duas em Salvador e duas em Recife. Essa era a segunda vez que, por vontade própria, “hospedava-se” no RAID.

Alexandre começou seu consumo de droga pelo álcool, aos catorze anos. Apesar de seu ótimo desempenho nos estudos e nas atividades esportivas, diz que iniciou o uso de bebidas alcoólicas na escola para se mostrar superior aos colegas, pois, para ele, “não era mais suficiente ser líder no basquete, ser líder no futebol, no colégio” e se sentia inferior aos amigos por não beber. Antes, dos dez aos catorze anos, tinha aversão a bebidas, devido à influência de um tio,

admirador de automóveis e que não gostava de beber. Esse tio era sua principal companhia na época. Alexandre diz que bebia nos intervalos das aulas e voltava para a sala de aula sob o efeito do álcool. Mas apesar desse consumo inicial já se apresentar excessivo, não desenvolveu alcoolismo. Em seguida, após o primeiro ano de uso de bebidas alcoólicas, experimentou maconha e diz que foi a mesma sensação de busca de se sentir superior aos colegas que o fez continuar o consumo, e não o efeito químico da droga, nem a curiosidade.

(...) Na primeira vez que eu fiz uso da maconha, no dia seguinte eu já olhava para os meus colegas como se fossem inferiores a mim, caras caretas, otários não usam maconha, 'eu boto pra lenhar'. (...) Não senti nada da primeira vez, mas acho que, psicologicamente, já me tornei dependente. Eu acho que o sabor maior foi ter vivenciado aquilo e ter mudado, foi ter mudado de opinião sobre aquilo, ou seja, aquilo foi uma autoafirmação muito grande para o meu ego. (...) Essa coisa de eu querer me destacar era muito maior do que a própria curiosidade de fazer essas experiências (Alexandre).

Além do álcool e da maconha, antes de consumir cocaína, Alexandre usou outros tipos de droga: inalantes, cogumelos. Mas, segundo ele, cada novidade era um desafio e uma forma de se destacar. Simultaneamente à intensificação do uso de maconha, começou a diminuir o rendimento escolar. Vieram as recuperações de notas, as reprovações, mas, naquele momento, para ele, tais fatos não representavam perdas. A

sensação de superioridade pela via do consumo das drogas mantinha-o como vencedor, numa vida de novos obstáculos a serem ultrapassados e de novas realizações.

(...) Em 1988, eu entrei em recuperação em Matemática, a matéria que eu mais gostava, porque eu acho que era como se eu tivesse pegando os valores e jogando para baixo. (...) Porque a minha cabeça estava voltada para outras coisas, deixou de ser prioridade totalmente. (...) No ano seguinte, eu perdi o ano, repeti a série e reprovei novamente. (...) Meu uso de maconha começou a se intensificar. (...) Porque eu não queria enxergar minha destruição e, literalmente, eu acho que se Jesus Cristo, Deus, o Papa aparecessem na minha frente dizendo: - Alexandre, a maconha está prejudicando você, eu ia dizer: tá bom velho, se manda, vai embora, eu não quero nem saber. Eu botava culpa em tudo pelos acontecimentos. Eu estar perdendo o ano, eu estar tendo problema dentro da família, tudo tinha culpa, menos a maconha. No caso, a maconha era minha droga de opção (Alexandre).

(...) Eu, de certa forma, fui criado pelos meus pais como sendo muito capaz, uma inteligência muito grande, enquanto meu irmão tinha dificuldade de aprendizagem, capacidade de raciocínio mais lenta do que a minha; acho que isso, de certa forma, veio como uma coisa negativa na minha vida. Na minha infância, nunca tive dificuldade; pelo contrário, sempre tive excelentes notas. Eu sempre fui destaque, além dos estudos, fui também nos esportes. Eu sempre joguei futebol, treinei basquete durante vários

anos, já fui seleção baiana, já disputei campeonato brasileiro de basquete. De tudo, eu participava no esporte, me destacava mais no basquete. (...) É como se eu precisasse estar sempre mostrando meus requisitos de competência nos estudos, nos esportes para eu me autoafirmar perante as pessoas com quem eu me relacionava. Eu percebo isso bem mais tarde. Claro que tem muita coisa a ver ao nível de capacidade de iniciativa, de espírito de liderança. Mas, nunca usei isso, essa capacidade para construir a minha vida e sim para mascarar o que não queria ver (Alexandre).

A história de Alexandre evidencia sua imersão num contexto social e familiar que, desde sua infância, já o dirigia à busca dos principais ideais, da atualidade, de realização na vida: o destaque e a audiência. Seus atributos de inteligência, de liderança eram as credenciais. Suas respostas em termos de excelente desempenho nos estudos e nos esportes pareciam atender às expectativas de seu círculo familiar e de convivência. Mas, na adolescência, seus colegas e amigos de sua faixa etária, que também compunham seu universo social, formavam uma nova plateia de espectadores e admiradores de sua cena de brilho e de evidência. No momento, esse público, para o qual Alexandre especialmente encenava, parecia exigir dele nova performance, na qual poderia, sem o maior esforço, sentir-se e aparecer como “o melhor”. A toxicomania apresentava-se como um fascinante veículo ao espetáculo e à demonstração da destreza, requisitada ao jovem na passagem

da adolescência. Mas, além disso, o consumo de substâncias psicoativas oferecia outros meios de satisfação na vida, procurados por Alexandre.

Ainda na adolescência, mesmo antes da entrada efetiva para o mundo do trabalho, Alexandre já estava fortemente exposto a uma carga de pressão e de ansiedade próprias da atual lógica competitiva, que o lançava à busca de estratégias de defesa do sofrimento emocional, decorrente do desamparo social. A diversão, o consumo intensificado de droga e o afrontamento ao risco que essa forma de uso representa, surgem para jovens imersos em estilos de vida semelhantes ao de Alexandre como uma dessas estratégias. Tais mecanismos de defesa são acionados pelos adolescentes de maneira semelhante às estratégias adotadas pelos trabalhadores para alívio do sofrimento mental no trabalho (DEJOURS 1992, 1999).

Portanto, logo cedo, os indivíduos - uns mais, outros menos - já são “treinados” pelas instâncias de educação, pela família, pela escola e por outros espaços de socialização, para acompanharem o ritmo do desenvolvimento estabelecido pela sociedade. Sobressair-se frente aos demais, passar à diante do outro é a regra básica e “natural” da corrida, que já inicia entre os mais próximos. Além de “se destacar” frente ao irmão, Alexandre percebe que sua busca de se sentir superior o levou a competir também com seu pai, o qual “tinha uma inteligência semelhante à sua”. Mas, para ele, “essa forte

competição era de certa forma saudável”. Apesar de a terapia o ajudar a reconhecer suas dificuldades na vida, devido a sua obsessão pelo “destaque”, em sua fala aparece a ambiguidade. O aspecto “positivo” da competição, inquestionável nessa sociedade, permanece nele arraigado.

De acordo com a lógica que, na atualidade, ordena nossa organização social, o principal meio de estímulo para o desempenho ilimitado que promove o desenvolvimento é o incentivo à busca da autoexaltação e da evidência pelo acirramento da competição entre os atores sociais. A expectativa dos pais de Alexandre quanto ao seu excelente desempenho nas atividades escolares, as comparações entre os irmãos, o estímulo à busca de sucesso e de destaque enquadram-se nessa lógica. Mas, tais exigências a que, desde muito cedo, ele procurava responder, constituíam fortes componentes de seu estado de ansiedade, cujo sofrimento emocional a droga é solicitada a aplacar.

Alexandre também reconhece que foi criado com muito carinho dos pais, sobretudo da mãe. Mas, admite que sua educação continha excesso de proteção. Ele e o irmão, até a adolescência, foram “afastados dos problemas, das dificuldades, da realidade mais dura”. Ao mesmo tempo, revelando a incoerência e a fragilidade do estilo moderno de criação dos filhos, Alexandre sentia-se “superdestacado”, “supervalorizado” frente ao irmão e aos amigos. Ele insiste em enfatizar a pressão de seus pais com relação ao seu

desempenho, além de suas possibilidades. Todavia, as expectativas de seus familiares não deixam de ser também as suas e as dos demais.

Essa “competência” e essa “superioridade” parecem ser o alvo da perseguição de Alexandre na vida, marcando toda sua trajetória de consumo de droga. Através do uso das substâncias e de outros mecanismos de fuga da realidade, tais como a diversão e a exposição ao risco, ele também tenta esconder de si e dos outros que não possui aqueles requisitos, numa luta que, como ele mesmo percebe, o arrasta para a autodestruição.

Conforme Le Breton (2000), essa busca do jovem de afrontamento ao risco de diversas formas, inclusive pela toxicomania, é uma expressão de sua necessidade de demonstrar capacidade na vida e de encontrar sentido de existir. Mas, essa procura também é sintomática de uma insegurança e de um desamparo social que afetam o jovem, na atualidade, ainda nos seus primeiros passos para a entrada na vida adulta. O ritmo das mudanças, as incoerências dos valores e as demais contradições da atual lógica competitiva tornam os familiares e outros interlocutores sociais incapazes de oferecer o apoio de que o adolescente necessita nesse período crítico de transição. Sua condição de abandono intensifica-se. Os amigos, a turma, que vivem os mesmos dramas da falta de preparação e de apoio à juventude, tornam-se as principais referências de autoafirmação do jovem e mediadores de sua

procura de amparo emocional. A fala de Alexandre expressa essa situação:

(...) A primeira vez, foi com o pessoal na Ilha onde eu sempre veraneei. (...) Não senti nada da primeira vez. (...) Eu sei que, depois de uns dois ou três meses, eu não estou lembrado exatamente, eu voltei a fazer uso e, dessa vez, eu senti o efeito da maconha e fiquei quase que desesperado; pensei que ia ficar louco. 'Meu Deus do céu o que está acontecendo?'. (...) Eu sei que, até um determinado momento, era a melhor sensação que eu tive na vida. E, por mais que no meio da droga não exista amizade, as pessoas com quem eu comecei a usar maconha eu conheci na minha infância; então, eu tinha uma segurança maior e, antes de eu vivenciar todas as tragédias desse meio, era como se, para mim, eles fossem meus amigos verdadeiros, amigos em que eu depositava confiança. Ali, eles iam 'segurar minha onda' e, se eu precisasse de alguma coisa, eles iam me ajudar. Existia essa ajuda deles; eu fui criado desta forma (Alexandre).

(...) A cocaína eu já tinha conhecido antes, sendo que não tinha sentido efeito. A primeira vez em que eu usei cocaína foi um choque muito grande, porque eu fui para o cemitério; chegou numa capela lá, com as velas acesas, em frente a um espelho como se fosse uma cena de filme. Parecia um submundo. Fiquei chocado realmente. Eu usei e não sentia absolutamente nada, mas acho que, pelo meu temperamento, a cocaína passou a ser a droga de escolha para mim, e eu fazia uso esporádico. Depois virou uma coisa mais constante, sendo que eu consegui conciliar

isso ainda com o social e sempre em turma, dificilmente em casa sozinho (Alexandre).

Nas sociedades modernas ocidentais, assim como em várias outras culturas, é nos ritos de passagem da adolescência que, em geral, o indivíduo tem seus primeiros contatos com a droga. A adolescência, em seu aspecto sociocultural, caracteriza-se enquanto momento de passagem, de rompimento com a vida infantil. Como fala Le Breton (2000), a adolescência é o período de abertura aos outros e ao mundo, de exploração do meio, de procura de possibilidades, de “uma busca íntima e intensa de sentido e de valor”. É o momento em que deveria se realizar a simbolização do fato de existir, do gosto de viver com a entrada ativa na sociedade.

Contudo, se nessa fase importante da vida, o adolescente mergulha sozinho no mundo de confusões e incertezas, se ele não encontra nas estruturas sociais e culturais que o cercam interlocutores e apoio adequado para ultrapassar tal período, a fase natural de crise estende-se. Hoje, como lembra Le Breton (op. cit.), ela vem se transformando em crise da juventude. Os sentimentos de confiança e de segurança, que deveriam emergir dessa passagem, dão lugar à confusão, à indeterminação. O jovem fica interiormente impossibilitado de se orientar frente às escolhas que poderiam cristalizar, sem equívoco, o sentimento de “identidade”. “A entrada na vida parece então semeada de armadilhas” (LE BRETON, op. cit. p. 95).

Assim, desde os primeiros contatos com a droga, pode iniciar-se o fascínio do jovem pelas substâncias psicoativas que auxiliam na alteração do estado mental. A partir desse período de entrada ativa na vida social, o indivíduo exposto, desde a infância, ao desamparo pode encontrar, no uso intensificado de drogas, um poderoso suporte para tomar suas decisões, enfrentar seus medos, suas dificuldades.

A droga entra, então, na vida de Alexandre com significado específico. Desde o início do consumo, ela apresenta-se como atenuante do sofrimento psíquico, mascarando a "autodestruição", ou as perdas, que ele se recusava enxergar para manter a posição de vencedor, esperada por si próprio e pelos demais. Todavia, no seu caso, a droga atua também como excelente mediadora de sentimentos de competência, da busca de exaltação do eu, padrões de conduta exigidos por esta sociedade, uma vez que, esses padrões, mesmo quando são alcançados, são sempre provisórios. A pouca duração dos fatos, a instabilidade e a forte concorrência entre os atores sociais acirram a luta, maximizam os resultados, mas também desencorajam e até inviabilizam em muitos sujeitos a permanência na corrida, sem mecanismos de estímulo e de alívio emocional, a exemplo da droga.

A substância é, então, convocada a aplacar o sofrimento psíquico do sujeito, resultante de sua procura obstinada por admiração e por destaque, requisitos de felicidade, exigidos por essa sociedade narcisista. Essa busca exaustiva e inatingível

afeta a interioridade do indivíduo, apresentando-se como um sintoma do desamparo social (LASCH 1983, BIRMAN, 1999). Ela cria e aprofunda a dor emocional devido à incapacidade do sujeito de lidar com a não efetivação do desejo, bem como com a angústia que aflora de sua impossibilidade de atender as suas expectativas e as dos outros com relação ao seu desempenho. Conforme Alexandre, a compulsão pela droga está diretamente relacionada a essas necessidades emocionais:

(...) Afissura, eu acho que é uma consequência. Ela aparece sempre como uma consequência, (...) eu creio que eu exijo muito de mim, (...) tento satisfazer o meu ego perante as pessoas, ou seja, sou repreendido talvez por atitudes incorretas ou, então, não fiz aquilo bem-feito; eu tenho perfeccionismo muito grande e, aí, as exigências que meus pais fazem para mim. Eu me sinto muito cobrado e, na realidade, como não consigo ser um super-homem que muitas vezes eu quero que eles acreditem que eu seja e não sou, eu vou para o mundo irreal, sabe, aquele da fantasia mesmo e, lá, eu consigo tudo que eu quero; lá, eu consigo passar para os outros essa coisa de super-homem que é uma fantasia. (...) Essa euforia com o álcool, o cara sente-se maior em tudo; com a cocaína mais anda, se chama a droga da onipotência; aí, eu posso tudo, eu planejo tudo, eu sou esclarecido, (...) aí, eu consigo me realizar, sabe, e me destruir (Alexandre).

○ uso intensivo de maconha, anos depois o de cocaína, e o comportamento perigoso pareciam oferecer a Alexandre

tudo aquilo que a vida de perseguição do destaque e de autoafirmação, de ultrapassagem pelo esporte, pelo excelente desempenho escolar prometia lhe proporcionar. Na verdade, no estilo de vida de consumo de drogas, ele vivia as mesmas tensões e a mesmas pressões competitivas para atingir o inatingível e a mesma busca de competência e de exaltação do eu. Mas, pela via do consumo de droga, a sensação de superioridade é mais facilmente atingida, e o sofrimento, decorrente do sentimento de fracasso, é também rapidamente anestesiado.

O uso de droga tornou-se, então, para Alexandre o principal meio de busca de satisfação na vida. No confronto com as exigências a ele impostas por seu contexto, sua crise de passagem da adolescência para a vida adulta parece, de fato, se prolongar. Na incursão precoce no uso intensivo de droga, ele inicia uma nova trajetória de procura de autorrealização, mas abandona outra: a via dos esportes, dos estudos, da formação de uma carreira profissional. Conseguiu ingressar na Faculdade de Economia, mas, há seis anos, acabou deixando o curso para trás. Preparado para ser vencedor e para estar em evidência, Alexandre, naturalmente, sente-se desmotivado a retomar o curso interrompido, uma vez que, na corrida, se distanciara das primeiras colocações. Então, opta pela vida de diversão e de consumo das substâncias. Entrega-se ao encantamento e à fuga da realidade, elaborando outras

“realidades” onde pode exercer a glória, a superioridade e a exaltação do eu.

Esse outro trajeto, pelo consumo intensificado da droga, também produz e reforça os ideais competitivos e se torna fascinante para indivíduos expostos à forte carga de pressão social, por facilitar sua relação com o mundo, fornecendo-lhes a sensação de vencedor. Para alguns sujeitos de determinadas profissões, durante certo período do consumo, a droga pode até facilitar seu sucesso profissional. Contudo, à medida que avança a dependência, o indivíduo depara-se com fracassos e frustrações, distanciando-se das possibilidades da “vitória”. Constitui-se, assim, o círculo da dependência: a angústia do insucesso e o desalento das perdas aprofundam sua condição de desamparo e intensificam sua busca de alívio do sofrimento emocional, através da recorrência ao consumo da droga. No caso de Alexandre, entretanto, ele já ingressa no mercado de trabalho em fase acentuada da dependência de cocaína, não conseguindo mais conciliar seu bom desempenho nas atividades profissionais com seu estilo de uso intensificado da droga.

Aos vinte anos, Alexandre já estava usando regularmente cocaína, mas, até então, considerava social sua forma de consumo. Passava os finais de semana consumindo a droga juntamente com a namorada. Quase sempre, ela mesma comprava o pó. Após três anos de relacionamento, surgiu a gravidez do primeiro filho e, com o apoio financeiro

dos familiares, eles decidiram casar. A partir da gestação, a companheira de Alexandre para o consumo de cocaína. Com isto, ele afasta-se da esposa e, ao contrário dela, intensifica o uso da droga, passando a ter “problemas de comportamento”.

Na verdade, a situação apresenta-se para Alexandre como mais um período de passagem e de crise. Ele depara-se com novas exigências, em forma de responsabilidades a cumprir: casamento, filho, necessidade de ter emprego. Por outro lado, não conta mais com a cumplicidade da companheira, para continuar consumindo a droga. A crise de Alexandre poderia conduzi-lo para um recomeço sem o uso da substância, mas, por toda sua história anterior, ele não consegue dar o passo nessa direção. Vai ao encontro de novos parceiros de consumo da cocaína, do apoio emocional da droga, intensificando mais ainda o uso. Conforme sua expressão, a esposa “passa de aliada a inimiga” e durante toda gravidez dela, Alexandre fica mais fora de casa, consumindo cocaína com amigos, frequentando motéis com prostitutas, em ambiente e clima que o mantinha “fora da realidade mais dura”. Como não trabalhava, pegava dinheiro e objetos de casa para pagar as despesas com a droga e com outros gastos da vida de diversão. Com a mesma finalidade, também arquitetava mentiras, simulava assaltos, sequestros, para obter dinheiro de seus familiares.

Pouco antes do nascimento do filho, Alexandre dá sinais de exaustão e procura tratamento. Tem uma primeira parada do uso de cocaína, mas, apenas com a terapia, não

consegue preencher, imediatamente, seu vazio interior e outras necessidades psíquicas, aprofundadas pela dependência da droga. Passou ao uso continuado de antidepressivos e também intensificou o consumo de maconha. Nesse intervalo, conseguiu um emprego numa importante empresa nacional, como representante de vendas. Não possuía experiência no ramo, mas sua boa aparência e sua desenvoltura no diálogo favoreceram a admissão. Todavia, em poucos meses, Alexandre reiniciou o consumo intensivo de cocaína, voltando a realizar gastos exorbitantes e a se expor aos riscos inerentes ao seu estilo de vida no uso da droga. Enfrentou batidas policiais na “boca”, ponto de venda do produto; presenciou e socorreu companheiro de consumo, em ataque epilético, devido ao uso da substância; passou a faltar dias seguidos de trabalho, até perder o emprego, usando continuamente a droga. Mas, esse contexto de tensão e de afrontamento ao risco, resultante de sua forma de uso da substância, acentuava ainda mais sua recorrência ao consumo, aproximando-o do caos. Novamente exausto, Alexandre decide pedir ajuda.

Após três internações seguidas, com curtos intervalos de abstinência da cocaína, Alexandre vive um período de dez meses sem consumir nenhuma droga, sob tratamento psicoterapêutico. Conseguiu novo emprego e “deu muitos resultados positivos à empresa”; “melhorou a qualidade de vida”; apesar de ainda se encontrar bastante “centrado em si mesmo”, passou a dar mais atenção em casa. E, considerando

a desordem em que se encontrava antes do tratamento, afirma ter vivido, nessa fase, os “momentos de mais felicidade”, em sua vida. Sentia-se “superbem”, contudo, devido à exigência do trabalho de viagens durante a semana, precisou interromper a terapia e teve outra “recaída”.

Com a interrupção da abstinência, Alexandre sente-se derrotado. Em sua obsessão pela vitória e pelo destaque, seu maior drama era “voltar para zero”, perder a contagem do tempo de sobriedade, pois, conforme os Narcóticos Anônimos, a cada retorno ao consumo, volta-se ao ponto inicial da recuperação. Então ele “entrou em parafuso” sem saber como iria recuperar aquele tempo. Naturalmente, a insegurança, o temor e a decepção o abatiam naquele momento, levando-o ao desespero e à sensação de fracasso. Mas, para Alexandre, a busca natural de vencer obstáculos na vida, tende a se converter em obstinação pelo sucesso e pela vitória. A tentativa de recuperação também toma o sentido de competição contra si mesmo.

Na verdade, a relação de Alexandre com a droga, desde o início do consumo, sempre significou um desafio. Ele lembra uma passagem de sua vida, durante a fase inicial do uso de maconha, em que seu pai o alertava sobre os perigos das drogas, assemelhando o consumo das substâncias a um poço bastante fundo, de poucos centímetros de diâmetro, escorregadio, em que o indivíduo vai descendo, descendo e quanto mais se aprofunda, mais difícil fica de retornar à

superfície. Alexandre parece aceitar o desafio. Lança-se ao risco da toxicomania, procurando testar sua capacidade de existir, conforme a concepção de Le Breton (2000). Ele tenta provar para si e para os outros que é capaz de vencer e, portanto, digno de viver. Assim, ele expressa sua relação com a droga:

(...) Eu nunca olhei a droga, pelo menos que eu ache, que ela veio para destruir o homem, 'que foi criada pelo demônio', principalmente a cocaína. (...) Eu sempre vi a droga como obstáculo a ser superado. Estou me 'lascando' para superar isso, sabe? Está difícil, é um desafio. Na verdade, é uma mistura da dependência, a dependência da cocaína e a dependência das pessoas, e eu acho que, muitas vezes, essa dependência das pessoas é mais forte do que a dependência de cocaína (Alexandre).

Alexandre voltou a usar a droga, achando que, desta vez, poderia controlar. Ao reiniciar o uso, não tentou parar imediatamente, "queria aproveitar logo", pois a cocaína "sempre lhe deu um prazer muito grande". Sem poder mais moderar o uso, tentou novamente substituí-lo pelo consumo diário da maconha, mas, após dois meses, estava de volta ao uso intensivo da cocaína, retornando ao comportamento de risco e de "desordem" e aos descompromissos com familiares. E diz:

(...) Comecei a tomar atitudes que eu nunca imaginei; quando eu me vi, estava colocando meu pai em risco novamente. Tudo que eu tinha conquistado. (...) Comecei a roubar bolsas na rua, queria me acabar, eu não queria mais voltar à realidade, sabe, queria continuar; comecei a andar com pessoas de nível mais baixo do que o meu, e eu ostentava um poder máximo, aquele patamar, um mundo bem imaginário, onde eu podia tudo, fazia tudo, comprava tudo, era poderoso, não tinha defeitos. E as pessoas até diziam para mim: rapaz, se diverte mais, você não tem defeito. Para você ver a imagem que eu passava para as pessoas (Alexandre).

A droga e Alexandre chegam novamente à exaustão. Não obstante o efeito estimulante da substância, que o ajuda a produzir o sentimento de onipotência, bem como o poder anestésico atenuante das angústias e dos desapontamentos, Alexandre não consegue mais conter a devastadora condição de desamparo. Abandonado e desacreditado pela esposa e pelos demais familiares, é tomado “pela forte sensação de fracasso, de perdas e de solidão”. Tenta mais uma vez pedir ajuda e retomar o tratamento:

(...) A situação foi ficando muito séria; cada vez mais, eu não queria acreditar, nem me dar conta disso e só consumia mais droga. Quando eu parava de usar cocaína, era maconha. (...) Foi quando eu fui ao CETAD, procurando uma porção mágica, uma solução para o meu problema. E meu terapeuta foi bem claro e disse: Alexandre, essa solução

que você está querendo não existe. O que eu posso oferecer são duas sessões por semana. Há também a possibilidade de você voltar para Recife (Alexandre).

Então, no RAID, na ocasião da entrevista, Alexandre encontrava-se diante de outra oportunidade de recomeço. Tentava se desintoxicar, “pôr a cabeça no lugar” e retomar o tratamento psicanalítico, no qual já identificava possíveis pontos de origem de sua relação de dependência com a droga. Percebia que, através do uso intensificado das substâncias, procurava “preencher várias lacunas que [nele] se formaram, bem antes da droga aparecer”. Agora precisava reverter a história. Estava disposto a investir nisto, não tinha saída, mas ainda expressava uma insegurança muito grande. Sabia que “precisava ter paciência”, pois o processo de reconstrução e de autoconhecimento leva tempo. Ele diz:

(...) Eu preciso começar devagar, sem me exigir muito, porque toda vez que eu me exijo muito, eu caio na dependência das pessoas, porque as pessoas sempre cobraram muito de mim. Aí, vem a frustração do perfeccionismo; você anda só olhando para frente, só pensando em crescer, em subir, na hora que desce se acaba (Alexandre).

Para iniciar uma nova trajetória sem a droga, Alexandre reconhece que não pode continuar querendo se sentir um super-homem, como sempre desejou ser. Com a ajuda do tratamento, também percebe que “é cada vez mais difícil

sair desse sistema”. Diz que “sempre foi materialista”, mas, hoje, através do sofrimento da droga, encontrou a terapia e descobriu que “não é só por meio do materialismo que pode crescer e obter felicidade”. Sua prioridade “agora é ser feliz”. Para isso, ele entende que precisa observar como está sua relação com as outras pessoas e consigo mesmo.

Certamente, alcançar a felicidade, tentando seguir a lógica de viver imposta pela sociedade, sempre foi a necessidade mais urgente de Alexandre. E isto ele buscava através do uso intensificado de droga. Entretanto, muito rapidamente, sua história de consumo da substância culminou com o esgotamento de suas forças. Os efeitos estimulantes e anestésicos da droga, que o auxiliavam a tentar atender às “exigências de seu tempo”, também perderam sua ineficácia. Alexandre encontrava-se no limite, mas, seu contexto de convivência continuava impondo urgências que ele se sentia obrigado a responder: Conforme ele expressa: “Vem a questão da exigência; eu preciso trabalhar, porque, senão, eu não vou ter mais chance. Dessa vez, é preciso fazer e, se não der certo, eu joga tudo para cima”.

Na realidade, os imperativos sociais, que possibilitaram a incursão de Alexandre no consumo intensificado de droga e na dependência, são os mesmo que dificultam sua busca de recuperação. Mas, a força desses imperativos está presente, em maior ou menor grau, nas histórias dos demais sujeitos do

estudo, direcionando suas trajetórias de vida e de consumo das substâncias.

Outro entrevistado, Mauro, iniciou o uso de maconha e de bebidas alcoólicas aos catorze anos. Igualmente a Alexandre, ele viveu sua infância e sua adolescência num contexto familiar e social sob intensa carga de pressão quanto ao seu desempenho. Apesar de ter parado o consumo e o tráfico de maconha há cerca de 35 anos e o uso de bebida, há mais de 25 anos, sua história de consumo de droga é bastante atual. Para manter sua recuperação, ele ainda frequenta grupos de Alcoólicos Anônimos e de Narcóticos Anônimos e participa de diversas atividades destinadas à prevenção e ao tratamento da dependência, a exemplo do PAIAD/UFPB. O relato de Mauro sobre sua entrada no uso intensificado de droga, tal como o de Alexandre, é marcado pelo afrontamento ao risco, pela ânsia em obter destaque, mas, também, por frustrações e angústias de nem sempre alcançar a vitória.

Mauro viveu a maior parte de sua vida e quase toda sua trajetória de consumo de droga no Rio de Janeiro, numa época em que essa cidade concentrava efervescentes mudanças econômicas, sociais e políticas do país. Os ritmos e os valores da competição individualista das sociedades ocidentais modernas, cujos fundamentos são o espetáculo e a evidência, já estavam estabelecidos naquele contexto social. Numa família de quatro irmãos, Mauro foi o único que desenvolveu o uso intensificado de maconha e o alcoolismo. Seus pais e seus

parentes consumiam álcool socialmente, alguns até usavam maconha, mas, de maneira ocasional. Contudo, ele fala do alcoolismo de um primo, seu companheiro de consumo do álcool, em sua fase crítica de bebedeira. Apesar da longa caminhada num outro modo de viver que o mantém afastado das drogas, Mauro ainda expressa certo tom de bravura, ao falar de seu ingresso naquele estilo de vida perigosa.

(...) Eu tinha catorze anos de idade quando eu fui preso pela primeira vez, no Largo do Machado, cinco horas da tarde, eu com outro amigo meu, fumando, naquela época, [1955] maconha já e com os papélotes de maconha no bolso. Me levaram para a delegacia e fui gozado porque meu avô chegou lá e disse que filho de general não era maconheiro e me tirou e ainda levou a maconha. (...) Aos dezesseis anos, não para sobreviver, porque eu não precisava daquilo, mas eu gostava de ter meu dinheiro, eu já comprava cigarros na praça Mauá, contrabandeados, com uma pessoa que também mexia com prostituição e vendia aos garotos do colégio. (Mauro).

Paralelamente ao uso da maconha, Mauro também desenvolveu o consumo prejudicial do álcool. Durante o período do Colégio Militar, equivalente ao segundo grau, chegou a ser preso quatro vezes por indisciplina e embriaguez, tendo sido, por esse motivo, devolvido das escolas preparatórias do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Uma das prisões ocorreu por uso de maconha e, nas ocasiões só não foi expulso do colégio devido à influência de seus familiares. Nessa fase,

para Mauro, a toxicomania e outras formas, adotadas por ele, de perseguição ao risco adquiriam também o sentido de transgressão.

Mesmo contextualizada há cinquenta anos, a história de Mauro apresenta um perfil de jovem e um modelo de família da classe média alta perfeitamente enquadrado nos critérios de competência e de busca de sucesso, exigidos na atualidade. Mauro deixa perceber, em seu relato, que sentia uma cobrança, nem sempre expressa, por parte dos familiares de que ele fosse um rapaz bem sucedido. O fato de ele estudar no melhor colégio do Rio de Janeiro; os parentes, os irmãos terem feito carreiras profissionais brilhantes, e ele pertencer a uma importante família daquela localidade, traduzia-se em expectativa dos parentes, dos amigos e dele próprio, quanto ao seu sucesso profissional.

Por outro lado, em virtude das atribulações e preocupações de trabalho dos pais, Mauro ressentia-se da falta de acompanhamento e da pouca atenção que recebeu durante a infância e a adolescência. Esse distanciamento dos responsáveis pela educação de Mauro era reforçado e ao mesmo tempo compensado, para ele, com “excesso de liberdade” e de “proteção”, concedido por seus familiares. Tal atitude, entretanto, agrava ainda mais sua condição de desamparo. A fala de Mauro, de certa forma, expressa a pressão das exigências do seu contexto, com relação ao seu desempenho, bem como sua situação de abandono, diante de sua impossibilidade de responder àquelas expectativas:

(...) Eu fui criado, caçula, menino inteligente, menino bonitinho, coisa e tal, numa fase em que os outros irmãos já eram bem maiores, minha mãe trabalhava demais, médica, meu pai também querendo criar carreira, e eu sendo criado por babá; então, aquela coisa do acompanhamento, de pegar na mão, levar para o quarto, eu não tive esse prazer. Também não estou acusando não, de jeito nenhum, porque pau que nasce torto morre torto, mas você pode botar uma estaca e tentar consertar. Eu acho que liberdade excessiva é desamor, aceitação do que o filho faz é desamor, você, dar dinheiro, dar status, dar tudo para o filho é desamor. Porque no momento os pais, pelo menos isso aconteceu lá em casa, eles não vão sentir a diferença que existe entre o amor e o desamor, porque eles acham que estão na obrigação de dar tudo que você quer, e você tá vivo e tá bonito e vai cobrindo e isso é normal, toda criança faz. (...) Isto é mesmo que uma bala de 45 no peito de uma criança; lá na frente ela vai sentir a dor (Mauro).

(...) Eu venho de uma família muito tradicional, a minha vida foi traçada com um tipo de carreira, era para eu seguir a carreira militar. Meu avô foi marechal, meu pai chegou a general quatro estrelas, dois tios generais quatro estrelas também, todos, todos, a família toda, da parte da minha mãe eram mais médicos. Eu fui criado naquele meio, um garoto, eles me adoravam, meus dois irmãos militares, (...) e o meu sonho era ser militar. Terminei o Colégio Militar e disseram para mim: você não pode ser militar, você tem que fazer jornalismo, você tem que fazer administração de empresas, (...) você não dá,

porque tua tendência é ser alcoólatra, isso o major dizendo, e eu tinha dezessete anos, terminei o Colégio Militar com dezessete anos (Mauro).

A educação de Mauro, tanto na parte da família, quanto na esfera escolar, foi cercada por um rígido esquema hierárquico de valorização e perseguição dos atributos de superioridade e de evidência. Nesse esquema, Mauro foi criado para assumir a posição de comando, como ele mesmo expressa, “nasceu para comandar”. Tal como Alexandre, já na adolescência, ele defrontava-se com um público de espectadores de sua faixa etária, diante do qual precisava exercer a exaltação do eu e a busca de audiência. Especialmente para esse público, formado por colegas e amigos, ele dirigia suas atitudes de liderança, de bravura e de competência. A capacidade de controlar situações difíceis e o afrontamento ao risco, através do uso de drogas e do desafio à ordem, no seu contexto, já eram parte das exigências daquele público.

Por outro lado, sem que estivesse devidamente preparado para a entrada ativa na vida social, Mauro era apresentado com o “excesso de liberdade”. Mas, essa liberdade significava, na verdade, o confronto com escolhas importantes e difíceis que iriam direcionar sua vida e definir sua relação com o mundo, sem a necessária orientação e acompanhamento dos adultos interessados no seu crescimento e no seu bem-estar.

Portanto, desde a infância, Mauro parecia ter sua carreira profissional garantida, mas deparava-se com o fechamento das possibilidades, devido a sua necessidade de afrontamento ao risco e de, ainda muito cedo, se apoiar na euforia e no alívio emocional fornecidos pela droga. Pressionado pelas exigências de seu contexto, ele inicia precocemente sua incursão no uso intensificado do álcool e da maconha. Através do uso das substâncias químicas psicoativas e da exposição ao perigo, ele buscava a energia necessária para alcançar a evidência, a exaltação do eu e o alívio de seu estado de ansiedade e de “desamparo social”.

Na realidade, a expectativa em relação ao desempenho considerado adequado aos jovens, à sua capacidade de ser bom nos estudos, de seguir uma carreira profissional, deveria servir de motivação saudável e de estímulo à aspiração. Contudo, na atualidade, essa expectativa funciona, muitas vezes, como instrumento de pressão, causador de medo, de retraimento, de ansiedade. Espera-se da criança ou do jovem, que ele seja o melhor, que se destaque entre os demais. Quase sempre, cria-se uma comparação e uma competição tácita ou explícita com colegas, amigos e familiares.

Na impossibilidade de atender às suas próprias expectativas, absorvidas da sociedade e de sua família, Mauro encontrava no uso de droga, no tráfico e em outras contravenções os desafios que precisava para testar sua capacidade de vencer. Através do afrontamento ao risco, a ansiedade, o sentimento

de fracasso e o desânimo que se afiguravam em sua trajetória são, temporariamente, substituídos pela euforia da exaltação do eu e por outras formas de busca de autovalorização.

Sem dúvida, a atração pelo risco e o consumo intensivo de droga pelos jovens podem ser sintomáticos do desamparo social e de um vazio interior que o indivíduo tenta preencher e ocultar. O traço narcisista desse comportamento evidencia o desespero do sujeito em dar respostas além de suas possibilidades às exigências de seu contexto social

Conforme Lasch (1983), o narcisismo apresenta-se como a melhor forma de lutar com as tensões e ansiedades da vida moderna. Em vista disso, “as condições sociais predominantes tendem a fazer aflorar os traços narcisistas presentes, em vários graus, em todos nós” (p. 76).

Essas condições sociais transformam os diversos espaços de socialização dos indivíduos, sobretudo a família, que tem por tarefa modelar a estrutura subjacente da personalidade. Lasch (op. cit.) lembra que uma sociedade temerosa quanto ao futuro, provavelmente, dará pouca atenção à próxima geração.

A tentativa dos pais modernos de fazer com que os filhos se sintam amados e desejados, não disfarça uma frieza subjacente – o distanciamento dos que pouco têm a passar à geração seguinte e que, de qualquer modo, dão prioridade ao seu próprio direito de autoafirmação. A combinação do distanciamento emocional com as tentativas

de convencer uma criança de sua posição de predileção na família é uma boa prescrição para a estrutura de uma personalidade narcisista (LASCH, p. 76–77).

Mauro identifica como desamor, o desamparo ao qual foi lançado desde a infância. Este desamparo se expressa, também, mas não somente, na inabilidade da família de prepará-lo e auxiliá-lo nas tomadas de decisões diante das escolhas que a ele se apresentavam. O “excesso de proteção” é, certamente, uma das evidências da falta de preparação do jovem para sua entrada na vida ativa. Essa “proteção” pode se manifestar na forma de impedimento ao jovem de que ele responda por seus atos e cumpra suas responsabilidades, naturalmente acompanhado pelos adultos, como aconteceu com Mauro. Mas, pode ocorrer também por meio da omissão de problemas e de acontecimentos desagradáveis, a exemplo do caso de Alexandre.

Por outro lado, os ideais narcisistas de destaque e de admiração, desde os primeiros anos de vida, são interiorizados nos atores sociais. Semelhante a Alexandre, Mauro procurava, com a ajuda da droga, responder às exigências sociais de seu contexto: exigência de que ele alcançasse a vitória, de que se destacasse como o melhor, de que brilhasse num palco de tantas estrelas. Esses requisitos estavam acima de suas possibilidades de atender. Através do uso intensivo de drogas e da exposição aos riscos, certamente, ele tentava suprir o

que Birman (1999) chama de necessidade de “evitamento do sofrimento psíquico”, causado pelo desamparo social.

Para Mauro, o encantamento pelas drogas estava associado ao poder da substância de anestesiar o sentimento de frustração e de autodesvalorização, que o afetava por não poder seguir o caminho de seus familiares, que todos - inclusive ele mesmo - esperavam. Mas, o fascínio pela maconha, pelo álcool e pela vida de risco decorria, sobretudo, do fato de eles oferecerem a possibilidade de incursão por outro percurso, no qual Mauro pôde, real e ilusoriamente, ser precocemente competente, comandar situações e até brilhar.

Apesar de demonstrar inteligência e desempenho satisfatório nos estudos e desejar seguir a carreira militar, Mauro desvia-se de seus planos. Na indisciplina, ele encontra uma forma atrativa de enfrentar desafios e, quando percebeu, além do consumo do álcool e da maconha, já estava totalmente envolvido com o tráfico e com outras contravenções. É verdade que o poder de influência de sua família junto a instâncias de proibição legal, superprotegendo-o e encobrendo a situação, facilitou sua entrada na vida perigosa. Mas, é interessante observar que, embora frustrado em suas aspirações profissionais, através do uso de droga, da vida de riscos e da “contra-ordem”, Mauro, num certo momento, conseguia alcançar os ideais almejados de competência na vida, de destaque e de admiração. No seu círculo de amizades, o status e o poder alcançados por sua família já eram motivos de vaidade. Além

disso, na contravenção, Mauro podia exaltar outros atributos de destreza, de esperteza e de coragem.

Além do consumo e do pequeno comércio de maconha, aos dezesseis anos, Mauro também já se envolvia com prostituição, “dando cobertura” a algumas meninas, à casa que elas frequentavam e recebendo pagamento por este trabalho. Sua circulação nos pontos de tráfico e de negócios ilegais da cidade, certamente, favoreceu sua entrada na vida perigosa das práticas de contravenção. Mas, a partir de um contato casual com um grande bicheiro do Rio de Janeiro, o ingresso de Mauro no tráfico tomou novos rumos. Na época, o bicheiro procurou Mauro para lhe agradecer por ter salvado a vida de seu neto, numa briga entre garotos de diferentes colégios, colocando-se à disposição para ajudá-lo em qualquer dificuldade. Mauro, sempre disposto a resolver situações, certa ocasião, foi ao encontro do referido senhor para que este o ajudasse a livrar um colega de uma questão policial. O problema foi resolvido, e Mauro ainda foi convidado para um emprego, de remuneração atrativa, arrecadando o dinheiro do jogo do bicho, no final da tarde. Na verdade, o Senhor do jogo de bicho tornou-se empregador, amigo e defensor de Mauro.

Em pouco tempo de atuação no jogo de bicho, Mauro recebeu de seu patrão certa quantidade de cigarros de maconha para vender num clube que frequentava, da “alta sociedade” do Rio de Janeiro. Da venda, Mauro ficaria com um “lucro” equivalente a três vezes do valor da mercadoria.

Rapidamente executou a tarefa, passando a receber volumes bem maiores de cigarros para distribuir em bares e pontos de diversão de bairros da classe alta da cidade. Nesses locais, pessoas indicadas pelo bicheiro como sendo seus amigos e afilhados, e outras que entravam no círculo, compravam e revendiam a droga. A desenvoltura de Mauro, sua facilidade de contatos, de comunicação e de penetração nos diversos ambientes logo revelaram sua competência na função de entregador da droga. Em menos de dois anos, sua posição na rede de distribuição foi elevada. Conforme ele diz: “eu deixei de ser entregador, eu já estava fazendo contato nas boates lá da Lapa, (...) eu já estava comandando a coisa sem estar presente”.

Aos dezoito anos, Mauro já era bastante respeitado e enaltecido no contexto do tráfico, devido sua facilidade de trânsito nos dois mundos aparentemente opostos, mas, na realidade, complementares: o da ordem e o da “contra-ordem”. Na contravenção, ele representava uma peça chave de avanço ao proibido: tinha acesso a balas e armas, estando sempre protegido de punição e de investigação; circulava nas rodas da alta sociedade com capacidade de penetração em espaços estratégicos para o comércio ilegal e “não chamava a atenção porque era filho de gente importante”.

A “contra-ordem” apresentou-se, portanto, para Mauro, como outra via de realização. Por essa via, ele também podia exaltar os ideais almejados de competência, de bravura e da

busca de destaque. O contexto de consumo e do tráfico da maconha o expunha a uma diversidade de riscos causadores de pânico e de ansiedade, mas que lhe permitiam testar sua capacidade de viver, oferecendo oportunidades de vitória e de comandar situações. Mauro relata que, nesse período, chegou a participar de brigas, com troca de tiros, por questões do tráfico, ficando com marcas de ferimentos no corpo. Noutra ocasião, presenciou a “queima” de um rapaz, para o qual fornecia maconha e que também era traficante. A morte aconteceu devido ao fato de o referido rapaz ter assassinado uma garota, prostituta que também repassava a droga. Mas, além do risco, esse contexto do tráfico também trazia, para Mauro, vantagens financeiras e amparo emocional, através do reconhecimento da competência negada no Colégio Militar, como expressa sua fala:

(...) Naquela época, quando saí do Colégio Militar, eu já tinha não morto, mas me defendido, (...) porque há uma lei no tráfico que você não mata ninguém, você se defende; já tinha participado de reuniões da cúpula deles (do tráfico), e eles fazem treinamento, e o treinamento é feito sem o treinando saber que está sendo treinado, mas você está entrando pouco a pouco. (...) Porque eles têm que passar o comando de alguma área para alguém. (...) O tráfico, a droga, são uma prisão e grande. E para você sobreviver é mesmo que um xadrez. Não é que você seja brabo, mas tem que se fazer respeitar. É diferente de qualquer sociedade. Para você ser respeitado em qualquer sociedade, você

tem que ter caráter, ter moral, lá ao contrário. Para você ser respeitado, você tem que ser tudo, menos ser bom, menos ter caráter, menos ter personalidade. Você tem que ser desonesto, ter qualidades negativas e nessas qualidades negativas você vai sobreviver (Mauro).

Portanto, no mundo da contravenção, Mauro deparava-se com valores inescrupulosos, mas que não deixam de ser semelhantes aos ideais de busca do sucesso e de competência próprios da atual lógica competitiva que ordena a sociedade. Neste panorama de instabilidade, de insegurança e de crise, a mentira, a deslealdade, o descompromisso são perfeitamente encontrados nas legítimas relações de trabalho da atualidade (SENNETT 1999; DEJOURS, 1992, 1999). No extremo, esses traços de caráter desvirtuam os critérios éticos de convivência, colocando em perigo até mesmo a vida dos atores sociais.

Nos ambientes de tensão de redes comerciais e de outras organizações de trabalho, na ordem e na “contra-ordem”, o uso intensivo de droga, a exposição ao risco, assim com a diversão, emergem para os sujeitos como estratégias de defesa da ansiedade gerada nesses respectivos espaços. Estas estratégias atuam também como mecanismo de aceitação e de reprodução das situações de sofrimento emocional, formando um círculo ininterrupto de criação destas condições sociais. Contudo, a semelhança de lógica, a proximidade e a interconexão entre a ordem e a desordem são inerentes ao movimento de ordenação da sociedade (BALANDIER, 1997b).

Este movimento é marcante na trajetória de Mauro, tanto ao nível das instituições e organizações que lhe serviram como espaço de socialização e de sua atuação social, quanto no âmbito de sua história pessoal de construção de sua subjetividade.

Na esfera da “normalidade”, Mauro foi impedido de seguir a carreira militar e a profissão médica trilhadas por seus irmãos, apesar de demonstrar inteligência e sagacidade. Todavia, mesmo desviando o rumo, conseguiu ingressar na faculdade e concluir o curso de Comunicação Social, tornando-se jornalista. Ter um curso superior também era uma cobrança de seu meio social, sempre afirmada por seu avô, e isto Mauro pôde cumprir. Durante o curso, iniciou o namoro e apaixonou-se por uma colega de estudo, sem saber que era filha de um senador, inimigo político de seu pai. Na fronteira entre o mundo da ordem e o da “desordem”, devido ao relacionamento, Mauro foi perdendo o interesse pelo envolvimento com o tráfico, até que, aos 21 anos, quando decidiu se casar, atendendo à condição imposta pela esposa, ele abandonou totalmente o uso e o comércio de maconha. Na verdade, nessa fase, Mauro enfrentava um período de crise em sua vida, que o colocava diante de novas tomadas de decisão. Na relação afetiva, pelo menos naquele momento, ele parecia encontrar o amparo emocional que buscava na droga, na diversão e na vida de perigo. A opção pelo casamento significava a construção de uma nova trajetória de vida e de uma família, mas também

implicava o rompimento com sua família anterior que, embora emocionalmente afastada, era sua referência e estava sempre pronta para lhe dar cobertura em questões financeiras e policiais.

Mauro não sabe ao certo se foi o amor pela esposa, que já estava esperando um filho, ou se foi a revolta com os pais dela e com os seus que o fez mudar de vida. Certamente, estas circunstâncias o colocavam diante de novas responsabilidades, novos desafios, os quais, com o apoio emocional da companheira ele estava disposto a enfrentar. Após o casamento, que ocorreu sem o consentimento e sem o apoio financeiro das famílias de ambos, foram morar numa zona de prostituição, do Rio de Janeiro, onde Mauro tinha alguns amigos. Viveram oito meses nesse local, numa condição bastante diferente da vida de gastos exorbitantes que Mauro levava com o dinheiro do tráfico. Na nova situação, contava apenas com o salário de um emprego que havia conseguido num Jornal da cidade.

Mauro parou de usar maconha sem nenhum tratamento e afirma não ter sofrido maiores problemas para deter o consumo. Embora considere intensiva sua forma de uso, acredita que a dependência da substância é psicológica e quando foi possível substituir o sentimento de desamor que carregava pelo o amor da esposa, então pode abandonar o uso e o tráfico da droga. E, de fato, não obstante o rendimento financeiro que o comércio ilegal representava, seu envolvimento com o tráfico significava muito mais a opção

por um estilo de vida e por uma atividade perigosa, com organização hierárquica, na qual poderia perseguir e exercer seus ideais. Mas, ao mesmo tempo em que Mauro identifica o desamor como a principal causa de seu uso intensivo de maconha, não fica claro para ele que igualmente ao uso de droga, sua atração pelo risco e sua necessidade de exaltação do eu são sintomáticas de um vazio interior, decorrente de seu desamparo social. Não sendo possível compreender essa relação de imbricação mútua entre os diversos sintomas, Mauro atribui à substância psicoativa a responsabilidade por seu comportamento de afrontamento à ordem e por sua entrada no tráfico, bem como sua exposição ao pânico e ao perigo de morte, inerentes à vida na contravenção.

Na verdade, desde a fase da adolescência e durante toda a preparação de Mauro para a vida ativa na sociedade, os perigos do tráfico, associados ao consumo da maconha forneciam a euforia que ele necessitava para tentar seguir a lógica de viver imposta por seu contexto. Nas substâncias e no comportamento de risco Mauro também encontrava o alívio momentâneo para seu sofrimento psíquico, causado pelo desamparo social. Além disso, no tráfico ele conseguia camuflar sua situação de “desordem” emocional e social, e ainda obter ganhos materiais. A interrupção do uso da maconha e do envolvimento com o tráfico marca o término de um ciclo em sua trajetória de consumo de droga. Ele para o uso da droga legalmente proibida, mas continua o consumo

do álcool, numa modalidade de uso socialmente aceita no seu meio profissional.

A busca de destaque e de autovalorização através do comportamento de afrontamento à ordem é um aspecto importante na trajetória de Mauro, que caracteriza sua fase de juventude. Este seu comportamento parecia também revelar a saturação de uma disciplina rígida, perene em sua história familiar. Associado ao seu desejo de vencer, de afrontar riscos e de desafiar limites, sinalizava-se uma desordem denunciadora e sintomática de seu desamparo social e emocional, no qual, diferentemente de seus irmãos, ele encontrava-se imerso desde a infância e a adolescência.

Mauro e Alexandre viveram a adolescência em épocas e espaços sociais distintos. Mas, a mesma racionalidade competitiva da atualidade submergia seus diferentes contextos. Os dois rapazes, na impossibilidade de atenderem às suas próprias exigências, absorvidas da sociedade e de suas famílias, encontram no consumo de droga e no comportamento de risco os desafios de que precisavam para testar sua capacidade de vencer. Sendo ambos de classe média alta, apenas a situação financeira não justificaria as incursões pelo roubo e pelas contravenções.

Sem dúvida, na atualidade, a violência, o roubo, a toxicomania e outras situações de riscos apresentam-se como alternativas de vida para muitos jovens das camadas mais pobres da população. Mas, a exposição ao perigo é

hoje um comportamento observado nos jovens das diversas classes sociais. Através das drogas e do afrontamento ao risco, eles buscam sua autoafirmação. Tentam demonstrar a si e aos outros sua capacidade de vencer obstáculos, de serem competentes na vida.

Em seu estudo sobre o risco, Le Breton (2000) observa que não só os esportes de emoção e a toxicomania, mas também a delinquência, hoje, de jovens das várias camadas sociais, pode estar associada ao afrontamento de limites. Neste caso, ela produz a exaltação da vida perigosa, parecendo satisfazer mais a procura de riscos inerentes à transgressão do que simplesmente à aquisição rápida de proventos materiais. Esta forma de afrontamento ao risco se insere numa lógica do desafio e da provocação à sociedade adulta.

Para Le Breton (op. cit.), uma sociedade que não garante ao jovem nem sentido nem valor de sua existência, que não mais lhe assegura um futuro, a exigência antropológica da passagem da adolescência para a juventude irrompe-se de forma solitária e confusa. O jovem atira-se ao risco, testando também seu gosto de viver. A busca do risco assume, assim, o significado de um rito de passagem. Ela converte-se numa maneira do jovem testar a sua força pessoal, de reassegurar sua legitimidade de existir e se impõe mais fortemente àqueles que se sentem inseguros, incertos sobre como conduzir suas vidas. Exemplificando o comportamento perigoso de jovens nesse afrontamento ao risco, o autor comenta uma matéria

do periódico Libération, de 20 de janeiro de 1988, sobre os jovens da periferia do Rio de Janeiro, “os surfistas”. Estes jovens viajam nos tetos dos trens em velocidade de 70 km por hora, fazendo malabarismos, equilibrando-se de maneira perigosa, pondo em risco suas vidas.

Assim, também para os jovens das camadas mais pobres, a busca do risco, hoje, através da droga, do roubo, do tráfico e da violência, além das necessidades econômicas, pode satisfazer a necessidade de euforia, de êxtase, de ultrapassagem de limites. Numa pesquisa, realizada por Quintino (1998), na periferia de São Paulo, os jovens falam das sensações vivenciadas no comportamento de transgressão. Eles referem-se ao barato que experimentam nas práticas de roubo, de “sentir a adrenalina do perigo”, “de botar pânico”. Enaltecem também o gosto pela atividade, mais que um vício, a descoberta de um caminho.

Uma garota de dezessete anos, ao falar de sua prática de roubo, assim se expressa: “Eu gostava, eu achei que era meu rumo e até hoje eu roubo” Com o dinheiro do roubo e do pequeno tráfico, eles garantem seu consumo de drogas, mantêm seu sustento financeiro e o da família. A busca do risco pelo roubo insere, portanto, estes jovens pobres em outros planos que credenciam sua sobrevivência na contemporaneidade. Eles passam a pertencer a uma organização, mesmo que seja a do crime, da contravenção. Eles se incluem em algo nesse mundo de exclusão. Adquirem uma função, uma possibilidade

de demonstrar para si e para os outros, do seu contexto, sua competência na vida. Por meio das práticas do roubo, estes jovens podem traçar uma trajetória. Dão início a uma carreira, embora curta.

Nessa procura de inserção numa ordem, pela desordem, a aquisição de produtos de consumo e de marca, através do roubo, pelos jovens pobres da periferia, pode também evidenciar a tentativa de esconder seu estigma, como fazem os jovens da pesquisa de Quintino (op. cit.). Sem dúvida, na sociedade do espetáculo e do consumo, os indivíduos adquirem status, valor e prestígio pela carreira profissional e também pelo brilho, pela aparência, maquiada pelos bens materiais, lançados no mercado. As modas, as grifes, o consumo de bens materiais e de serviços enaltecem e põem em evidência o indivíduo.

Naturalmente, a cultura narcisista permeia todo o tecido social, inclusive os estratos mais pobres. Seus princípios são transmitidos por todas as formas de socialização dos indivíduos, veiculados pela publicidade e pelos meios de comunicação. Assim, uma sociedade em que o individualismo e a competição desvirtuam os princípios de responsabilidade e de lealdade, a burla, a contravenção, a corrupção nas diversas formas ganham status de esperteza e são tão atrativos quanto os demais riscos.

Nessa sociedade, as leis, as normas da proibição vão perdendo seu conteúdo moral, e aparecendo como regras

que arbitram o jogo em favor dos poderosos. No cenário do espetacular, os personagens que comandam os impérios das organizações produtivas, financeiras, políticas e criminosas contracenam entre si, exaltando a performance dos bem-sucedidos. Como aponta Castells (1999), a cultura do crime organizado, envolvendo as redes do narcotráfico, difundiu-se hoje entre os jovens, sobretudo entre aqueles imersos no mundo de pobreza e exclusão, com o fascínio da chance de “gozar dos prazeres do consumo e viver aventuras”.

Na história de Mauro, quase um ano após seu afastamento do tráfico, ele ainda vivia cercado de medos e sob a observação dos superiores do comércio ilegal. Certamente, sua situação social de vínculo com o alto escalão da ordem lhe garantia certa cobertura. Com a situação econômica cada vez mais difícil, acabou aceitando a ajuda de seu amigo bicheiro e sendo apresentado a outro comerciante da contravenção, que negociava com roubo e contrabando de mercadoria, para novas transações ilegais, não mais com droga. A proposta era financeiramente vantajosa, e Mauro não recusa o convite, mas, desta vez, acaba sendo autuado e respondendo a inquérito policial. A partir de então, afasta-se novamente da vida na contra-ordem, mantendo sua atuação profissional no Jornal.

Decorridos quatro anos do casamento, a esta altura, Mauro já tinha se reconciliado com a família. Tendo em vista seu trâmite anterior no mundo da ilegalidade, mesmo afastado do tráfico, por vezes era solicitado, pela esfera da ordem, para

auxiliar na resolução de questões que exigiam determinados conhecimentos da área. Mauro havia prestado ajuda a um general amigo de seus familiares, numa dessas questões. Devido a isto, algum tempo depois, quando o referido militar assumiu o Ministério da Justiça, Mauro foi convidado por ele para trabalhar como seu assessor, em função de combate ao tráfico.

Mauro muda-se com a esposa e os filhos para Brasília, dando início a uma nova vida no lado da ordem. Assumiu o emprego de funcionário público, mas prosseguiu sua carreira de jornalista, mantendo o vínculo com o Jornal. Continuou no consumo do álcool, pois, na época, o uso não lhe trazia problemas, ao contrário do que ocorria na adolescência, quando estava no Colégio Militar. Na realidade, seu consumo de bebidas era perfeitamente adaptável a sua vida profissional. Podia beber até em situação de trabalho, nas reuniões sociais, onde ocorriam os contatos, com políticos e empresários, para cobertura jornalística. Segundo Mauro, o fato de ele apreciar bebidas facilitava sua circulação nessas reuniões. O ambiente de ostentação, bem como a própria euforia do álcool, também confluíam no clima de entusiasmo que instigava seu desempenho profissional, inclusive na criação das matérias. Era um bebedor da noite e dos finais de semana, considerava-se um bebedor social. Ainda, na entrevista, ele compreende que seu modo de beber naquela época já dava sinais de sua incursão no alcoolismo.

No relato, Mauro também destaca que a energia do álcool, motivadora de sua atividade profissional, tinha um outro lado negativo, pois de fato, o que ela possibilitava era uma ilusão. Após uma longa trajetória em recuperação, ele reconhece que, nessa fase, enquanto pensava que “era o dono da parada, que era o bom, porque estava ao lado do embaixador, ao lado do senador, ao lado do ministro, porque estava viajando em comitivas”, na verdade estava “sendo usado” profissionalmente pelo veículo de comunicação, pelo editor do jornal e pelos políticos. Na ilusão, ele encantava-se com esses efeitos imediatos do enaltecimento, e não evoluía na profissão. Todavia, embora Mauro não consiga perceber, era exatamente esse sentimento de ostentação, de exaltação do eu, e de evidência que ele perseguia naquele momento, através de seu trabalho e do consumo do álcool. Ainda que tais sentimentos, que substanciam a lógica do desenvolvimento, sejam criados no cenário da inconsistência, da ilusão e do provisório desta sociedade do espetáculo.

De fato, no mundo marcado pela cultura da estetização do eu e da exacerbação do exótico, o indivíduo tende a agir em conformidade com a expectativa dos outros, referenciada por esses ideais. Ele depende da audiência do outro para validar sua onipotência e sua autoestima. O desejo de destaque, de posição de superioridade e a necessidade insaciável de admiração são traços de caráter estimulados na atual cultura narcisistas, que se evidenciam nas histórias da maioria dos

entrevistados, especialmente nos relatos dos indivíduos do sexo masculino.

A construção de uma família com quatro filhos e a nova trajetória profissional no centro do poder em funções de prestígio e de destaque pareciam propiciar a Mauro o sentimento de realização a ele necessário e que, anteriormente, buscava na exposição ao risco e no consumo intensificado de droga. Mas, após alguns anos de vida aparentemente normalizada, enigmaticamente, este estado de bem-estar é interrompido. Uma tragédia dá outro rumo à vida de Mauro. Um domingo, quando retornava do lazer com a família, o veículo dirigido por sua esposa é envolvido num acidente, no qual morreram ela e os seus três filhos que estavam no automóvel. Somente Mauro sobreviveu, ficando, ainda, cinquenta e seis dias em coma. Depois do acidente, faltaram-lhe forças até para criar uma filha, ainda bebê, que não se encontrava com a família na ocasião do desastre.

Mauro é então abatido por um profundo estado de tristeza e depressão devido à perda da família. Mergulhou no consumo permanente de bebidas alcoólicas para sair da realidade e aplacar a dor emocional. Por vezes, tentou dar término à sua própria vida. O álcool não mais lhe fornecia energia para viver e trabalhar. Atuava agora como um veneno anestésico, porém letal, que o punia do remorso e da culpa do acontecimento. O fato de ter consumido bebidas alcoólicas no dia do acidente e, por isso, não estar dirigindo o automóvel,

intensificava a angústia que o afligia e o seu desejo de autopunição. Mauro encontrava-se num estado de intenso sofrimento psíquico e de desamparo social.

Foram três anos de bebedeira pesada, praticamente afastado do trabalho, gastando todo dinheiro que conseguiu acumular em bens e capital, com despesas incomensuráveis na vida de alcoolismo. Relata uma ocasião em que, com o dinheiro da venda de um apartamento no Rio de Janeiro, custeou uma viagem de cento e trintas dias num cruzeiro, para ele e um primo, companheiro de bebedeira. Na excursão, não chegou sequer a descer do navio, somente consumindo bebida, ficando, permanentemente, em estado de embriaguez. Os familiares de Mauro empenharam-se em ajudá-lo a superar a crise, mas quase nada conseguiam. Quando não tinha mais dinheiro para beber, apelou para as estratégias que os alcoólatras, em fase de degradação, são obrigados a adotar. Chegou a pegar dinheiro de coleta de igreja para comprar bebida; noutro momento, numa praça, no Rio de Janeiro, entrou em confusão como um mendigo, numa disputa por uma garrafa de bebida. Seguiram-se diversas internações em hospitais e clínicas de várias cidades por onde circulava. Mauro havia alcançado o “fundo do poço”, o desencanto com a vida e também com a droga.

Parecia não haver mais solução para a situação e para o sofrimento de Mauro, quando, após uma internação numa cidade do interior de Minas Gerais, ele aceitou o convite de seu

primo, companheiro de bebedeira, que estava frequentando Alcoólicos Anônimos, para participar de uma reunião. A partir daquela ocasião, Mauro parou o consumo do álcool, iniciando uma longa jornada com vistas a sua recuperação e reordenação emocional. Teve que alterar completamente seu estilo de vida, passando a se dedicar quase inteiramente ao trabalho de ajuda a outros dependentes químicos a se livrarem da dependência. Naturalmente, não conseguiu se libertar totalmente da tristeza e da amargura da perda, mas, reiniciou outra trajetória de vida, reconstruindo valores espirituais que o ajudam a encontrar motivação e sentido de existir.

Nos primeiros anos de abstinência do álcool, conforme expressou Mauro, ele precisou lutar com seus impulsos à exaltação. Mesmo no tratamento, sentia necessidade de chamar à atenção e ser admirado, ao contar sua história nas reuniões de recuperação, provocando emoção e choro na plateia. Só percebeu que não estava dirigindo corretamente sua sobriedade, quando alguns amigos terapeutas e psiquiatras, que o assistiam falar, o advertiram. Mauro finalizou sua trajetória de consumo intensificado do álcool aos 34 anos e não mais retornou ao uso. Não obstante o tratamento, não quis construir outra família, retomou o trabalho, mas sem fazer dele um meio de realização. Também preferiu distanciar-se dos parentes e de tudo que representava a vida anterior, embora esteja sempre em contato com eles, através de visitas e por meio de telefone. Por vários anos, dedicou-se inteiramente

aos programas de tratamento. Abriu grupo de Narcóticos Anônimos no Rio de Janeiro; viajou por diversas cidades, participando de reuniões e fundando grupos anônimos de recuperação. Aposentou-se cedo e foi morar numa cidade calma, onde consegue ter uma vida moderada e prosseguir seu trabalho voluntário de ajuda a dependentes, distante dos grandes centros, onde sempre residiu e trabalhou.

Através das histórias de Mauro e Alexandre, este capítulo procurou analisar como os ideais competitivos da contemporaneidade e a exposição aos riscos e às incertezas favorecem a inserção de jovens, usuários de droga, na forma intensificada de uso, caracterizada como dependência. Observa-se que, na atualidade, a toxicomania e o comportamento perigoso a ela associado emergem como modalidade de risco a ser perseguida pelos jovens. Por meio do uso intensivo de drogas, eles testam sua capacidade de viver e de superar desafios. Nesse universo de buscas de risco, eles tentam avaliar e validar sua existência, confrontando-se com a morte, mesmo que de forma lenta, procurando, como expressa Alexandre, a autodestruição.

Mas, o uso intensificado de droga pelo jovem, rumo à dependência e suas práticas de afrontamento ao risco evidenciam, sobretudo, a impossibilidade desses sujeitos de responderem às exigências de seu tempo e sua condição de desamparo social. Na trajetória de Mauro, ele vive uma fase intermediária na qual, com o casamento, a construção de uma

família e um novo trabalho, parecia estar sob controle seu estado de abandono e de sofrimento emocional. No espaço profissional, um novo percurso na tentativa de acompanhar a lógica foi iniciado. Mas, a tragédia que marcou a vida de Mauro abre uma grande crise, intensificando seu vazio interior e seu sofrimento psíquico. Tomado pela angústia e pela sensação de fracasso, imediatamente ele reativa sua busca desesperada de sinais de competência e de dignidade à vida e sua procura de sentido de existir, através do afrontamento à morte pela via da autodestruição e pelo alcoolismo.

No capítulo seguinte, a partir de relatos de outros participantes da pesquisa, a análise prossegue na identificação do impacto dos imperativos impostos pelos contextos sociais dos indivíduos usuários de droga sobre sua interioridade, favorecendo a incursão na dependência. Mais especificamente serão focalizados os aspectos inerentes à esfera do trabalho e às estratégias dos sujeitos contra o sofrimento mental e social.

CAPÍTULO 4

DROGA, DIVERSÃO E RISCO: ESTRATÉGIA DE DEFESA OU CONFORMAÇÃO À LÓGICA NO MUNDO DO TRABALHO

Este capítulo dá continuidade à análise acerca do impacto da atualidade sobre a trajetória de consumo de droga por usuários que se tornaram dependentes. Nesta parte do estudo, o foco direciona-se para as etapas da vida dos participantes da pesquisa posteriores à adolescência. Centra-se, portanto, nos imperativos impostos pelos contextos sociais dos indivíduos, especialmente aqueles mais diretamente ligados às atividades laborais que favoreceram sua incursão nessa forma intensificada de uso de droga, caracterizada como dependência.

A análise mantém-se atenta ao encantamento do indivíduo pela substância, ao fascínio que provoca a recorrência ao uso e, assim, a incursão na dependência. Tomando-se como referência a esfera do trabalho, procura, então, evidenciar a importância da droga como elemento fundamental para os usuários na mediação de suas relações com os outros e com o mundo. Através do uso de droga, eles tentam “enfrentar” os obstáculos que os impossibilitam de atender às exigências

impostas por seus contextos sociais. Mas, eles buscam também o alívio para o sofrimento emocional, decorrente da impossibilidade de responder a tais exigências.

É certo que os imperativos de natureza competitiva, inerentes à lógica de organização dessa sociedade, estão dispersos nos diversos espaços de socialização dos indivíduos. Mas, a partir da idade ativa, é no plano do trabalho que esses imperativos mais diretamente se evidenciam, provocando o sofrimento emocional dos sujeitos e a emergência de traços narcisistas e outros sintomas do desamparo social, a exemplo do uso compulsivo de droga. Naturalmente, esses sintomas, mesmo os que emergem, especificamente, em decorrência das condições e das relações de trabalho, não se limitam ao espaço das atividades produtivas. Eles expandem-se e se manifestam nas demais áreas da vida dos sujeitos, principalmente na esfera familiar. Do mesmo modo, outras formas de expressão de sofrimento psíquico, geradas em outros contextos, podem aflorar no espaço produtivo, devido às condições e ao modelo de organização do trabalho e da pressão emocional que a atividade exerce sobre o indivíduo.

Contudo, extrapola o âmbito deste estudo proceder a uma análise específica do “sofrimento no trabalho”. Trata-se, mais objetivamente, de trazer à tona circunstâncias da esfera profissional dos sujeitos da pesquisa que favoreceram sua incursão no uso intensificado de droga e na dependência. Tais circunstâncias evidenciam o desamparo ou o sofrimento

psíquico e social a que estão expostos esses sujeitos em seus contextos sociais.

No esforço para vencer esse desamparo causado pelo mal-estar no trabalho ou pelo “sofrimento no trabalho”, como se refere Dejours (1992, 1999), os indivíduos podem apresentar outros sintomas ou outras estratégias defensivas desse sofrimento, associadas ao consumo intensivo da droga. A ansiedade e a depressão, bem como a tentativa de fuga da realidade pela diversão, a atração pelo risco, são alguns sintomas e formas defensivas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, abordados neste capítulo.

O estudo procura, então, ressaltar situações em que o uso da droga reflete a busca incessante dos sujeitos de responder às atuais exigências do mundo do trabalho. Nessa busca, eles tentam evidenciar atributos de competência, de qualificação e de valorização. Assim, para os atores sociais em foco, o fascínio pela droga decorre justamente do fato de a substância proporcionar, ao menos momentaneamente, a satisfação real ou ilusória de seu desejo de revelar tais atributos. Mas, no mundo orientado pelo efêmero, pelo ilimitado, por riscos e incertezas, as exigências impostas aos sujeitos estão bem acima da capacidade deles responderem. Assim, o encantamento pela droga deve-se também ao poder da substância de auxiliar os sujeitos a modificarem a noção de tempo e de espaço e a alterarem o discernimento nas situações. A substância permite, ainda, ao indivíduo transformar ilusão

em realidade e, realidade em ilusão. Possibilita reduzir a dimensão do risco, camuflar os problemas e transformar incertezas em certezas.

Atitudes e comportamentos coerentes com a cultura narcisista evidenciam os esforços dos sujeitos da pesquisa em acompanhar a lógica de organização social que a eles se impõe, em todos os espaços de socialização, sobretudo no campo do trabalho. As estratégias de defesa contra os efeitos danosos da corrida também aparecem nas histórias da maioria dos entrevistados, acompanhando toda a trajetória de uso das substâncias. Alguns traços, como o afrontamento ao risco, a busca de evidenciar competência, a autovalorização, a ânsia de aparecer como o melhor, como o mais competente são mais frequentes nos homens, principalmente, naqueles que iniciaram mais cedo o consumo intensificado de droga.

O estado depressivo e o pânico, em que a droga é buscada para aliviar o sofrimento emocional da situação de desencanto com a vida, embora também apareçam nos homens, são mais nítidos nas mulheres. Mas, todos esses aspectos, tal como o próprio uso compulsivo da droga, são sintomáticos do sofrimento emocional e do desamparo social desses sujeitos. Eles são perceptíveis nas pessoas de diversas procedências e contextos sociais, tanto nas que fazem tratamento no RAID, quanto nas que participam do PAIAD/UFPB.

Muito embora a racionalidade competitiva de ordenação desta sociedade esteja impregnada em todos os espaços de

socialização, ela atinge os indivíduos de forma e intensidade variadas. Fatores de ordem subjetiva dos sujeitos – suas histórias pessoais, suas expectativas com relação ao futuro, suas aspirações profissionais, – alteram a forma de absorção dessa lógica. Além disso, certas atividades formativas, profissionais, esportivas, determinados contextos familiares, círculos de amizade também podem alterar o impacto da atual competição sobre a interioridade dos atores sociais, tornando-os mais ou menos vulneráveis a seus imperativos. Estes aspectos, certamente, realçam as diferenças individuais dos usuários dependentes de droga dos diversos espaços sociais.

Assim, nas histórias dos entrevistados da pesquisa, é possível observar que a trajetória de consumo intensificado de droga de cada um deles tende a acompanhar um percurso traçado pelos imperativos de natureza externa, inerentes a seus contextos sociais. Não obstante os aspectos inerentes à subjetividade desse sujeitos, a perseguição de sucesso e de destaque, a busca incessante de exibir competência, de demonstrar para si e para os outros seus valores e sua qualificação, são algumas das inquietações demonstradas pelos sujeitos da pesquisa, sobretudo em seus espaços profissionais.

Um dos participantes do estudo, Pedro, residente na cidade de João Pessoa, na ocasião de sua entrevista tinha 38 anos de idade, era membro de Alcoólicos Anônimos e de Narcóticos Anônimos, há cerca de seis anos. Mas, de maneira semelhante a Mauro e a Alexandre, cujas histórias foram

analisadas no capítulo anterior, Pedro começou o uso intensivo de substâncias psicoativas ainda na adolescência. Iniciou pelo álcool, mas logo passou a associar as bebidas alcoólicas a medicamentos psicotrópicos, para fim recreativo. Apesar do “medo muito grande” que tinha de experimentar alguma droga, Pedro conseguiu coragem, começou a usar maconha, aumentando, em seguida, a frequência do consumo. Também usou intensivamente cocaína, mas sem abandonar o uso do álcool. Segue-se trecho do seu relato:

Aos catorze anos, mais ou menos, eu comecei a usar álcool no colégio; aí, eu já me identifiquei com alguns amigos que usavam bebidas, (...) a gente ia para um barzinho, num lugar de bem baixo nível, jogar sinuca e beber cachaça. Mais de uma vez, durante a semana, a gente sempre assistia à aula só até a hora do intervalo; depois, saía para esse lugar (...). Depois comecei a me envolver também com outras drogas, comecei a usar maconha, tinha uns comprimidos, (...) chegava a tomar até dez de uma vez, misturava com bebida, para ficar mais solto, dançar, para paquerar melhor as meninas, para chamar as meninas para dançar. (...) Eram vinte e quatro horas certinho no ar, e falava, e tome conversa, (...) puxava assuntos sobre tudo, era alegre, era aquele cara sempre para cima. Depois, eu comecei a usar muita maconha, agora sempre a bebida andava junto (Pedro).

Diferentemente de Alexandre e de Mauro, Pedro não expressa situações da infância e da adolescência, emergentes

em seu contexto familiar, que motivassem seu uso intensivo de droga, configurando sua situação de abandono e a imposição de imperativos narcisistas de busca de sucesso e de destaque. A força desses imperativos de ordem externa evidencia-se posteriormente, na sua vida profissional. Contudo, ele relata circunstâncias da fase anterior à juventude que, certamente, dificultaram sua preparação para a vida ativa na sociedade e contribuíram para a emergência dos sintomas de timidez e insegurança que ele tentava aplacar com o uso de droga.

A fala de Pedro sobre sua incursão na toxicomania expressa o sentido transgressor do seu comportamento. O consumo de droga, a indisciplina no colégio, a procura de lugares para entretenimento impróprios à idade são práticas bastante comuns entre os jovens na fase da adolescência. Nesse período de passagem, o adolescente tenta afrontar a sociedade adulta, inclusive procurando imitar atitudes dos mais velhos. Mas, no caso de Pedro, desde o início do consumo das substâncias, o uso intensivo estava muito relacionado à procura de alterar o humor e de apresentar uma disposição mental que respondesse às expectativas das pessoas com quem se relacionava. Desde essa fase, Pedro já se apoiava na droga para disfarçar a timidez, para mostrar-se bem disposto, bem alegre. Ele precisava se exaltar e “estar sempre para cima” diante dos amigos, das meninas, das paqueras. As drogas lhe forneciam a energia e o entusiasmo de que ele necessitava para exercer aquela estetização e causar admiração.

A necessidade natural do jovem de ser aceito por seu grupo de referência, pela demonstração de seus atributos de competência e de seus valores pessoais, para Pedro transformava-se num esforço para além de suas possibilidades. Essa ânsia angustiante de validação de seu comportamento pelos outros levava Pedro a tentar responder, através do uso intensivo de droga, às exigências sociais de seu contexto nele introjetadas.

A insegurança e a timidez de Pedro, relativas a sua performance e a sua competência na vida já evidenciavam a existência de um vazio interior, que aflorava naquele momento, mas que não foi contornado. Ao contrário, este vazio foi se aprofundando em sua trajetória, sendo agravado em diversas áreas de sua vida, notadamente no plano profissional, configurando sua condição de desamparo social e emocional.

Através do uso continuado e intensivo de álcool, desde os primeiros anos de uso, Pedro buscava superar a insegurança e a timidez. Esses traços, certamente, dificultam a comunicação e a aproximação dos jovens nos seus primeiros contatos afetivos, no relacionamento com amigos e mesmo, posteriormente, no desempenho de muitas atividades profissionais. Mas, os temperamentos retraídos são especialmente desprezíveis nesta sociedade do espetáculo. Eles impedem a exibição do eu e a busca de admiração, de evidência, de destaque, principais comportamentos requisitados na competição individualista de caráter narcisista atual. Pessoas tímidas que se

tornaram dependentes descobrem uma face magnificamente encantadora da droga. Ela elimina as angustiadas dificuldades dos relacionamentos, transformando-as em coragem e desinibição. Esse poder fascinante das drogas, e não somente do álcool, é enfatizado por Pedro e pela maioria das pessoas entrevistadas.

Pedro refere-se ao quanto a droga, especialmente o álcool, lhe foi útil, até indispensável, por grande período de sua vida profissional. Ele fala do domínio que tinha, antes da intensificação da dependência, em controlar as doses, os tipos de bebida para manter-se ativo por longo tempo, pois precisava estar disposto muitas horas por dia para o trabalho.

Em todo seu relato, Pedro faz bastantes referências aos efeitos das drogas, mas sempre relacionado ao estado de ânimo ou de espírito que ele desejava obter nas diversas circunstâncias da vida, inclusive no trabalho. Ele utilizava as substâncias para se relacionar com as pessoas e, também, para executar bem suas atividades profissionais. A maconha, o álcool, a cocaína tinham sua funcionalidade específica em cada situação, dependendo de sua necessidade psíquica emocional. Na relação de encantamento, estabelecida entre Pedro e a droga, sobretudo o álcool, ele tornou-se um fiel apreciador do sabor das bebidas e de seu teor inebriante. A droga transformou-se para ele na principal companheira em sua busca de prazer e de bem-estar na vida. Os ambientes de consumo de álcool e de outras drogas, as relações pessoais

estabelecidas nestes espaços, o clima de descontração, música, diversão, mas também de transgressão, formavam cenários de busca de realização de seus ideais de felicidade. Assim ele expressa seu fascínio pelas substâncias:

(...) Depois, eu comecei a usar muita maconha, eu comecei a me identificar com maconha. Mas, a maconha começou me dar uma coisa assim..., me deixando muito parado. (...) Agora, o álcool era minha preferida. Eu dizia que beber é uma arte e que cabe a pessoa saber dominar aquela arte; eu sabia. Então, tinha bebida para tudo: se era para relaxar, um bom vinho; se era para acordar, um uísque-cowboy, sem gelo, era bom para agitar; a cervejinha, para alongar o papo e jogar conversa fora (Pedro).

Até os dezoito anos, Pedro mantinha seu uso já intensificado de álcool e de outras drogas bastante incrementado pela diversão e pelo sexo, sempre procurando entrar em grupos de jovens de comportamento semelhante ao seu. Nessa fase, tinha um relacionamento com uma garota, também usuária de droga, exclusivamente com o objetivo de se divertir, consumir as substâncias e manter relações sexuais. A moça morava sozinha, mas a casa dela era um verdadeiro ponto de diversão, onde Pedro gostava de terminar a noite, depois dos encontros com as namoradas e as saídas para outros lugares:

(...) Era uma função bem, (...) no final, terminava a noite na casa dela, e sempre ela estava me esperando com as coisas que eu

mais gostava, que eram um bom fumo, uma boa bebida e muito rock'n'roll. Era aquela história: sexo, drogas e rock'n'roll, e, a partir daí, na casa dela, eu passei a me envolver com as pessoas bem carregadas, conheci traficantes, pessoas que se aplicavam, (...) e a gente começou a se aprofundar nessa relação até que eu comecei a fazer pequenos tráficos de maconha; eu pegava um quilo de maconha lá, (...), chegava aqui e vendia, separava em porções menores e fazia esse tipo de coisa (Pedro).

A história de Pedro, assim como a de Alexandre e a de Mauro, é reveladora de sua condição de despreparo para a entrada na vida adulta. A busca de amparo, através do uso excessivo de droga, é uma evidência de sua incapacidade de tomar decisões importantes e de realizar escolhas nesse momento de sua vida. Além da tendência à transgressão e ao afrontamento ao risco, inerente à fase, Pedro também procura seguir os caminhos que vão surgindo em seu percurso, traçados por seu universo de encantamento e de apoio emocional. A família de Pedro conseguiu livrá-lo das primeiras implicações policiais devido ao comércio da maconha, mas não pôde impedir que ele mantivesse aquele estilo de vida. Por orientação dos pais, foi passar uns tempos noutra cidade, com alguns parentes. Imediatamente, Pedro entrosou-se com os primos que eram adeptos do mesmo tipo de diversão. Estes também consumiam e comercializavam a droga.

Durante o curso secundário, Pedro praticamente não frequentou o colégio; pagou as anuidades e obteve o diploma do segundo grau. Os pais, que lhe davam total liberdade, sequer ficavam sabendo de sua falta de responsabilidade com as atividades escolares. Mas, não obstante o consumo já intensivo de drogas e o desinteresse escolar, Pedro não encontra barreiras para iniciar cedo sua vida profissional. Logo também se depara com um novo cenário que exigia o extremo de sua performance, e que ele se mostrava disposto a tentar atender. Sua busca de realização e de felicidade na vida, a partir de então, passou a depender também de seu sucesso na iniciante carreira profissional.

A trajetória de trabalho de Pedro desenvolveu-se nas atividades de comunicação, num cenário de trabalho onde a estetização de todas as formas e o espetáculo são, particularmente, mais valorizados. Sua procura de evidência, de se mostrar “um cara sempre para cima”, sinalizada na adolescência, encontra, nesse cenário, um palco propício para prosseguir. Seu primeiro emprego, ainda com dezessete anos, na empresa de um parente, foi na área de organização de shows e eventos. Os contatos com cantores e estrelas, as ostentações a eles dirigidas, as divulgações enaltecidas das festas e dos acontecimentos, os referenciais de sucesso e de evidência, tudo isso construía e afirmava em Pedro os ideais de competência na vida e seu sentido de existir.

Evidentemente, a circulação natural de bebidas alcoólicas e de outras drogas nesses ambientes festivos, de espetáculo e de diversão, bem como a convivência, nesses locais, com pessoas usuárias dessas drogas, facilitavam a incursão de Pedro no consumo. Ele afirma que, nessa sua atividade, era comum consumir droga mesmo durante o trabalho. Nas viagens e em momentos de intensificação das tarefas, era normal o consumo de cigarro de maconha entre os colegas. Ele relata que, nessa época, sempre que havia necessidade de um trabalho prolongado, ele e outros colegas compravam na farmácia um tipo de medicamento injetável, à base de anfetamina; então passavam dia e noite sem dormir. Pedro diz que para ele liberdade era aquilo: “eu assumia minhas coisas, tinha minha postura de vida, aquilo me fazia bem, e as pessoas tinham mais que me aceitarem daquele jeito”.

Poucos anos depois, Pedro começou a trabalhar em uma emissora de TV, continuando, assim, sua atuação nos eventos espetaculares da comunicação. Nesse período, Pedro suspendeu o consumo de drogas ilícitas, contudo, intensificou o uso do álcool, o que facilitou sua incursão no alcoolismo. O ambiente de diversão e os encontros sociais, durante e fora do horário de trabalho, também o colocavam em permanente contato com as drogas. Mas, certamente, outros fatores, inerentes à racionalidade competitiva, fortemente presentes nas atividades midiáticas, tiveram importância fundamental

no desenvolvimento de sua forma excessiva de uso de droga. A ansiedade gerada nesse ambiente de trabalho, devido às exigências, com relação a sua performance e ao seu desempenho, fez aumentar a necessidade de Pedro responder a esses imperativos externos, que lhe foram colocados, desde os primeiros anos da adolescência. Pedro então intensifica o uso da droga, em sua procura angustiante de atender tais exigências.

(...) Quando comecei a trabalhar na TV, as drogas ilícitas eram mal vista lá dentro, (...) o álcool era de praxe; aí, eu deitei e rolei no álcool. (...) Tinha um bar que ficava de frente à TV que era ponto de encontro; a gente só fazia atravessar, largava do expediente e ia para lá. Então, eu voltei para o álcool; aí, minha droga continuou sendo o álcool. (...) Nesse período, o álcool só me ajudava. Eu fazia muitos amigos, o álcool socialmente é muito aceitável. Eu frequentava muito um restaurante chinês, (...) chegava lá para os diretores da emissora almoçando, eles estavam tomando o uísque deles. Eu chegava tomava o meu uísque antes de almoçar, para ir trabalhar. Então, isso me facilitava, assim, eu era muito bem relacionado (Pedro).

Nessa ocasião, ele aceitou mais uma oferta de emprego numa empresa de produção de eventos para campanhas eleitorais. Passou a trabalhar três expedientes, entrando pela madrugada. O álcool foi, então, acionado para auxiliá-lo a seguir o ritmo e a expectativa do que lhe estava sendo

solicitado, fornecendo a energia necessária para que ele se mantivesse na ativação.

(...) Veio a campanha de governador, e, nessa campanha, bebi demais, porque foi quando comecei a usar álcool dentro do trabalho. (...) Quando estava 'caidaço', meio cansado: cowboy duplo. Olhava assim: 'teacher bota um cowboy duplo'; aí, 'punn', você chega fica aceso; aí, ativava; ai, começava, 'pa, pa, pa', tome cachaça, tome comício, e subia, e vinha gente, e quando estava morrendo o negócio, 'ops', chegava lá no ponto de apoio: 'um cowboy duplo'. (...) aí, eu comecei a me submeter a uma pressão muito grande do meu organismo, eu não me alimentava direito, trabalhei muito, fui submetido a um período de stress. Quando terminou esta campanha, eu tive um problema de gastrite; resultado: tive que fazer um tratamento no hospital. Até aí, o álcool não era problema. Depois desse internamento, eu comecei a ser um pouco mal visto dentro da empresa, foi quando eu fui convidado para outra TV (Pedro).

Apesar de se encontrar abstêmio há mais de seis anos, em sua entrevista, Pedro faz questão de enfatizar a importância da droga em sua vida profissional. Ressalta o quanto as substâncias só o auxiliavam, durante importante espaço de sua trajetória de trabalho. Seus atributos de habilidade, de destreza e de competência profissional, eram favorecidos pelo álcool, mesmo com a dependência já instalada. Em sua área de trabalho, ser bem relacionado com as pessoas, saber

se comunicar bem, ter muitas amizades é muito importante; para ele chegava a ser imprescindível. E isso Pedro fazia, mas confessa que sem a droga era impossível.

(...) Nessa outra TV, também pintava mais cocaína. Eu comecei a cheirar cocaína, antes cheirava esporádico, foi quando eu assumi meu alcoolismo, quer dizer, não que eu assumisse para as pessoas. Tornou-se visível, não dava mais para esconder, eu comecei a beber de manhã para acabar com o treme - treme. Eu fui convidado porque eles me consideravam um bom [profissional], então eu tinha que atender às expectativas deles (Pedro).

(...) Nos FestCollor, eu ficava numa câmara pegando as imagens do pessoal e jogando para um telão (...), frisava a imagem; aí, já fazia uma fusão na galera, na hora. Isso só nos cowboys. A turma tocando, eu passeava com a câmara, ai botava efeitos; com pouco, congelava para mudar de posição. Corria para o lado, abria; os caras diziam: 'esse cara é bom demais, ô magro bom, esse cabra é bom'. Aí, eu tome, aquela coisa, sabe, me achando o máximo, estava me proporcionando um super-homem, 'o cara não existe (Pedro).

(...) Eu bebia muito, misturava várias bebidas e não tinha nada, assim, ficava muito alto, agora não perdia o domínio, não apagava, era uma pessoa, assim, super para cima. Eu me lembro que as pessoas se davam muito bem comigo, eu tinha muitas amizades, namoradas assim, eu tinha duas, três, eu era um cara volúvel nesse sentido. (...) Nessa

época era só álcool, tava pesado no álcool. Eu vivia bêbado o dia todo, para me manter normal como estou aqui. Eu tinha que me manter bêbado porque eu era uma pessoa comunicativa, todos meus amigos que me conheciam, conheciam o Pedro comunicativo, um Pedro para cima, então eu tinha que manter aquilo. Sem beber, eu ficava calado, procurava me isolar das pessoas (Pedro).

Na entrevista, Pedro expressa-se como se realmente fosse glorificado pela impressão que conseguia passar para as outras pessoas, ao tentar, mesmo sem perceber, atender suas expectativas. Pela natureza e pelas condições de seu trabalho, era socialmente pressionado a demonstrar atributos de competência de ser um “cara” habilidoso, “bom demais”, corajoso, bem disposto, “o super-homem”. Tinha que arrancar forças do seu interior para demonstrar isso. Todavia, ao procurar atender, mesmo que auxiliado pelas drogas, essas “exigências”, com relação a seu desempenho, Pedro sentia-se, pelo menos momentaneamente, extremamente realizado. As exigências impostas a Pedro, pelo seu contexto, expressam-se na admiração e na aceitação dos colegas, dos chefes, dos diretores, enfim, de todos que o cercavam pela sua performance e pelo seu desempenho. Mas, também, posteriormente, com a intensificação da dependência, as imposições emergiam nas cobranças, nas queixas, nas críticas, nas discriminações, nas reclamações dos serviços mal realizados.

É interessante notar que, no cenário de exibição da performance, de exaltação do eu, específico das atividades midiáticas de comunicação de imprensa e de publicidade, a lógica da aparência, do sensacionalismo, da evidência orienta também as práticas individuais e as relações dos sujeitos neste universo de trabalho. Os funcionários dessas empresas de comunicação, percebendo ou não, são induzidos a difundir a lógica. Com base nela, podem reelaborar seus valores, suas escolhas e seus estilos de vida. O “bom relacionamento”, com pessoas de dentro e de fora da empresa, é fundamental para poder fluir a informação. Nos encontros diários, em bares e restaurantes específicos, os profissionais discutem questões do trabalho, estabelecem contatos com o público, planejam e agendam suas atividades. Mas, a superficialidade das relações e a competição entre os colegas da mesma empresa e de empresas concorrentes é um forte fator de ansiedade nessa área de trabalho.

Pedro não faz referência a problemas com colegas de trabalho; ao contrário, afirma que se relacionava muito bem com todos, até mesmo com os chefes. E, de fato, as tensões geradas nas relações de trabalho desse tipo de atividade podem tornar-se ilegíveis. É o que Sennett (1999, p. 129) chama de “superficialidade partilhada”. A equipe tende a manter-se unida, mas ficando “na superfície das coisas”, “evitando questões difíceis, divisivas, pessoais”. A pressão da cobrança do desempenho pode parecer vir de fora, da

audiência que o trabalho possa provocar. Mas, além da pressão psicológica da cobrança da competência, exercida por todos, inclusive, pelos espectadores, os trabalhadores da imagem e da informação, como observa Sennett (op. cit., p. 93), estão permanentemente expostos ao “suspense” do imediato, do sensacionalismo, ao que está na eminência de surgir, ao inusitado. O impacto desses aspectos sobre o caráter do indivíduo é a perda de previsibilidade e de confiabilidade que, certamente, também afetam suas relações no ambiente de trabalho e em outros espaços sociais. Por outro lado, a tensão gerada nessas condições laborais impõe profissional a procura de estratégias de defesa do sofrimento emocional, a exemplo do uso de droga, da exposição ao risco e da diversão.

Uma prática que implica na formação de outro traço de caráter comum nas atividades midiáticas, nos grandes e pequenos sistemas de comunicação, é o rumor ou o zumzum, que, segundo Sennett (op. cit), proporciona energia às comunicações. O rumor incorpora-se na superficialidade da encenação das relações humanas de trabalho. Ele atua na construção do espetáculo, pré-fabricando fatos ilusórios que constroem uma imagem desejada pela farsa e pelos boatos. O rumor assemelha-se à mentira analisada por Dejours (1999) como prática discursiva gerada em departamentos de empresas, para promover a valorização de seus serviços. Contudo, nessa sociedade do espetáculo, a utilização de artifícios que formulem uma aparência não é uma prática

exclusiva da indústria da imagem. Essa estratégia abrange os diversos ramos da produção e os diversos espaços da vida social. A banalização da mentira difunde-se nas relações de trabalho, desconstruindo valores éticos, estimulando a participação em fatos que prejudicam e provocam sofrimento em outrem, pondo em risco a dignidade e a própria vida de trabalhadores (DEJOURS, 1999).

Essas práticas banalizadas da mentira e da construção da ilusão, no ambiente de trabalho, expandem-se para outras áreas da vida dos sujeitos. Nas atividades da comunicação, elas podem ser perfeitamente combinadas com a diversão e com o uso de drogas como fomentadoras da energia necessária à execução da atividade. No capítulo anterior, Mauro refere-se à importância do álcool, assim como do ambiente de ostentação política em seu trabalho de criação de textos jornalísticos de caráter enaltecedor. Mas, o uso de droga pode se associar à mentira também como estratégia de defesa do sofrimento psíquico gerado nessas condições de trabalho.

Assim, a mentira é uma prática bastante adaptável às individualidades ávidas pela fuga da realidade, a exemplo dos usuários dependentes de drogas. Para esses sujeitos, a necessidade de fuga através da mentira deve-se à intensidade do sofrimento e da angústia resultantes de suas “imperfeições” e dos “erros” por eles praticados. Todos os entrevistados da pesquisa se referem ao recurso da mentira como estratégia para conseguir a droga e para explicar a outrem atitudes

“inadequadas” sem justificativas. Todavia, para eles, tanto a droga quanto a mentira são igualmente artifícios para construir ilusão. Pedro diz que, para encobrir seus erros, arquitetava mentiras e as afirmava com tanta veemência que ele mesmo acabava acreditando no fato ilusório. Naturalmente, os indivíduos só percebem a ligação de tal comportamento ao consumo da droga. Não conseguem relacionar sua emergência também à pressão das exigências de seu contexto, seja do trabalho, seja de outros espaços sociais.

Como prática de negação do sofrimento no trabalho, a mentira banalizada pode ser incluída naquelas estratégias de defesa que, conforme Dejours (1999. p. 36, 71), podem tornar tolerável o “sofrimento ético”, aquele que o sujeito experimenta ao praticar, devido ao seu trabalho, atos que prejudicam a outrem. A deslealdade, a falta de compromisso, a mentira, a perseguição são traços que atestam a corrosão de caráter dos atores sociais, devido às condições atuais do trabalho, com vistas a maximizar a produção. Essas condições são construídas à base da fragmentação, da ilegibilidade e da falta de significação do trabalho, bem como da superficialidade e da manipulação psicológica das relações e de outros fatores criadores de ansiedade e de “sofrimento ético” e mental. Mas, a corrosão do caráter, mesmo gerada no ambiente de trabalho, produz danos significativos nas relações sociais dos indivíduos, dentro e fora da esfera produtiva, reproduzindo o sofrimento mental e favorecendo a emergência das desordens emocionais. Conforme observa Dejours (1999):

(...) Não podendo gozar os benefícios do reconhecimento do seu trabalho nem alcançar assim o sentido de sua relação para com o trabalho, o sujeito se vê reconduzido ao seu sofrimento e somente a ele. Sofrimento absurdo, que não gera senão sofrimento, num círculo vicioso e dentro em breve destruturante, capaz de desestabilizar a identidade e a personalidade e de levar à doença mental (p. 35).

Contudo, a luta angustiante do indivíduo para garantir a sobrevivência psíquica e para participar da fascinante cultura do narcisismo é interrompida, é a luta pela própria vida. Mesmo as pessoas que nessa guerra já desenvolveram a dependência de droga adotam outras estratégias de defesa, associadas e complementares ao consumo das substâncias, para se manterem na batalha. Essas estratégias atuam sempre no sentido de confirmar a realidade que submete o indivíduo, fortalecendo sua aceitação do real, mas também agem como alívio momentâneo da dureza desse real.

As práticas festivas de diversão, os rituais festivos, comemorativos sempre fizeram parte da história humana como espaços de socialização e de encenação dos estilos de vida; de confirmação dos valores e das crenças das culturas; de reafirmação da memória social. Na atualidade, entretanto, essas práticas, amplamente difundidas e adaptáveis à cultura narcisista dessa sociedade do espetáculo, transformam-se também em mecanismo de defesa contra o sofrimento mental no trabalho e o desamparo nas diversas esferas da vida social.

As diversões tornam-se especialmente apreciáveis pelos usuários compulsivos de droga, cujo desespero angustiante para atender às exigências de seu tempo, os leva a tentar construir, ao menos, ilusoriamente, outras “realidades”. Nesses “mundos de ilusão”, os sujeitos sociais podem reencontrar a felicidade; na imaginação, na fantasia, eles tornam-se capazes de responder aos imperativos a eles impostos.

Na verdade, nos tempos atuais de consumo intensivo de droga, a diversão também compõe o universo de ilusão que fornece amparo ao usuário, portanto, ela também é parte do objeto de dependência. No estudo, quase todos os entrevistados da pesquisa fazem referência aos ambientes de consumo da droga como locais agradáveis, de encontro com os amigos, espaços de divertimento, de alegria. Nesse contexto, as bebidas alcoólicas, mas também as outras drogas, ganham outros artifícios que incrementam seu fascínio. O fato de o consumo acontecer, em geral, em restaurantes, ambientes festivos, com música, dança, sem dúvida, acentua o encantamento pelas substâncias. Contudo, o que ocorre é uma espécie de reforço mútuo dos dois tipos de defesa do sofrimento emocional. Para a maioria dos entrevistados da pesquisa, o contexto de diversão de consumo das substâncias adquire importância e encantamento semelhantes aos da própria droga.

Pedro é um dos entrevistados que mais destacam o consumo do álcool, e mesmo das outras drogas, associado à

diversão e aos ambientes festivos. Esses espaços, muitas vezes, integram seu próprio contexto de trabalho. É certo que, devido à proibição, os lugares públicos são mais propícios ao consumo de bebidas alcoólicas. Os locais festivos mais fechados, com grupos específicos de amigos são mais adequados ao consumo das drogas ilícitas. Pedro e os demais entrevistados seguiam mais ou menos essa regra. Entretanto, ele, frequentemente, usava cocaína em bares e restaurantes. Aproveitava os momentos em que ia ao sanitário, para consumir a droga, voltando à mesa em pleno estado de euforia para beber com os amigos e desfrutar do ambiente de animação. Mas, Pedro também apreciava aqueles ambientes de diversão nem sempre festivos.

(...) Eu sempre cultuei muito pôr do sol; eu tenho uma ligação muito forte com a natureza, com a lua cheia bonita; eu gosto de ir para uma praia, sentar, ficar meditando vendo aquela lua; eu gosto de, no final da tarde, ver o pôr do sol. Eu me pegava a esses momentos, agora sempre usava bebida, às vezes um baseadozinho, maconha e tal, ficava tomando vinho e olhando aquele pôr do sol, escutando música com a namorada (Pedro).

Pedro também se refere à fuga da realidade pela viagem, a alucinação que o efeito químico da droga induz. Diz que usou diversas drogas: coca, maconha, álcool, inalantes, medicamentos, porque gostava da “viagem”. Tinha que estar com a mente sempre nesse estado. Mas, não obstante os

aspectos psicofarmacológicos das drogas na dependência, conforme o recorte traçado neste estudo, a viagem é o ápice do encontro do sujeito com forças interiores através das quais ele alcança sentimentos de competência e de onipotência na vida. Na “viagem”, Pedro encontrava a energia necessária para superar a timidez, o retraimento, o medo, a falta de desenvoltura e outros traços de sua personalidade que dificultavam sua participação nessa sociedade do espetáculo. Na “viagem”, o indivíduo pode criar um mundo da fantasia paralelo à realidade, um mundo onde ele tem controle das situações, onde o desagradável pode ser deletado pelo apagamento ou pela substituição de imagens.

No quadro de encantamento pela droga, os atores estabelecem vínculos diferenciados com as pessoas, com as experiências e com os objetos simbólicos do cenário de ilusão pela diversão. Um dos entrevistados afirma que o seu maior temor em parar de beber era exatamente a possibilidade de perder seu círculo de amizade, pois só conhecia pessoas que bebiam e, portanto, iria ficar sem amigos.

O medo de cortar relações com as pessoas cúmplices de seu desamparo apavora os sujeitos, em quase todos os momentos de sua trajetória de uso intensificado da droga. Trata-se da dependência das pessoas a que se refere Alexandre, no capítulo anterior. Uma das mulheres entrevistadas também relata seu desespero nos primeiros meses de abstinência para vencer a compulsão do consumo do álcool, associado ao

ambiente de diversão. Ela fala da dificuldade de se afastar dos amigos de bebida. Relata a tortura que eram os telefonemas desses amigos de farra, convidando-a para ir à praia e a outros programas de lazer e de consumo de bebida. Para ela, o grande desafio à abstinência era afastar-se daqueles amigos e das diversões.

Outro entrevistado da pesquisa não se refere aos amigos de bebida, mas, ressalta a força e o fascínio que o ambiente de diversão e de consumo do álcool exercia sobre ele. A dependência que ele desenvolveu era da bebida, mas era também do ambiente onde ocorria o consumo, das músicas, do cenário de “divertimento”. Esse entrevistado chama de influência negativa a compulsão para o consumo que vem, mesmo sem ele se programar para beber. Negativa, no sentido de desviá-lo do positivo, do trabalho, de suas obrigações, de sua realidade.

É verdade que, no ambiente de diversão, o desejo de consumo de bebidas pelo usuário regular pode aflorar do clima de euforia e de alegria. Mas, nos casos em que a dependência já está instalada, a compulsão pode surgir do nada, apenas da lembrança, “da saudade”, do clima, do estado mental. Assim, a diversão associada ao consumo de droga emerge como estratégia de defesa, como possibilidade de criação de cenário de ostentação, onde o indivíduo pode realizar a estetização do eu.

Pelo menos outros três entrevistados falam da intensificação do consumo de bebidas nas reuniões semanais e em jantares com os colegas de trabalho. Um deles, Mailson, com 51 anos, em tratamento no RAID, fala do bem-estar que sentia quando estava no ambiente de consumo da bebida; de como os problemas e as atribulações da vida eram suavizadas, ao menos enquanto estava sob o efeito do álcool; de como as dificuldades podiam ser dribladas, “jogadas em baixo do tapete”. E assim se expressa:

(...) Na hora de beber, eu achava que não tinha nada, que valia a pena, porque a pessoa entra em outra, fica num estado diferente da realidade. Eu não conheço drogas mais pesadas, nunca experimentei nada, mas eu aprendi que, com outras, deve ser pior ainda o estado de elevação da pessoa, porque a bebida alivia angústias e tensões, dificuldades, problemas. Ela coloca o cara no céu, pelo menos por uma hora, duas, três. Agora, quando ele volta. ele volta pior, ele volta ressecado, arrependido, sentindo que perdeu tempo, uma série de coisas (Mailson).

(...) Porque o bebedor não enfrenta de cara, porque quando ele vai beber é porque ele quer botar os problemas de baixo do tapete, faz de conta que não tem nada, quando na verdade o problema continua lá. Por quê? porque ele não quis resolver o problema, ele preferiu ir para um bar em vez de encarar o problema frente a frente (Mailson).

Maílson iniciou o consumo mais frequente de álcool, após os trinta anos, quando já estava trabalhando como engenheiro numa Companhia Hidroelétrica. Antes, o uso de bebida era esporádico e ocasional. Conforme ele expressa, a regularidade do consumo foi ocorrendo devido aos encontros com os colegas de trabalho, após o expediente. Depois passou a receber os amigos em casa para beber, o dia inteiro, “até não aguentar”, todo final de semana. Quando percebeu, não conseguia mais controlar o uso. As tentativas de parar eram breves, logo ficava arquitetando motivos e ocasiões para retornar o uso intensivo da bebida.

Devido à proibição da esposa, com relação às bebedeiras em casa, Maílson passou a sair para os bares próximos do trabalho e de sua residência. Após cinco anos de uso mais frequente e intensivo, ele, enfim, admitiu que uma série de problemas surgidos, em casa e em seu trabalho, era devido ao seu modo de beber. Maílson teve uma trajetória de consumo de álcool bastante diferente do percurso de uso de drogas trilhado por Pedro e pelos outros dois entrevistados citados no capítulo anterior. Iniciando, já na fase adulta, seu uso intensivo de bebidas, como ele mesmo percebe, embora associado à diversão, estava fortemente relacionado ao ambiente e às condições de seu trabalho. Ele relata como os locais de bebedeira se convertiam em espaço de discussão acerca dos problemas do trabalho. As disputas, o fato de um querer derrubar o outro eram os principais assuntos.

É verdade que, no período, Mailson e seus colegas vivenciavam o processo de reestruturação da empresa estatal em que trabalhavam. As questões relativas à instabilidade, à desqualificação de funções, às mudanças alteravam as relações de trabalho e geravam tensão dentro e fora do ambiente de produção. A angústia devido à competição desleal é uma das queixas de Mailson. Contudo, a necessidade de exposição ao risco, a busca de se sobressair diante dos demais, bem como a procura de evidência de sua competência eram menos pronunciadas em sua história, o que pode servir de explicação para sua rápida aceitação do tratamento, ao ser encaminhado pelo chefe. As perdas salariais, devido às faltas no trabalho, em comparação com a situação da maioria dos entrevistados, não eram tão significativas. Sua incursão no uso intensificado do álcool está, portanto, mais associada às estratégias de defesa do sofrimento psíquico no trabalho, pela diversão ou pelo consumo do álcool, tal como é abordado por Dejours (1992, 1999).

De fato, assim como em outras culturas, na sociedade moderna a diversão encena, reconstrói o cotidiano. Mas, nem ela nem a droga conseguem fortalecer o indivíduo para retornar ao cotidiano. Após o espetáculo, os sujeitos são novamente lançados ao vazio intensificado. A fala de Mailson revela seu reconhecimento de que, pela droga e pelo ambiente de diversão, o sujeito busca a fuga da realidade. E esta, na verdade, é uma visão cada vez mais corrente entre os

usuários que se mantêm consumindo intensivamente a droga e, também, entre aqueles que se encontram em tratamento. Mas, esta percepção, em geral, está ligada a outros dois entendimentos: num deles, a fuga da realidade é uma opção do indivíduo, uma escolha de um estilo de vida ou de uma realidade mais agradável, sendo esse o pensamento mais comum entre os sujeitos que mantêm o uso intensivo de droga; uma outra visão é a de que a fuga da realidade é uma procura do sujeito, que evidencia sua fraqueza, sua falta de coragem de encarar a realidade. Seria uma covardia ou coisa semelhante. Esta visão é a mais disseminada na população e parece difícil de desprender-se dos próprios profissionais dos serviços de saúde, dos usuários abstêmios e até dos técnicos dos centros de tratamento de droga.

Entretanto, embora as duas visões tomem por base evidências concretas de motivações para a fuga do real, pelo uso de drogas e pela diversão, ambas não conseguem identificar os imperativos de ordem social, inerentes às condições de trabalho e a outras condições de vida dos sujeitos que orientam suas escolhas. Fica, então, despercebida a pressão da racionalidade da organização social sobre a interioridade dos indivíduos, provocando sofrimento e deformações de caráter, impondo a estes a construção ilusória de outras realidades.

De fato, nesses cenários de ilusão, constroem-se vínculos afetivos e de amizades, resolvem-se negócios, criam-se relações que, embora reproduzam e reforcem a lógica

de organização da sociedade, parecem provocar menos sofrimento aos atores sociais. Nesses contextos de espetáculo, os indivíduos, auxiliados pela droga, podem encenar mais livremente a estetização da existência e a exibição do eu, exaltar atributos de coragem, de competência e a capacidade de vencer, de ser o melhor. Enfim, podem ser evidenciados e admirados.

Na diversão, os sujeitos também podem escolher os espaços mais adequados para teatralizarem as cenas da onipotência e do espetacular. Criam mundos ilusórios que, de tanto desejar tornam tais mundos reais. Assim, os indivíduos, através de estratégias de defesa do sofrimento mental no trabalho, também reafirmam a lógica vigente, encenam seu drama, reforçam seus ideais. A fuga da realidade acaba sendo, na verdade, uma tentativa de fuga apenas do sofrimento que emerge do desamparo, sem que ocorra a negação propriamente do real. Ao contrário, a angústia, o sofrimento do sujeito decorrem, justamente, do fato de eles fracassarem ao tentar acompanhar a lógica, apesar dos esforços sobre-humanos para atender seus imperativos.

Dos dezoito entrevistados, apenas um rapaz em tratamento no RAID devido à dependência de cocaína, não associava o consumo de droga à diversão. Devido a outros aspectos de sua subjetividade, preferia o isolamento, gostava de consumir a droga sozinho, quando estava trabalhando ou quando estava só com a namorada, em consequência da ati-

vação, pela droga, do desejo sexual. O retraimento para o consumo da droga é pouco comum entre os homens. Apenas em fase bastante avançada da dependência, sobretudo do álcool, o indivíduo pode preferir o isolamento e o afastamento dos amigos da bebida.

Nos atuais contextos festivos de uso de droga, de maneira semelhante aos contextos mítico-religiosos tradicionais, o consumo de substância possibilita o encontro do sujeito com o sagrado que fornece energia ao indivíduo para que ele possa enfrentar as dificuldades de seu mundo, de seu tempo. Contudo, retomando a interpretação de Ballandier (1997, 1999, p. 157), o sagrado moderno aparece enfraquecido, difuso e transfigurado numa multiplicidade de mitos. Em sua ambiguidade, o sagrado “já não mais recebe sua forma de instituição religiosa”, “investe em objetos vários”.

Na atualidade, o sagrado toma a forma da própria droga, objeto que, nos contextos tradicionais, exercia o papel simbólico de sua mediação. Na contemporaneidade, o sagrado torna-se impotente para fornecer aos sujeitos forças para seguirem a lógica de organização dessa sociedade, que a eles se impõe e os leva à exaustão. O sagrado torna-se incapaz também de eliminar a angústia e o sofrimento, produzidos pela dureza da existência no trabalho e em outros planos da vida, num mundo extremamente individualizado e tomado de incertezas.

A ilegibilidade e a fragilidade do sagrado moderno deixam os indivíduos em estado permanente de desamparo, mas a demanda das forças invisíveis intensifica-se. A dependência volta-se para o contexto e para os meios de comunicação do sujeito com aquelas forças sobre-humanas, que deveriam orientar sua vida, sua relação com os outros e com o mundo. Mas, essas forças se tornam cada vez mais inacessíveis. A demanda do sagrado torna-se, portanto, a demanda da droga, do contexto de diversão, das relações que se estabelecem nesse contexto e também de outras práticas que prometam restabelecer a energia procurada pelo indivíduo.

Assim, na esfera produtiva, onde mais se manifesta a condição de desamparo social, os sujeitos usuários de droga também associam o consumo das substâncias à prática de afrontamento ao risco. Essa prática funciona como estratégia de defesa contra o sofrimento mental no trabalho, muito embora, o próprio uso intensificado de droga apresente-se como uma modalidade de afrontamento ao risco. Na história de Pedro, seu mergulho no uso intensificado das substâncias, que desembocou na dependência, marca também essa necessidade de exposição ao risco, de ultrapassar limites, de realizar proezas. Sua trajetória de consumo de droga traça um percurso de aventuras e de afrontamento à morte. Mesmo antes do agravamento da dependência, mas já em plena atividade profissional, sempre gostou de frequentar locais “barra pesada”; participou de festa em cemitério; pertenceu

a grupos com estilo de vida alternativo, adepto a práticas de risco; comercializava pequenas quantidades de cocaína e maconha, expondo-se à repressão policial.

Nas atividades específicas do trabalho, Pedro fala do afrontamento ao risco como atitude de competência, de coragem e de disposição para a luta. Preferia tarefas difíceis, que trouxessem desafios e em que ele se evidenciasse. Algumas reportagens que apresentavam perigo, só ele tinha coragem de realizar. Ele mesmo reconhece sua necessidade de exposição ao risco, embora a atribui apenas a sua dependência de droga. Naturalmente, Pedro não consegue perceber que ambas as necessidades são parte de um complexo que evidencia seu vazio interior e seu sofrimento psíquico, decorrentes de sua condição de desamparo social no trabalho e na vida. A droga, o risco, a diversão aliviam momentaneamente esse vazio e esse sofrimento, porém não impedem que eles se intensifiquem. Segue trecho do seu relato:

(...) Eu me sentia ótimo dentro de um presídio. Em rebelião do presídio, eu tomava uns dois 'rabo de galo' desses, três, entrava, os caras ali no Presídio em dia de rebelião, eu ficava fazendo imagem de cima, ali. Nem o sargento penitenciário entrava no pátio; eu entrava, eu dizia oh, eu entro. Eu com umas três na cabeça entrava, fazia as imagens, meu auxiliar também era na mesma energia. Mas, hoje, eu não entraria, eu tenho medo dessas coisas; é porque a gente tem uma necessidade de se expor ao perigo (Pedro).

No plano do trabalho, conforme observa Dejours (1992, 1999), a exposição ao risco funciona como uma estratégia de defesa contra uma ansiedade que se generaliza entre os trabalhadores das atividades perigosas. O desafio ao risco surge como tentativa de domínio simbólico do medo, gerado nessas atividades e que provoca o sofrimento mental. Para os usuários dependentes de droga, o risco faz parte de seu cotidiano, sendo eles de maior ou menor gravidade, conforme suas condições de trabalho e de vida.

A atividade profissional de Pedro também o expunha a medos específicos. O temor da incompetência profissional, de se mostrar incapaz, de não dar conta dos dramas da comunicação pareciam o apavorar. Precisava permanentemente estar disposto, bem humorado para exercer sua atividade e manter seus relacionamentos profissionais. Era necessário também se defender da concorrência, mostrar-se mais do que competente; aparecer como o melhor. No seu meio de trabalho, só quem brilha é digno de reconhecimento. Assim, sob a ótica da interpretação de risco elaborada por Le Breton (2000), a exposição ao perigo, no caso de Pedro, significa a busca de reafirmação de sua competência, a procura de evidência de sua capacidade de se manter na prova, a tentativa de assegurar sua legitimidade de existir. Como estratégia de defesa do sofrimento no trabalho, o afrontamento ao risco, tal como o uso de droga e a diversão, também age como

fator de conformação, de aceitação das condições vigentes de trabalho, de exercício de adaptação a essas condições.

Mesmo com a intensificação da dependência, Pedro não recua, prossegue em sua exposição ao risco, apesar da iminência da morte. Naturalmente, ele reluta em admitir que seus problemas e suas perdas se agravaram também devido a sua maneira intensificada de consumo da droga, pois, até então, as substâncias só o ajudavam. E, de fato, as perdas e os fracassos que lhe ocorriam eram resultantes, sobretudo, de toda uma trajetória de luta e de exaustão de suas energias para seguir a lógica e atender as expectativas a ele impostas por suas condições de trabalho e de vida. A droga, a diversão, o afrontamento ao risco, que o auxiliavam no esforço para acompanhar o ritmo, também foram levados ao limite, especialmente o álcool, perdeu sua eficácia.

Pedro passou a ser chamado à atenção e a ser cobrado por trabalhos mal realizados. Ele reconhece que, nessa época, pouco antes de ter sido praticamente obrigado a pedir demissão do seu segundo emprego em TV, saía para trabalhar e, no dia seguinte, não sabia o que tinha feito. Chegava a fazer matéria jornalística completa, em total apagamento. O medo, agora, o tomava sem saber o que tinha e o que não tinha feito. Pedro comenta o equívoco das pessoas que o elogiavam como bom profissional e, ao mesmo tempo, lamentavam sua bebedeira. Não compreendiam que ele era *“movido pela bebida”*. O álcool era seu *“elixir da vida”*.

Após a perda desse último emprego, a crise de Pedro acentua-se. Veio a segunda separação conjugal, chegou também a depressão, mas o álcool e a cocaína não conseguiam aplacar. Com a perda dos salários, Pedro deixou de frequentar os bares e restaurantes costumeiros. Passou a procurar locais de consumo de álcool e droga, frequentados pelas pessoas de baixo poder aquisitivo. Por falta de dinheiro, precisou pedir restos de cachaça para beber. Passou a ser encontrado pela família em condições degradantes na rua, em praças, mercados, locais públicos de circulação de pessoas. Foi interno em hospitais, por diversas vezes, fortemente debilitado, retornando ao consumo do álcool logo após os tratamentos.

Assim, nos relatos dos sujeitos da pesquisa, a exposição ao risco aparece de diversas formas. Nos homens, sobretudo naqueles que iniciaram o uso intensificado de droga ainda na adolescência, a atração pelo risco torna-se mais evidente. Os riscos de trânsitos e os próprios acidentes são geralmente citados pelos entrevistados, mas sempre associados ao uso de droga, especialmente o álcool. A perda dos proventos do trabalho, do salário ou do dinheiro acumulado, devido à exposição ao risco, é uma das consequências mais frequentes. E não se trata apenas do dinheiro gasto com o consumo da droga. A maior parte dessas perdas resulta da necessidade do sujeito de exercer, pela exteriorização, a exaltação do eu, pelos gastos exorbitantes que lhe conferem onipotência e o põe em evidência.

Através dessas experiências de exposição ao risco, associadas ao consumo intensivo de droga, o sujeito pode expressar seu autocentramento e sua busca narcísica de admiração. Mas, pode também aplacar a angústia e o sofrimento que impedem a exaltação de sua interioridade. Nessas aventuras, conforme os relatos da maioria dos entrevistados, foram perdidos investimentos comerciais, imóveis e boa parte dos rendimentos mensais. Alguns entrevistados procuraram tratamento, exatamente devido a essas perdas.

Essa perseguição ao risco, que a princípio evidencia o desejo insaciável do sujeito de se sentir valorizado, reconhecido, admirado, revela a densidade de um sofrimento psíquico emocional, causado pelo desamparo social. Através do consumo intensivo de droga, da tentativa de fuga da realidade e do afrontamento ao risco, o indivíduo, levado a exaustão de suas forças, passa a desafiar seu trabalho, suas relações afetivas, sua própria vida. A falta de compromisso, o não cumprimento de obrigações, as irresponsabilidades avolumam-se.

No trabalho, a perda de função, de emprego e a redução do desempenho profissional afetam sensivelmente as trajetórias dos sujeitos. No plano afetivo, os conflitos familiares e os cortes dos vínculos conjugais provocam e agravam dolorosas crises. A falta de percepção do usuário da associação desse seu estado às condições impostas pelo seu contexto, impossíveis de serem atendidas, imobilizam-no. Intensifica-se seu sentimento de fracasso e de incompetência,

agravando, portanto, seu sofrimento psíquico. O desamparo, que se apresenta na dependência da droga, passa a evidenciar-se também em outras desordens emocionais, a exemplo do pânico e da depressão. Contudo, é nesse momento crucial de crise que as pessoas em situação de dependência de droga podem expressar suas tentativas de mudanças.

Em algumas ocasiões de crise, após as internações, Pedro tentou parar o consumo do álcool, uma vez que essa droga que tanto o ajudou chegou ao limite do seu efeito, não conseguia mais arrancar sua energia e o acompanhou à exaustão. Numa das tentativas, ele relata que conseguiu ficar um bom tempo sem beber, mas mantendo o uso de cocaína e de maconha. Com o apoio dos familiares, pôde comprar seus equipamentos de trabalho e voltar a atuar profissionalmente em seu próprio negócio, fazendo contratos e ganhando dinheiro. Parecia estar firme na abstinência do álcool. Nessa época, ele também começou comercializar pequenas quantidades de cocaína que seu primo lhe repassava, inclusive como pagamento de serviços profissionais. Mas, a permanência de Pedro em contexto de risco e de consumo de outras drogas, o retorno ao trabalho por vezes exposto a ambientes de excessivo consumo de bebidas, fragilizava seu esforço pela abstinência do álcool. Numa dessas festas de trabalho, uma vaquejada, Pedro sentiu vontade de tomar uma cerveja e não resistiu. Ele diz:

(...) Eu estava me segurando sem a bebida porque as outras drogas nunca me levaram

a perder o controle, mas a bebida levava, fui pegar um refrigerante no isopor, puxei, uma cerveja, estava suada assim, eu com a boca seca e com aquele calor; eu digo, sabe uma coisa, só essa, comecei (Pedro).

Pedro relata que, depois dessa cerveja, não consegui mais parar. Após alguns dias, a festa acabou, todo mundo voltou para as suas cidades, e ele ficou lá, numa pousada, bebendo sem controle. Sequer terminou as gravações. Para sair da pousada, teve que deixar o equipamento com a dona do estabelecimento, como forma de pagamento. E assim, retornou toda a situação: o consumo intensivo da bebida, o abandono por todos, a as condições degradantes e as internações.

Em uma dessas internações, Pedro apresentou forte crise de abstinência alcoólica e ao cair sofreu ferimento na cabeça, ficando em coma cerca de uma semana. A partir dessa internação, que durou dois meses, ele procurou um grupo de Alcoólicos Anônimos, mantendo-se em recuperação por mais de oito anos. No coma, Pedro diz que passou os momentos de maior proximidade com a morte. Ele acredita que atravessou o outro lado da vida, tendo sido iluminado por entidades espirituais e recebido de Deus uma nova chance de viver. O episódio trouxe novo ânimo para Pedro, mostrou-lhe a importância da vida, agora restava a ele retomar novo caminho.

Apesar de a exposição ao perigo ter levado Pedro ao confronto com a morte, ele parou o consumo do álcool, mas,

inicialmente, não conseguiu cortar totalmente o vínculo com as outras drogas. O novo programa de vida, nos primeiros meses, parecia não ser capaz de preencher seu vazio interior, suavizado, até aquele momento, apenas pelo efeito narcótico das substâncias. Assim ele se expressa:

(...) Eu sentia falta de alguma coisa. Teve uma época na minha vida que, para eu estar bem, eu tinha que estar com alguma coisa em cima de mim, alguma droga, já que eu não tinha mais a bebida, eu tinha que ter alguma coisa para me mover. Então, naquela época, eu estava usando cocaína e tome cheirar pó, cheirar pó, cheirar pó, e o pó é o seguinte: o cara cheira e 'pamm', dá aquele 'plim' quando vai morrendo, lá vai cheirar outro e, ali, escutando som, escrevendo umas coisas, fazendo uns projetos, e tome escrever, e cheirando, e fazendo o que o pessoal chama de mesclado que é misturar o pó com a maconha, e faz um negócio que já dá um barato diferente, e tome cigarro, e tome pó (Pedro).

Após uma noite nesse ritmo de consumo de droga, Pedro, que já havia iniciado a programação de Alcoólicos Anônimos, diz que teve "um estalo, uma grande sacada de trocar aquilo ali pelo Poder Superior, por Deus". Resolveu dar um ponto final, seguindo os "Doze Passos" do AA. Jogou tudo fora, no mesmo dia, pois, como ia parar, "tinha que ser radical". Em pouco tempo, ele e outro companheiro fundaram um grupo de Narcóticos Anônimos na cidade.

Pedro percebeu que se continuasse usando outras drogas, e da forma que as utilizava, mais cedo ou mais tarde estaria na mesma situação a que chegou com o álcool. Sua participação em Alcoólicos Anônimos possibilitou essa compreensão. Mas, ele também reconhece que dependia da energia da droga para viver. Não poderia deixá-la sem realizar a substituição. O sagrado, agora representado por Deus, assume o lugar da substância. O “Poder Superior” aparece como uma nova fonte de força, ânimo e coragem imprescindíveis a Pedro, em sua nova trajetória. A partir de então, ele dedica-se a sua recuperação no Programa dos “Doze Passos”, mas também procura outras práticas religiosas que o ajudam a reconstruir seu novo sentido de existir. Reafirmando a experiência do coma, ele diz que se adaptou melhor às religiões espiritualistas. Entre estas, teve participação significativa nos cultos da União Vegetal e do Santo Daime.

Felizmente, Pedro conseguiu manter-se distante do álcool e das demais drogas por mais de oito anos que viveu. Construiu uma nova família (esposa e filhos), retomou o trabalho de maneira mais segura, fez novos amigos e se envolveu em outras organizações e práticas espirituais que fortaleciam seu novo caminho sem as drogas. Mas, de fato, o vazio interior e o sofrimento psíquico construídos ao longo da história dos sujeitos, decorrentes de seu desamparo social, e que a droga momentaneamente anestesia, dificilmente serão suportados sem um amparo emocional terapêutico ou mesmo religioso,

que forneça novas energias ao indivíduo. A cada crise, mais o sujeito se aproxima do caos, mais se agrava sua situação de sofrimento, mais se intensifica seu estado depressivo e seu consumo das substâncias, mantendo-se ininterrupto o círculo.

Assim, nas condições atuais de existência em que fracassam as estratégias de defesa do sofrimento humano no trabalho e em outros planos da vida, a depressão emerge como um sintoma desse sofrimento e da falta de perspectiva do sujeito frente ao caos. A depressão surge, então, como uma entidade nova na “organização mental contemporânea”. Ela denuncia o esgotamento das forças do indivíduo, na luta pela sobrevivência psíquica, num mundo onde as regras e os parâmetros da competição que orientam os indivíduos estão bem acima da capacidade humana de atender. Nas condições de existência dos novos tempos, a depressão, conforme Roudinesco (2000), remete “a um estado pensado em termos de fadiga”, “déficit” ou “enfraquecimento da personalidade”.

Conforme Ehrenberg (1998), na sociedade atual o homem torna-se depressivo devido ao fato de ele ter de suportar a ilusão de que tudo é possível. O autor compreende as toxicomanias, incluindo o alcoolismo e a dependência de medicamentos, como sendo a outra face da depressão. A “implosão depressiva” - a dificuldade de agir - e a “explosão aditiva” - a ação desregrada - estão interligadas; elas são diferentes aparências do mesmo sintoma do vazio existencial.

A associação entre dependência de droga e depressão é, portanto a evidência maior do impacto corrosivo da contemporaneidade sobre a interioridade dos indivíduos. O sujeito depressivo, dependente de droga, pode até reconhecer que perdeu suas forças; que a droga não mais lhe fornece a energia necessária para permanecer na luta. Mas, ele precisa da substância para aliviar sua dor, para ao menos, sobreviver e necessita daquela que convencionou seu uso, que sempre lhe ofereceu amparo.

As ocasiões de crise familiares, afetivas, profissionais são colocadas por quase todos os entrevistados como momentos de intensificação do uso da droga. É, portanto, nessa fase de maior exposição aos riscos, de grandes perdas e de proximidade com a morte que, em geral, também ocorrem as tentativas de parar o consumo das substâncias e a busca de tratamento. Mas, apesar dos desencantos, da redução do poder da droga de fornecer ânimo e alívio ao sofrimento psíquico, viver no vazio, sem a substância, é praticamente impossível. A solidão e o desamparo a que estão lançados os indivíduos impedem que eles vislumbrem saídas para suas crises e dificuldades, nesses tempos de riscos e incertezas.

Entre os entrevistados da pesquisa, vários apresentavam o estado de depressão combinado com a dependência de droga. Dois deles, dependentes de álcool, em tratamento no RAID, foram entrevistados em plena crise depressiva. Tomados pelo desânimo e pela tristeza, esses participantes da pesquisa

pareciam não encontrar mais razão nem alegria para viver. Os psicotrópicos a eles medicados, no momento de crise, tinham pouco efeito sedativo. A insuportável compulsão para beber que um deles dizia sentir na ocasião da entrevista, revelava a angustiante procura de algo mais, que a medicação antidepressiva, com seu potencial químico, não conseguia oferecer. Os dois entrevistados afirmavam que, em toda trajetória de consumo de bebida, era na fase da depressão que mais sentiam necessidade de beber. O álcool ajudava a superar o extremo mal-estar.

É interessante notar que três das quatro mulheres entrevistadas começaram o consumo intensivo de bebidas alcoólicas com mais de trinta anos, e as três referem-se à depressão e ao pânico, associadas ao consumo do álcool. Elas também procuraram mais rapidamente o tratamento do que os homens, com exceção de Maílson que, em cinco anos de uso compulsivo - tempo relativamente curto em relação a outros homens entrevistados -, procurou um serviço de recuperação.

Com relação à especificidade da dependência de álcool nas mulheres, as pesquisas americanas indicam algumas hipóteses: as complicações do alcoolismo aparecem mais cedo nas mulheres, obrigando-as a procurarem tratamento mais rapidamente; os homens começam mais cedo a consumir bebidas alcoólicas e, devido à maior aceitação social do alcoolismo masculino, eles procuram tratamento mais tardiamente (RAMOS R, 1991).

Ramos R. (op. cit.) assinala também a presença maior de distúrbios psiquiátricos afetivos, do tipo depressão, nas mulheres do que nos homens usuários intensivos de álcool, mas não só nas mulheres dependentes de álcool, também na população feminina em geral. Ainda na tentativa de apontar causas para o alcoolismo feminino, outros estudos citados pelo autor mostram a associação entre o consumo abusivo e a dependência do álcool nas mulheres relacionada a “situações perturbadoras”: morte na família, desemprego, separação conjugal, entre outras. Os mesmos autores associam a emergência dessas perturbações também ao desencadeamento de quadros depressivos.

Mas, não obstante o vasto espaço de investigação existente sobre a questão, na ótica deste estudo, percebe-se que as alterações recentes nas estruturas sociais patriarcalistas vêm redefinindo as relações de gênero e inserindo cada vez mais as mulheres na vida social e no mercado de trabalho. Essas alterações também impõem às mulheres novas responsabilidades, até pouco tempo exclusivamente masculinas. Contudo, elas ainda se encontram menos expostas que os homens às expectativas de competência na vida e de destaque profissional. Na pesquisa, as mulheres entrevistadas, apresentam menos os traços narcisistas característicos desta sociedade. Contudo, todas estão inseridas no mundo do trabalho, expostas aos mesmos critérios, relações e exigências da atualidade.

A depressão, o pânico, a toxicomania surgem em decorrência dos sentimentos de fracasso, de incompetência, de desqualificação, de incapacidade dos indivíduos de atingirem o destaque, de serem alvo de admiração, na sociedade do espetáculo. Mas, as desordens emocionais podem aflorar de formas diferenciadas, também, em decorrência do desamparo e do sofrimento, fruto das decepções, das frustrações, das angústias, das ansiedades que emergem das relações sociais, fundadas nos ideais narcisistas dessa sociedade. As mulheres não são as principais vítimas só da depressão; elas sofrem também mais que os homens, como expõe Giddens (1993), da síndrome da codependência: desordem emocional decorrente dos relacionamentos próximo com pessoas dependentes de álcool, drogas ou portadoras de outras compulsões.

Uma das mulheres entrevistadas, Diva, em tratamento no RAID, diz que, só após os cinquenta anos, iniciou o consumo mais frequente de álcool associado à depressão. Conforme ela explica, a intensificação de seu consumo de bebida aconteceu a partir de uma fase de muitas mudanças com cortes de funcionários na empresa estatal em que trabalhava, como economista. Estas mudanças culminaram com sua aposentadoria compulsória. Diva bebeu durante sete anos. Na ocasião da entrevista, já estava sem beber há quatro anos e ainda frequentava o RAID como manutenção do tratamento.

Diva viveu a adolescência e a juventude sem apresentar qualquer problema com droga. Ela também não se refere

a questões familiares, com o marido ou com a filha, que pudessem justificar a emergência ou a intensificação de seu alcoolismo, muito embora afirme que eles sofreram muito com sua trajetória rumo à autodestruição, mas sempre estavam ao seu lado. Diva é uma das poucas pessoas entrevistadas que tentam enfatizar a ocorrência de alcoolismo em parentes relativamente próximos. Todavia, seu processo curto, porém intenso, de incursão na dependência do álcool, está fortemente relacionado às mudanças na sua vida profissional, que também desencadearam um quadro depressivo. Atuante em sua atividade, Diva vivenciou a crise de desmonte da empresa estatal em que trabalhava. As mudanças e as pressões psicológicas da seleção dos “escolhidos” para a aposentadoria, para demissão ou para transferência de setores eram discutidas nas reuniões semanais, em casa de algum colega de trabalho ou em sua própria casa.

Nesses encontros de diversão, com muita bebida o dia inteiro, o grupo discutia as possibilidades de superar as mudanças, mas não deixava de reconstituir o clima de ansiedade e de tensão do ambiente de trabalho, mantendo ativas as preocupações quanto às implicações de tais mudanças em suas vidas. Esse cenário de diversão é revelador da armadilha das estratégias defensivas da ansiedade do trabalho, analisadas por Dejours (1992, 1999). Posteriormente à fase das reuniões, Diva continuou a beber em casa, sem os amigos; uma prática que ainda continua mais frequente entre as mu-

Iheres. Depois, vieram as crises depressivas e Diva não conseguia mais parar o consumo do álcool sem tratamento. Segue trecho do seu relato:

Meu processo de dependência começou há oito anos. Eu me tratava com doutor Evaldo, de depressão. Foi quando ele descobriu que não era a depressão só, detectou o alcoolismo. (...) Fiquei assim um período de quatro anos, sem beber nada; quando eu tive a depressão, eu voltei a beber. Quando eu digo voltei a beber, foi beber de verdade, beber o dia todo. Quando eu me aposentei, aí a coisa piorou, eu fiquei solta né, sem fazer nada, então bebia, bebia, bebia... Fiquei deprimida, e a depressão me levava à bebida, e a bebida me levava à depressão, e era o círculo: ficava aquela bola de neve, que eu não sabia como sair. (...) Quando estava em tratamento, tudo bem, eu não estava no RAID e depois passei dois anos. Aí, começou a depressão novamente, eu voltei a beber; aí foi uma fase mais pesada; eu bebia mais em casa, começava mais ou menos às 10 horas da manhã e bebia até quando dormisse, depois acordava e bebia novamente. Isso foi um processo de destruição minha e toda a minha estrutura familiar viu. Eu sei que todo mundo sofria (Diva).

Com base em estudo realizado por Dejours (1999) sobre o sofrimento psíquico de trabalhadores franceses, Roudinesco (2000, p.13) levanta observações sobre o tempo livre do sujeito e o sintoma da depressão. A autora diz que: “o indivíduo depressivo sofre ainda mais com as liberdades

conquistadas por já não saber como utilizá-las". À medida que se alongam o tempo de vida e o do lazer, o tempo do desemprego e o tempo do tédio, "o sujeito já não tem tempo para nada".

No desemprego, e de certa forma na aposentadoria, o trabalho deixa de ser reconhecido pelo outro. À medida que isso ocorre, a atividade também perde a significação para o sujeito. Da mesma maneira, quando as condições e a natureza desse trabalho não mais satisfazem aos desejos de felicidade almejados pelo indivíduo, o vazio interior tende a aparecer. Esse vazio é construído ao longo de toda uma história passada e presente de desamparo e de sofrimento emocional do sujeito em diversos planos da sua vida, inclusive suas expectativas para o futuro.

Não obstante o tratamento e a medicação, na ocasião da entrevista, Diva encontrava-se extremamente depressiva. Estava vivendo sozinha; o marido havia falecido há dois anos, e a filha, já casada, trabalhava e morava em São Paulo. A falta de uma atividade, do que fazer, era o que mais a angustiava. Seu estado físico parecia diminuir sua condição de realizar algum trabalho. Respirava com dificuldade, ainda assim, fumava bastante. Contudo, o estado emocional, certamente, consistia no maior impedimento para que ela realizasse qualquer atividade, desmotivando-a até a fazer alguma viagem.

Na realidade, a angústia e o sofrimento psíquico, decorrentes do desamparo social do sujeito, afloram nos

sintomas da depressão, do pânico e da dependência, mas estes mesmos sintomas também intensificam o vazio e a dor emocional. Todavia, somente a partir da compreensão desse círculo e do seu drama, o sujeito poderá, se desejar, implementar estratégias menos destrutivas para contornar a situação ou modificá-la.

Um dos entrevistados da pesquisa começou a usar cocaína a partir dos 35 anos. Em seis meses de uso, ele diz que se tornou dependente e nunca teve problema de uso excessivo, nem com álcool, nem com outra droga, anteriormente a essa fase. Ele consumia cocaína há seis anos e, desde o segundo ano, começou a procurar o tratamento. Foi interno quatro vezes, entretanto exalta seu encanto pela droga por ela tê-lo ajudado a entender a angústia e o vazio que a depressão sempre lhe causou. E isto ele só conseguiu descobrir a partir do uso da droga, pois só ela substituía “alguma coisa que sempre [lhe] faltava”. Ele procurava essa coisa no poder, no dinheiro, mas, pela cocaína, era muito mais fácil, muito mais rápido. Fala dos sentimentos de rejeição, de abandono e sobre a dor quase física que sentia antes da cocaína. Mesmo casado, com filhos e com um bom emprego, antes se sentia uma pessoa fracassada, muito frágil. Hoje, ele tenta superar o vazio e a depressão com o tratamento.

O pânico é outra modalidade de sintoma emocional comum entre os dependentes de droga que, igualmente à depressão, emerge na atualidade como evidência da impossi-

bilidade do indivíduo de exercer a almejada exaltação do eu, requisito da cultura do narcisismo. É nesse sentido que Birman (1999, p. 248) interpreta o expressivo crescimento das toxicomantias nas últimas décadas. Seja pelas drogas proibidas, pelas lícitas ou pelos psicofármacos, conforme o autor, “o que está sempre em pauta é a transformação do sujeito inseguro, deprimido e panicado em cidadão da sociedade do espetáculo”.

O pânico, da mesma forma que a depressão, aparece nas histórias dos entrevistados tanto durante o percurso de uso intensificado da droga, quanto na abstinência, no período de tratamento. Uma entrevistada, funcionária pública, fala que, em seu terror, chegou a faltar ao trabalho por cinco meses, com medo de enfrentar a chefe do setor, sem nenhum outro motivo concreto, a não ser as próprias faltas.

Outro rapaz entrevistado, que na ocasião estava desempregado, chegou a fazer um verdadeiro desabafo de revolta e desespero sobre sua condição de inutilidade e de fracasso na vida e sobre sua dificuldade em lidar com o pânico, com a depressão e com a compulsão pelo álcool. Em tratamento no PAIAD/UFPB, mas ainda enfrentando as “recaídas”, ele diz como o medo das pessoas o apavorava. O pânico de perseguição por homem ou por mulher podia ocorrer desde que ele se sentisse observado.

A depressão e o pânico podem ser anteriores à dependência da droga e intensificados com o consumo, ou

mesmo somente percebidos quando a falta da droga acentua aqueles sintomas. Contudo, todos os entrevistados que apresentavam outras perturbações emocionais, em diversas ocasiões que procuravam as drogas, era exatamente para aliviar a angústia e o mal-estar do seu estado emocional.¹⁷

A toxicomania da atualidade, como assinala Birman (1999), emerge e se expande como um contraponto das desordens emocionais. “A realidade psíquica dos toxicômanos, oscila entre a depressão severa e a mania, entre o vazio quase absoluto da estesia narcísica e a expansão triunfante produzida pelos efeitos da droga”. (p. 224). Nessa perspectiva, as toxicomanias, inclusive as dependências, não deixam de ser uma forma de busca de alívio das angústias, da dor e do sofrimento psíquicos. Semelhante às terapêuticas psicofarmacológicas, elas também procuram minimizar, ao menos momentaneamente, os sintomas de outras perturbações emocionais.

Assim, conforme a observação de Passeti (1991, p. 58-60), como produto médico, a droga lícita ou ilícita, é utilizada para recolocar o usuário “dentro da normalidade social”. Fora do âmbito terapêutico, ela também ajuda o indivíduo a se enquadrar na ordem ou, ao menos, suportar a tirania da sua submissão. De ambos os lados, a droga é cura e doença,

17 Não estão sendo abordados neste estudo estados alucinantes e delirantes provenientes de intoxicação grave com droga ou decorrente de quadros “patológicos de dependência” a exemplo do delirium-tremens ou delírium de abstinência do álcool, não raro nos casos avançados de alcoolismo. Ver sobre este assunto Andrade; Fortes, (1991) e Castilo; Miguel Filho, (1991)

“afeta a alma do sujeito, quer recuperando-a”, reintegrando-a à normalidade, “quer perdendo-a”, extirpando-a do corpo “social normal”.

A dependência de droga, assim como o pânico e a depressão, sinaliza, pois, o limite ao qual o homem e a humanidade estão se expondo. Ela emerge da necessidade e do esforço dos sujeitos de seguirem a lógica de organização dessa sociedade. Mas, de forma ambígua, ela traz à tona uma reação-repulsão a esse modelo de organização, em forma de compulsão contrária ao frenetismo das mudanças, das novidades, das velocidades, das oscilações. Baudrillard (1992) sugere que a droga, como fenômeno extremo, nos protege do embrutecimento racional, da socialização normativa e da programação universal. “O caos serve de limite ao que, sem isso, iria perder-se no vácuo absoluto”, na catástrofe absoluta (p. 75). Sob a ótica da relação ordem/desordem, interpretada por Balandier (1997b), a dependência de droga, como “desordem” emocional, pode ser compreendida como evidência do excesso e da tirania da lógica da “ordem” social contemporânea e do seu impacto destrutivo sobre a interioridade dos indivíduos.

CONCLUSÕES

O estudo focalizou a dependência de droga no contexto social contemporâneo na perspectiva da relação do indivíduo com a substância, a partir de vínculos estabelecidos por imperativos sociais. Nessa linha de interpretação, a análise procurou reconstituir as trajetórias de consumo de droga pelos entrevistados da pesquisa, através da reconstrução da memória desses atores sociais.

O caminho analítico permitiu aprofundar alguns pressupostos apontados no início do trabalho. Estes pressupostos foram lançados tendo em vista desenvolver a ideia central do estudo de que a emergência da dependência de droga, hoje, deve-se, em parte, ao impacto da contemporaneidade sobre a interioridade dos indivíduos.

Neste sentido, foi necessário, inicialmente, fundamentar a argumentação de que a dependência de substâncias psicoativas é um fenômeno específico da modernidade. Para isto, mostrou-se importante buscar referências de uso de droga em outros contextos sociais diferentes dos cenários modernos.

Através da análise do uso de substâncias psicoativas em três comunidades indígenas da região amazônica - os índios Piaroa, os Wailka e os Tukano - foi possível observar que as

drogas, de fato, adquirem significativo papel como elemento das práticas rituais daqueles contextos. As substâncias psicoativas, do mesmo modo que as dança, as músicas, as artes ornamentais e outros componentes do sistema simbólicos dessas sociedades, configuram o cenário de comunhão com as forças sobrenaturais. Nessas culturas, fortemente orientadas pelo sagrado, as drogas alucinógenas são sacralizadas justamente pelo valor mítico e curativo que representam. Estas substâncias se tornam imprescindíveis nas cerimônias de evocação dos deuses e das forças espirituais. As drogas evidenciam-se, assim, como importante elemento de mediação do sagrado constitutivo daqueles universos culturais.

Na verdade, as substâncias psicoativas sempre exerceram importante papel como elemento de mediação na relação do homem com seu contexto natural e social. A partir das visões de mundo e das condições de sobrevivência em cada sociedade, os atores sociais criam seus símbolos, seus parâmetros de segurança, de prazer, de felicidade; definem suas relações entre si e seu universo físico e cultural. As drogas emergem, em cada espaço social, como elemento mediador dessa relação. Elas surgem como intermediárias das forças ocultas ou racionalidades motoras da lógica de viver, socialmente construída, que se impõe aos atores sociais.

Assim sendo, nas diferentes culturas, as substâncias psicoativas sempre são acionadas como suporte para que os sujeitos acompanhem e reproduzam a lógica de organização

social prevalecente em seus contextos sociais. A importância das drogas nas diversas culturas expressa-se conforme as funções que elas adquirem em cada sociedade: místico-religiosas, artístico-criativas, terapêuticas, sociointegradoras, atenuante de tensões sociais. As ocasiões e os níveis de consumo, as formas individuais e coletivas de controle de uso são estabelecidas nos espaços rituais.

Todavia, há um traço marcante, inerente à lógica de organização social, que caracteriza as sociedades indígenas e tradicionais. Estas sociedades trilharam seus rumos com base numa certeza fundamental que configura a relação dos atores sociais entre si e com o mundo - a de que os poderes regentes da natureza e da existência pertencem ao domínio dos deuses e dos mitos que, nesses contextos, têm a função de controlar o destino dos homens e da sociedade. Os espaços e os elementos de ritualização e de comunhão com o sagrado são, nessas comunidades, cenários e artifícios simbólicos de estabelecimento da ordem e de revitalização da lógica que mantém a organização social. Assim sendo, nessas culturas, a droga não se traduz como objeto de desordem nem da sociedade, nem dos indivíduos; ao contrário, ela tem um importante significado como componente dos cenários rituais de ordenação social.

Da mesma forma que as sociedades tradicionais, o mundo moderno também constrói seus princípios e parâmetros de ordenação social. Mas, nas sociedades atuais, orientadas

para a produção ilimitada de riquezas e para a ostentação, as novas racionalidades não mais se fundamentam nos saberes e nos poderes dos deuses. Na atualidade, elas são instauradas e legitimadas tendo por base o instável conhecimento técnico e científico, permanentemente em construção e atualização, fortemente influenciado por interesses econômico e políticos dominantes nas sociedades.

Neste cenário, a liberdade promovida pela modernidade e a exaltação do eu, como performance de onipotência, substanciam o impulso do desenvolvimento. O homem moderno exalta a capacidade de dominação e de posse do mundo; expressa uma necessidade vital de exposição e superação de riscos e tem aspirações ilimitadas. Mas, as exigências impostas aos sujeitos, no contexto contemporâneo, estão muito além de sua capacidade de responder.

Não obstante os avanços da ciência e o processo acelerado de dominação da natureza, na modernidade, a rapidez das mudanças desorienta os indivíduos e enfraquece os novos espaços de ordenação social. Estes espaços perdem o poder de fornecer respostas e segurança aos sujeitos; tornam-se impotentes para exercer a gestão da desordem. A instabilidade e a incerteza da contemporaneidade tornam angustiante e infinita a busca natural de satisfação dos indivíduos, criando um estado de desamparo social e de crescente mal-estar (BALANDIER, 1997b; FREUD, 1997).

Na contemporaneidade, conforme observa Lasch (1983), essas condições de desamparo contribuíram fortemente para o florescimento do individualismo de caráter narcisista desprovido de uma ética social. A luta permanente para atingir o inatingível e para superar o sentimento de incompetência, segundo o referido autor, favorece à emergência dos traços narcisistas presentes em vários graus em todos nós. No horizonte de busca do sucesso e de destaque, a perseguição destes ideais é o que parece dar sentido à existência. Os homens contemporâneos lançados à exaustiva estetização do eu, em número cada vez mais crescente, sofrem de um sentimento angustiante de fracasso e de abandono, que afeta profundamente sua interioridade.

Assim, no cenário contemporâneo, são destruídos os tradicionais espaços rituais de consumo das drogas, de comunicação com o sagrado e de ordenação social. As substâncias mantêm seu poder de encantamento, mas perdem a função de mediação com as forças e o amparo dos deuses. Agora, elas são convocadas a auxiliar os indivíduos a extrair força de seu próprio interior para seguir a lógica de viver que a eles se impõe.

As substâncias passam a oferecer euforia, ânimo e coragem para que os sujeitos, sobretudo aqueles mais expostos ao impacto corrosivo da contemporaneidade, permaneçam na luta da busca da estetização da existência e dos ideais de sucesso e de vitória. Mas, as drogas também

fascinam os indivíduos atuando como anestésico, apacando a angústia e o sofrimento psíquico causados pelos sentimentos de incompetência e de fracasso. Estas são, portanto, condições sociais da atualidade, que favorecem a emergência do uso intensificado de droga.

A partir do entendimento de que o uso intensificado de droga configurado como dependência é um fenômeno específico da modernidade, os passos seguintes do estudo foram no sentido de analisar as condições de intensificação do uso dessas substâncias pelos sujeitos da pesquisa. Para isto, foram destacados um momento na vida e uma situação social de maior exposição destes sujeitos aos imperativos de seus contextos sociais: a juventude e o trabalho.

A reconstrução da memória dos participantes da pesquisa, através de seus próprios relatos, possibilitou a reconstituição de suas trajetórias de consumo das substâncias, que correspondem a etapas significativas da vida desses atores sociais. A recomposição desses itinerários permitiu perceber que vários sujeitos, desde a adolescência, alguns ainda na infância, já estavam fortemente expostos aos imperativos de sucesso e de estetização da existência estabelecidos pelos seus contextos sociais.

Ao entrarem em contato com as drogas, esses jovens encontraram nas substâncias a fonte de energia de que necessitavam para tentar responder às expectativas dos outros e deles próprios com relação à sua performance, nesse momento

de entrada na vida social. A busca de ser o melhor, a luta para vencer a timidez, a necessidade de comandar situações e de exposição a riscos constituíram imperativos reconstruídos pelos sujeitos, em suas histórias, que os impulsionaram ao uso intensivo da droga. Nestas circunstâncias, estes sujeitos já procuravam sentido de existir e alívio para seu sofrimento psíquico.

Nessa fase inicial do consumo e em momentos posteriores, a relação de encantamento dos sujeitos com a droga se deve ao fato de a substância auxiliá-los na perseguição de sucesso, de destaque e de outros referenciais que lhes conferem valorização e status de competência na vida. Mas, nesse momento, a droga é fascinante também por aliviar as angústias das perdas, dos fracassos e das tensões decorrentes do enfrentamento aos riscos e da perseguição àqueles referenciais.

As histórias dos sujeitos também permitiram perceber que a esfera do trabalho é outra arena de forte exposição dos indivíduos aos impactos da contemporaneidade. Neste espaço, são cobrados dos sujeitos atributos de habilidade, de destreza e de competência na vida. Este é o cenário em que vários entrevistados do estudo, ao menos numa primeira fase do consumo da droga, puderam exercer a exaltação do eu, através de seu desempenho profissional, auxiliados pela

substância. Mas, é também no plano do trabalho - nas relações com os colegas, com os chefes e com o mundo externo ligado ao contexto profissional - que o sujeito é submetido a forte carga de exigências e de ansiedade.

Conforme observa Sennett (1999), as atuais práticas competitivas, com vistas à maximização da produção – a imprevisibilidade, a instabilidade, o risco, a deslealdade nas relações de trabalho – implementam diversas formas de pressão psicológicas sobre os sujeitos e têm efeito corrosivo sobre seu caráter. A ansiedade, gerada nas organizações de trabalho, coloca em perigo o equilíbrio mental dos trabalhadores. A grande carga de tensão, resultante das pressões psicológicas, contamina outras relações fora do ambiente de trabalho, sobretudo, as relações familiares, generalizando-se o mal-estar emocional.

Para suportar o sofrimento que emerge das condições sociais no trabalho, os sujeitos elaboram estratégias individuais e coletivas de defesa. Atividades de diversão – jogos, brincadeiras, encontros comemorativos e reuniões de final de semana, inclusive com uso intensivo de bebidas – são práticas comuns de funcionários das empresas dos vários setores. Essas estratégias defensivas, entretanto, não conseguem diluir o volume das tensões acumuladas no cotidiano de trabalho. Além disto, elas também são elaboradas dentro dos atuais parâmetros de competição.

Os espaços de diversão também são locais de busca de evidência, onde os indivíduos tentam exaltar atributos de coragem, de competência, de capacidade de vencer e de ser o melhor. Muitas vezes, as ansiedades, as disputas, as tensões do local de trabalho acabam sendo transferidas para esses outros espaços de relações sociais. Mas, os sujeitos não conseguem perceber a relação entre seu estado de ansiedade e suas condições de trabalho, portanto, ficam imobilizados. Intensifica-se seu sentimento de fracasso e de incompetência, agravando, dessa forma, seu sofrimento mental. O desamparo configurado na dependência da droga emerge também na depressão, no pânico e em outros sintomas emocionais.

De fato, o processo devastador da contemporaneidade sobre a interioridade dos indivíduos, revelado na dependência de droga, vem trazendo danos irreversíveis aos sujeitos e à humanidade. Os traumas emocionais, as perdas afetivas e materiais dos entrevistados da pesquisa estão no registro de suas memórias; muitos destes traumas foram contados em seus relatos, outros estão velados em seus silêncios. São encantos e desencantos de existências que o trabalho seletivo da memória de atores sociais tenta reordenar (POLLAK, 1992). Os dependentes químicos em tratamento, sujeitos do estudo, são, sem dúvida, alguns sobreviventes e refugiados de uma guerra em que o inimigo destruidor não é a droga, mas a esmagadora condição de existência no mal-estar da atualidade.

Contudo, como parte do movimento de ordem, desordem e reconstrução inerente à própria vida, o processo de deterioração dos atores sociais pela dependência de droga, pelo menos para alguns, também sinaliza recomeço. Os sujeitos do estudo, ao se depararem com o caos, são levados a buscar saídas que garantam sua sobrevivência física e emocional. A procura do tratamento para dependência é uma indicação da busca de caminho para a reconstrução.

Ao longo de suas trajetórias de vida e de consumo das substâncias, os sujeitos acumularam experiência que os possibilita reconstruírem itinerários de vida e de reorganização da existência sem o recurso das drogas. Isso tem se tornado possível, quando estes sujeitos encontram espaços e interlocutores que os auxiliem no lento processo de autoconhecimento, de elaboração de novas defesas contra o mal-estar e o sofrimento emocional.

Todos os sujeitos da pesquisa, mesmo os que ainda mantêm o consumo da droga, reconhecem a dependência e sua relação compulsiva com a substância. As explicações médicas e psicológicas confirmam suas próprias experiências de tentativas solitárias e mal sucedidas de suspensão do uso do produto. A troca e o incremento de substâncias de dependência, as mudanças de comportamento, a procura de diferentes tratamentos são naturais nos processos de incursão na dependência e nas buscas de sua superação.

Na verdade, a passagem para a vida sem a droga consiste num processo difícil e doloroso em que os sujeitos precisam enfrentar pressões internas e externas das motivações para o retorno ao consumo. A mudança de estilo de vida, a reelaboração de valores e de percepção de si e do mundo, o estabelecimento de limites são alguns critérios a serem seguidos pelos sujeitos que procuram a recuperação.

No caso dos entrevistados da pesquisa cujo tratamento não tinha como base principal o encontro profundo com seu vazio existencial – os participantes do PAIAD/UFPB –, a abstinência ocorre pela substituição da droga por outro elemento de dependência: o grupo de recuperação, o trabalho. Mas, as evidências de sobriedade mais duradoura ocorrem com a substituição da relação de dependência da droga pela dependência de outro sagrado. Este encontro com um poder sobrenatural acontece paralelamente ao tratamento terapêutico ou no próprio trabalho de recuperação. As terapias, à base de os “Doze Passos” adotados em Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos, colocam como condição primordial para a recuperação a ligação com um “Poder Superior”. As histórias de Mauro e de Pedro, entre outros sujeitos do estudo, tomaram essa direção.

A admissão da dependência e da impossibilidade de onipotência diante da vida é, portanto, o primeiro passo em todas as histórias de recomeço dos sujeitos do estudo. A fala de um dos participantes do PAIAD/UFPB, dependente de álcool,

ao coordenar uma das reuniões de estudo sobre os “Doze Passos”, revela a necessidade do indivíduo em tratamento de submissão e dependência a uma força superior, capaz de reorientar sua vida:

No primeiro passo, a vida estava desgovernada. No segundo, eu coloquei outro governador na minha vida, que é um Poder Superior a mim; tem que ter um Poder Superior para nos governar. No terceiro passo, temos que entregar nossa vida aos cuidados do Poder Superior. Então, vou me tornar dependente de uma força superior, para me livrar justamente da dependência química do álcool, do tabaco, de outras dependências. (...) A gente vai trabalhar, mas a gente tem que ter essa fonte de energia, para a gente tocar realmente o barquinho de nossa vida (Participante do PAIAD/UFPB e membro de AA).

No tratamento de base psicanalítica do RAID, os sujeitos são orientados e estimulados a buscar o encontro com seu eu interior, a reelaborar projetos executáveis de vida, a reencontrar seu sentido de existir. Mas, este caminho do autoconhecimento é também o do reconhecimento do vazio, da dependência e da admissão da impossibilidade de onipotência perante a vida. Após as descobertas, a busca de superação do caos é uma opção do sujeito. Mas, para os atores sociais retomarem novo estilo de vida, novas fontes de energia internas e externas precisam ser acionadas.

A partir das histórias dos entrevistados da pesquisa, o estudo tem como propósito contribuir para o amplo debate sobre o tema de inegável complexidade e ainda susceptível de profundas investigações das diversas áreas de conhecimento. Os itinerários analíticos traçados neste livro nos deixam algumas pistas sobre como olhar e agir, como sujeitos sociais, sobre o fenômeno do uso intensivo de droga na atualidade.

Um passo inicial é, certamente, a compreensão de que estamos todos submersos em imensa engrenagem e racionalidade econômicas e culturais, que impõem parâmetros de desempenho, de realização e de sucesso, humanamente impossíveis de serem atendidos. Os passos seguintes, seguramente virão no sentido do estabelecimento de lógicas alternativas de vida, individuais e coletivas, de novas racionalidades focadas na reconstrução e reordenação da vida, no sentido humanitário e global, que direcionem os sujeitos sociais para o reencontro com sua interioridade e com o sentido construtivo de existir, nos planos pessoal, planetário e universal.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ygor D. D. **Um vício deselegante: o preconceito racial e a transformação da maconha em problema público no Brasil.** 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC. São Paulo.

ANDRADE, G. A.; FORTES, J. R. A. Comprometimento psíquico no Alcoolismo. In: FORTE, J. R. A.; CARDO, W. N. (org.) **Alcoolismo: diagnóstico e tratamento.** São Paulo: Ed. Sarvier, 1991.

BALANDIER, George. **O contorno: poder e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.

_____. **A desordem: elogio do movimento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.

_____. **O dédalo: para finalizar o século XX.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal.** 2ª. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas - SP: Papyrus, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BECKER Howards. **Métodos de pesquisa em ciências sociais.** Trad. M. Estevão; R. Aguiar. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BERRIDGE, Virgínia. Dependência: história dos conceitos e teorias. In: EDWARDS, Griffith; LADER, Malcolni. **A natureza da dependência de droga**. Trad. Rose E. Staresta. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BERTOLETE, J. M. Conceitos em alcoolismo. In: RAMOS, S. P; BERTOLETE, J. M. (org.) **Alcoolismo hoje**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BETTARELLO, S; BRASILIANO, S; FORTES, J.R.A. Psicoterapia de alcoolistas. In: FORTE, J. R. A; CARDO, W. N. (org.) **Alcoolismo: diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Ed. Sarvier, 1991.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BUCHER, Richard. Visão histórica e antropológica das drogas. In: BUCHER, R. (org.) **Prevenção ao uso indevido de drogas**. Vol. 1. 2ª. ed. Brasília: Ed. UNB. 1991.

CAMPANA, Angelo A. M. Álcool e empresa. In: RAMOS, S. P; BERTOLETE, J. M. (org.) **Alcoolismo hoje**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CASTELLS, Manuel. **Fim de milênio**. 2ª. ed. Trad. Klaus Brandini Gerhandt e Roneide Venancio Majer. (A era da informação, economia, sociedade e cultura, v. 3). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILO J. C. R; MIGUEL FILHO, E. C. Delirium tremens. In: FORTE, J. R. A; CARDO, W. N. (org.) **Alcoolismo: diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Ed. Sarvier, 1991.

CENTRO COLABORADOR DA OMS PARA CLASSIFICAÇÃO DE DOENÇAS EM PORTUGUÊS. Faculdade de Saúde Pública da USP. Décima Revisão da Classificação Internacional de doenças e de Problemas Relacionados à saúde - CID 10. São Paulo, 1993.

DEBORD, Guy. **La société du spectacle**. Paris: Editora Gallimurd, 1992.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. 5ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

EHRENBERG, Alain. **La fatigue d'être soi**: depression et société. Paris: Editions Odile Jacob, 1998.

_____. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Org. e Trad. BENDASSILLI. P. F. Aparecida - SP. Ed Ideias e Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

_____. O mal-estar na civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. v. XXI. 67-95p

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. v. XIV. 75-113p

_____. **Inibições, sintomas e angústia.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 2001.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** 2a. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

_____. **Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical.** São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

GONÇALVES FILHO, J. M. Olhar e memória. In AGUIAR, F. et. al. **O Olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas.** 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HENMAN, Anthony R. A guerra às drogas é uma guerra etnocida: um estudo do uso da maconha entre os índios Tenentehara do Maranhão. In: ZALUAR, Alba. **Drogas e cidadania: repressão ou redução dos riscos.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

HIRATA, Edson S. Programa de alcoolismo inserido na empresa. In: FORTE, J. R. A; CARDO, W. N. (org.) **Alcoolismo: diagnóstico e tratamento.** São Paulo: Ed. Sarvier, 1991.

INSTITUTO RAID. Programa terapêutico. Recife, 2002.

KOLTAI, Caterina. **Política e Psicanálise. O estrangeiro.** São Paulo: Editora Escuta, 2000.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio.** Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, David. **La sociologia du risque. Que-sais?**
Paris: PUF, 1995.

_____. **Passions du risque.** Paris: Éditions Métailié, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tópicos.** São Paulo:
Companhia das Letras, 1996.

MACRAE, Edward. A importância dos fatores socioculturais na determinação da política oficial sobre o uso ritual de Ayahuasca. In: ZALUAR, Alba. **Drogas e cidadania: repressão ou redução dos riscos.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. A abordagem etnográfica do uso de drogas. In: MESQUITA, F; BASTOS, F. I. **Droga e AIDS,** estratégias de redução de danos. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

MESQUITA, F; BASTOS, F. I. **Droga e AIDS,** estratégias de redução de danos. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

MINAYO, Maria C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 4ª. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1996.

MONOD, Jean. Os Piaroa e o invisível. In: COELHO, V. P. (Org.) **Os alucinógenos e o mundo simbólico.** São Paulo: Ed. Universitária de São Paulo, 1976.

MORIN, Edgar. **Une politique de civilization.** Paris: Arléa, 1997.

OLIVEIRA, L. Helena. Drogas: a longa viagem de volta. Revista Saúde, São Paulo: Editora Abril, p. 38-47, ago. 1998.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. CID-10 - **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1993.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Manual da classificação estatística internacional de doenças, lesões causas de óbito**. 9ª rev. São Paulo: Centro da OMS para Classificação de Doenças em Português; 1975.

PASSETTI, Edson. **Das “fumeries” ao narcotráfico**. São Paulo: Educ, 1991.

PERES, Andréia. Drogas tem saída? Revista Cláudia, São Paulo: Editora Abril, p. 30-36, out. 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, no.10, 1992. P. 2002-2012

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, no.3, 1989. P. 3-15

QUINTINO, E. S. G. **Os jovens, a metrópole e um futuro incerto**. 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC. São Paulo.

RAMOS, R. T. Alcoolismo feminino. In: FORTE, J. R. A; CARDO, W. N. (org.) **Alcoolismo: diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Ed. Sarvier, 1991.

RAMOS, S. P. Grupoterapia para alcoolistas. In: RAMOS, S. P; BERTOLOTE, J. M. (org.) **Alcoolismo hoje**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REICHEL-DOLMATOFF, G. O contexto cultural de um alucinógeno aborígine: Banisteriopsis Caapi. In: COELHO, V. P. (Org.) **Os alucinógenos e o mundo simbólico**. São Paulo: Ed. Universitária de São Paulo, 1976.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SÁ, Domingos B. Capacidade civil: um direito penal? In: BASTOS, F. I.; GONÇALVES, O. **Droga é legal? um debate autorizado**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1993.

SEITZ, George J. Os Waika e suas drogas. In: COELHO, V. P. (Org.) **Os alucinógenos e o mundo simbólico**. São Paulo: Ed. Universitária de São Paulo, 1976.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

VELHO, Gilberto. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, Alba. **Drogas e cidadania: repressão ou redução dos riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ZALUAR, Alba. A criminalização da droga e o reencantamento do mal. In: ZALUAR, Alba. **Drogas e cidadania: repressão ou redução dos riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

_____. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan - Ed. UFRJ, 1994b.